TODAS AS OBRAS

QUE SE CONHECEM ATÉ HOJE

CASIMIRO DE ABREU

CASIMIRO J. M. DE ABREU

AS PRIMAVERAS

2.ª EDIÇÃO (3.ª DE LISBOA)

ACCRESCENTADA COM NOVAS POESIAS

O CAMÕES E O JÁO

E

DOIS ROMANCES EM PROSA

O

JUIZO CRITICO DE VARIOS ESCRIPTORES BRAZILEIROS

E

UM PROLOGO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA
112 —*Typ. do Panorama, Rua do Arco do Bandeira*—112

1867

Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto.

A CASIMIRO DE ABREU

I

Pesa uma fatalidade notavel sobre a litteratura ou pelo menos sobre a poesia brazileira contemporanea. Quando esse paiz juvenil precisava, para proclamar a sua autonomia litteraria depois de haver proclamado a sua autonomia politica, de que todos os talentos tambem juvenis e ardentes, impregnados tambem nas idéas novas que tinham germinado ao calido sopro da brisa do Ypiranga se agrupassem em torno do pendão auri-verde, e entoassem com enthusiasmo os hymnos inspirados pela musa dos tropicos, pelo genio protector d'esses bosques immensos, a cuja sombra os errantes aventureiros do seculo XVI tinham afinal assentado os lares d'essa nova nacionalidade, veio a morte implacavel e ceifou os homens em que o Brazil mais confiava para serem os chefes da nova cruzada. Por tres vezes uma vaga melodia, um cantico ineffavel, todo perfumado com as fragrancias ardentes das noites tropicaes, todo banhado nas brancas ondas do luar americano, por tres vezes esse canto dulcissimo, em que suspiravam os echos dos gorgeios do sabiá, fez erguer a cabeça ao povo brazileiro, promettendo-lhe um poeta verdadeiramente nacional, um genio inspirado pela musa nativa, como que embalado na rede suspensa das bananeiras, educado pelos murmurios das florestas virgens, pelo estridor das catadupas, pelas fadas lascivas que á noite povoam os fraguedos de Guanabara, e, com a harpa d'oiro em punho, com a fronte cingida d'um raio voluptuoso, que desprende o morbido scintillar das estrellas, soltam á brisa do largo os hymnos infeitiçados. Tres vezes expirou o canto, apenas vibrára as primeiras notas: tres vezes os echos espantados esperaram em vão que a lyra argentea desferisse novas melodias; tres vezes emfim veio o es-

pectro da morte, e com o bafo pestilencial murchou na fronte do cantor a rosea grinalda da juventude, quebrou com a mão descarnada as cordas do instrumento divino, e semi-apagou no livro d'oiro da immortalidade os nomes já alli inscriptos de tres grandes poetas.

Esses nomes eram os seguintes: Alvares d'Azevedo, Junqueira Freire, e Casimiro d'Abreu.

Não se supponha comtudo que eu desconheça a existencia d'uma pleiade notavel de poetas brasileiros. Eu que sigo todos os mezes com sympathia verdadeira o movimento litterario do Brazil, melhor do que ninguem posso dizer que referve um Etna de poesia no espirito d'esses portuguezes da America. Entre os poetas que enxameiam n'essa colmeia enorme que vai do Amazonas ao Plata, muitos ha que devem occupar um lugar distincto na litteratura universal. Mas, talentos cultivados, nutridos com o leite da civilisação européa, involtos no turbilhão que irrompendo de Paris percorre o mundo inteiro, e arrasta na sua attracção fascinadora os maiores espiritos, os mais sublimes pensadores, não correspondem tanto, como seria para desejar, ao que se espera dos poetas filhos d'essas regiões, onde suppomos que a phantasia deve esplender como prisma brilhantissimo, em que se refranjam, colorindo-se ardentemente, os raios d'um sol de fogo.

Estes tres poetas, por isso mesmo que eram talvez mais rebeldes ás leis severas promulgadas pelos legisladores litterarios, menos conhecedores das litteraturas européas, que, possuidoras dos mais brilhantes exemplares, involuntariamente os incrustam no espirito d'aquelles que as estudam, por isso mesmo talvez o genio d'esses tres poetas, mortos em flor, tinha uma espontaneidade, um sabor nacional, que falta a outros que aliás occupam um lugar muito mais elevado na hierarchia da intelligencia. Gonçalves Dias e Magalhães, os dois grandes poetas de que o Brazil se ufana, attrahidos para a Europa pela fascinação que em todos os espiritos avidos de cultura exerce este grande foco civilisador, passando uma grande parte da sua vida nas capitaes européas, como podiam eximir-se ás seducções da grande poesia philosophica e scismadora de que Lamartine e Victor Hugo teem sido os corypheus? Alvares d'Azevedo, Junqueira Freire, e Casimiro d'Abreu, porque as circumstancias especiaes da sua curta existencia lhes não permittiram immergir-se tanto no estudo e na confrontação de modelos litterarios, porque não tiveram tempo senão de ouvir a brisa gemer nas florestas natães, meneando as fo-

lhas de cristal do aracui, possuiam, em maior ou menor grau, todos os predicados e os defeitos da espontaneidade; eram verdadeiramente americanos pelo ardor dos sentimentos, pela febre das paixões, pelo volcanico da phrase. Genios tropicaes, havia n'elles uma poesia luxuriante como a vegetação do Amazonas, fulgida, gongorica, enthusiastica e delirante. Os versos saiam-lhes muitas vezes rebeldes á lei do metro, uma folhagem parasita de metaphoras se lhes enroscava á roda das estrophes cinzeladas: estavam longe sempre da elegia singela, sobria, e correcta de Gonçalves Dias, da meditação philosophica e austera de Magalhães. Mas esse desbordar de poesia harmonisava bem com o tumultuar da seiva que referve no amago das arvores da America. E esse delirio de noites d'estio, que Alvares d'Azevedo intitula *Sonhando*, essa aspiração louca, ardentissima, calcinada por uma sede insaciavel d'amor que se nota na *Estrella Vesper* de Junqueira Freire, essas revelações de criança apaixonada que lêmos nas *Primaveras* de Casimiro d'Abreu revelam tão evidentemente a inspiração americana, como os beija-flores e os canindés mostram que foi o sol do Brazil que lhes incendeu uma chamma azul, vermelha ou doirada em cada pluma da aza, como o ananaz, o araçá ou o caju dizem que só as calidas fragrancias das terras de Santa Cruz podiam perfumar-lhes a polpa, dando ao sabor dos fructos o aroma das flores.

A Casimiro d'Abreu se referem as breves paginas com que prefaciamos as suas obras completas. É audaciosa a tentativa, porque uma outra edição das *Primaveras* feita no Porto é precedida por um brilhante artigo critico devido á penna do meu bom amigo e illustre escriptor Ramalho Ortigão. Alvares de Azevedo fôra apresentado ao publico portuguez por Lopes de Mendonça. Junqueira Freire foi-nos revelado por um artigo que o sr. Pereira da Silva, um dos primeiros escriptores do Brazil, inserio n'uma das suas mais notaveis obras. Casimiro d'Abreu não teve honrarias inferiores ás que os seus confrades em genio e desventura haviam obtido. Ramalho Ortigão, que é hoje indubitavelmente o nosso primeiro critico, prestou homenagem digna de ambos, ao infeliz poeta brasileiro. Se ouso entrar na mesma senda não é porque não reconheça que o assumpto já foi tratado com todos os primores de linguagem, de estylo e de critica pelo escriptor portuense. Mas é esta uma divida antiga contrahida para com a memoria de Casimiro d'Abreu, logo que li pela primeira vez os seus versos. Tendo feito um estudo sobre

tres poetas portuguezes, ligados pelo infortunio (Correia Caldeira, Lobato Pires, Soares de Passos) tencionei logo consagrar um estudo identico aos tres juvenis poetas brazileiros. Satisfaço agora uma porção da divida.

II

«Antes a poesia sem o verso do que o verso sem a poesia; antes verdadeiro poeta pelo coração do que eximio versejador pela cabeça.

«Casimiro d'Abreu, auctor d'este bello livro das *Primaveras* que eu acabo de fechar é d'isso o melhor exemplo. Desconhece os segredos de linguagem com que se enfeita a pobreza do espirito, não estudou em alheios moldes a forma em que tem de vazar-se a inspiração, não aprendeu a mechanica de palavra nem o contra ponto da versificação. Não é um genio desenvolvido nem um grande litterato; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira-se, lamenta-se, chora. Diz-nos simplesmente o que sente, dá-nos em cada verso um sorriso ou uma lagrima; em cada estrophe um pedaço da sua alma, e, sem o querer, sem o pensar talvez. offerece-nos no seu livro das *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance d'um coração, um poema inteiro cujo heroe é o auctor.»

N'estas palavras resumio concisamente o sr. Ramalho Ortigão tudo o que se pode dizer d'essa vigorosa e mallograda individualidade litteraria. Espontaneidade, ardor muitas vezes irreflectido, expansão fervente de todos os sentimentos que lhe abrazavam a alma; eis o que temos a admirar nas poesias que Abreu escrevia sobre o joelho, quando o pungiam saudades lancinantes, quando o abrazava uma louca paixão, quando o salteiava um funebre presentimento. Como se receiasse que a morte o viesse interromper antes de tempo. Casimiro d'Abreu desfolhava com as mãos febris as flores da sua dupla grinalda de poesia e de juventude. Essas petalas de rosa, ainda hoje perfumadas e coloridas, são as que appareceram colligidas com o titulo de *Primaveras*, e que tão grande e tão legitimo successo obtiveram em Portugal, successo que duplicou quando o publico soube que essa primavera tão abundante de flores e de perfumes, em vez de continuar nos ardores do estio, terminara nos regelos do tumulo.

Foi curta como um sonho de noite de Maio a existencia do

poeta, curta e amargurada. Teve as sombras nocturnas a toldarem-lhe o esplendor da aurora; por entre as arvores floridas que lhe assombravam as ridentes lamedas da vida nos primeiros passos surgio-lhe. como esse branco phantasma que o infeliz Carlos VI de França vio levantar-se-lhe ante o corcel na deveza da floresta, o espectro lugubre da morte. Não foi n'um ceo azul que estalou de repente o raio; o anjo fatal veio, como a aguia de Jupiter, raptar este novo Ganymedes em todo o esplendor da mocidade para o sentar nos celestes convivios; o presentimento veio entristecer-lhe as horas rosadas da sua manhã tão curta. Não pôde dizer com Musset que saciado dos gosos da vida esperava a morte como consoladora do fastio já proximo.

Et que quand on meurt jeune on est aimé des dieux.

Não; Casimiro d'Abreu não viu nunca senão a face negra da vida, e era entre os horrores do exilio que elle erguia a Deos essa prece sublime, toda repassada de lagrimas, e impregnada de melancholia.

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus não seja já.
Eu quero ouvir na larangeira á tarde
Cantar o sabiá.

Concedeu-lhe Deos essa ventura suprema, levou-o ao Brazil porque elle anhelava, e permittio que um raio das estrellas fulgurantes do céu americano lhe illuminasse o cadaver juvenil.

Este amor ardente que tinha á sua patria era uma feição caracteristica do talento de Casimiro d'Abreu; ao invez do que succede habitualmente, Casimiro d'Abreu veio do Brazil procurar fortuna a Portugal; se os nossos compatriotas, no meio dos esplendores dos tropicos, sentem saudades tão profundas da sua branca aldeia, dos seus olivedos viçosos, do seu campanario humilde; como não hade lancinar a nostalgia esses filhos do sol, perdidos na triste Europa, longe dos rios gigantes, do céu de fogo. das florestas colossaes d'esse paiz sublime! por isso elle entoava a canção do exilio, e dizia:

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador,
Eu vivo longe do ninho
Sem carinho.
Sem carinho e sem amor.

Por isso elle, no meio do nosso inverno, erguia o pensamento para essa terra de luz, onde tivera o berço, e entoava um hymno cheio de amor e de saudade ás bellezas da sua patria, hymno onde parece espelhar-se todo o immenso ardor do céo americano.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia.
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas,
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Esse desejo ardente de voltar á sua patria perseguia-o sempre: era o seu sonho constante, o desejo que o animava, que lhe inspirava as suas mais bellas estrophes, porque o são effectivamente os formosos versos d'essa *Canção do exilio*, de que já transcrevi uma quadra e que não resisto ao desejo de transcrever toda, porque n'ella se resume, como em nenhuma outra, a indole litteraria de Casimiro d'Abreu, a fragrancia de melancholia que lhe perfuma os versos, o ardor tropical que transluz em cada estrophe d'esse poeta essencialmente brazileiro:

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

—

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas,
Do que a patria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãi!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céo da patria,
O céo do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céo da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel:
E ver se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho,
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
A voz do sabiá!

—

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias,
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Satisfez-lhe Deus o ardentissimo desejo! foi no Brazil que elle expirou, foi entre as mangueiras banhadas pelo luar que o tumulo se lhe abriu.

Este poeta goza no Brazil e em Portugal d'uma merecida popularidade, comprovada pela necessidade da republicação das suas poesias. A edição, a que estas pobres paginas servem de prefacio, é o mais completo monumento que se tem erguido a Casimiro d'Abreu. Contem não só as poesias e as prosas publicadas nas outras edições, a collecção dos juizos criticos que sobre elle se publicaram nos jornaes brazileiros, mas tambem o *Camões e o Jáo*, scena dramatica, que em Lisboa fez representar, e que foi coroada de applausos, e um fragmento d'um romance publicado na *Illustração luso-brazileira*, que a sua partida para o Brasil, e depois a morte interromperam. Este romance intitulava-se *Camilla*, *Memorias d'uma viagem*. É isto o que torna mais apreciavel esta edição e o que em parte compensa para os leitores o serem substituidas as formosas paginas do sr. Ramalho Ortigão por este modesto prologo que vai assignado por

M. PINHEIRO CHAGAS.

CASIMIRO DE ABREU

I

Vou reavivar em breves traços a memoria de um joven illustre. O Brasil, que tem visto desfolhar-se tantas esperanças em flôr, collocava-o entre os talentos de maior futuro. Não contava com o vento aspero e ardente do seculo, que secca e abraza todos os espiritos nobres, que os arroja, por desfastio, ao gozo immoderado, e após á doença e ao tumulo em idade prematura! Quantos poetas de vinte annos, almas illuminadas por um ideial impossivel, não têm passado por ante nós, que os excedemos tão pouco na idade! Alvares de Azevedo, Gonçalves Braga, Macedo Junior, Junqueira Freire, e outros companheiros d'armas, cedo tiverão a lage do tumulo por leito de campanha, a eternidade como realização de ideial, a gloria posthuma como consagração do merito!

Quereis a decifração do enigma d'esta tuberculisação do corpo social, que vê morrer tão cedo os seus pensadores mais distinctos? Procurai-a na ausencia das crenças moraes, que começa por tirar-nos do coração a religião da mulher, e acaba por enregelar-nos o leito funebre com a negação de Deus. Os utilitarios, profundos machinistas da sociedade, que a querem concertar com peças de sua invenção, esquecerão-se de que, deixando a mão de Deus de ser o impulsor, era a dissolusão certa e inevitavel. Entendêrão que o dinheiro era uma base tão legitima como a abnegação, e derão-nos em troca da litteratura o jornal commercial, do amor desinteressado o casamento por conveniencia, do templo orthodoxo o palacio da Bolsa. E, quando uma cabeça altiva se ergue no meio d'esta sociedade atacada de anémia, perseguem-a os

motejos dos homens positivos, parvos inventados por este seculo de progresso material, que têm o privilegio, sobre os antigos parvos, de serem, não a excepção, mas a regra geral da sociedade.

Poesia! moeda que não tem curso nas bolsas bordadas das meninas de quinze annos, que os homens de estado, mercadores de consciencias, repellem com o pé, que os padres, adoptando o estado ecclesiastico como officio, proscrevem dos seus templos; onde irás achar um abrigo? Onde irás tu, filha querida dos seculos de crença, enxugar a tunica alagada pelos suores de tua longa peregrinação? Quem te dará o pão da compaixão, um céo que não tenha fumo industrial, um gabinete litterario sem discussão de cotações mercantis?

Eras em tempos melhores a querida das damas. Davão-te o regaço por almofada, premiavão-te com doces beijos, querião-te para companheira da solidão. Os circulos azues em volta aos olhos, a languidez dos cilios, o desfallecimento dos passos, eras tu quem os causava. Agora as damas acordão á vida real ao tinir das moedas de ouro, têm o Potosi como retiro ideial, e um velho barão, rico de dinheiro e parvoice, como suspirado Amadis. Para ellas os romances francezes da escola degenerada do segundo imperio são os de maior attractivo. Não ha alli a perspectiva de immensos cabedaes, bem ou mal adquiridos; não se pintão alli ao vivo, sem véo, sem recatos inuteis os gozos venaes, complemento de uma educação sem idealismo? *Bobos de nova especie*, os principes do talento, os queridos da phantasia, substituirão para estas damas os anões e insensatos da velha sociedade. Brincão com seus affectos extremosos, riem-se de suas crenças, e põem-lhes sobre a fronte, em vez da corôa de louros, o barrete ignobil do caturra. Quando passa um poeta, enigma para estas almas pervertidas, apontão-o ao dedo como um ente curioso. De que planeta cahiu, em que familia zoologica se deve classificar, em que idade ante-diluviana forão creados os seus progenitores? Eis as perguntas que as meninas positivistas mutuamente se dirigem. Mas a curiosidade, qualidade opposta ao calculo utilitario, cessa em breve: tornão ás suas contas de arithmetica, e so se lembrão do pobre poeta quando de passagem o encontrão, para dar-lhe, em troca dos olhares, um risinho de mofa.

Pobre sociedade, pobres educadoras futuras das almas inexperientes!

É este o mal que tem consumido cedo todos os espiritos

nobres. Foi este o mal que viciou nos annos juvenís a organisação do nosso poeta. Quando mais tarde veiu o remedio, quando um anjo de eterno lucto e eterna saudade, excepção de regra n'esta mascarada social, deu-lhe, em troca do amor, affecto igual e sublime, já *Casimiro de Abreu* estava condemnado ao tumulo.

Flôres tardias forão estas, que desabrocharão á sombra dos cyprestes !

II

Ao norte do Rio de Janeiro, desde as serranias altas e negras, proximas á barra, que se desenhão no fundo do horizonte ao navegante que vem de léste, estende-se uma costa tortuosa, ora hirta de rochedos lugubres, bravia, como nas immediações de Maricá: ora, como em Cabo Frio, erguendo-se ao céo em alcantis gigantes, por entre os quaes passão as marés, arremettendo contra os rochedos, tisnados pelos seculos; ora, emfim, como da bahia da Armação ao cabo de S. Thomé, e d'este á foz do Parahyba, abrindo-se, pelas margens dos rios de S. João, Macahé e Macabú, em planicies orladas de brancas praias de areia, semeadas de varzeas esmaltadas de flôres, e coroadas no alto por collinas que vão perder-se ao longe nas recortadas serras de Friburgo. Ha por esta costa povoações assentadas nas barras de todos os rios, no fundo de todas as enseadas, de que desfraldão, ao romper da alva, barcas de pescadores, abrindo a véla ao brando norte, ou ao sudoeste impetuoso, que encapella as ondas, arremeçando-as pela terra dentro. Esta natureza de contrastes rapidos, a que serve de docel um céo de azuladas tardes, ou de vastas tempestades, e cujo horizonte é o oceano infindo, tem avivado muitas imaginações ricas.

Na velha Cabo-Frio, ainda guarnecida, como nos velhos tempos feudaes, de fortalezas e conventos, nasceu o traductor mavioso de Lamartine, *A. G. Teixeira e Sousa*, que nos *Tres dias de um noivado* roubou á terra patria algumas das côres sinistras e delicadas de seus alcantis e prados.

Em Macahé, pequena cidade de casas brancas, gentil na mocidade, que tem praias poeticas como a Imbitiba, grutas mysteriosas como a da Fortaleza, altos como o de Sant'Anna, que convidão a pensar, largando os olhos pelo oceano a perder-se no horizonte, desenvolveu-se um espirito notavel pelo seu talento e erudição o sr. *Velho da Silva*. Quantas vezes não se franjou de pedrarias deslumbrantes a sua rica

phantasia, ao ir pelas manhãs douradas de Maio, cavalgando pelos campos do Barreto, ou por entre as conchas d'aquella praia de neve da Boa-Sica? Quantas vezes não veiu sentar-se ao seu lado na gruta da Fortaleza o velho Ovidio, o seu intimo amigo, a practicar dos antigos mythos da grande Grecia, ou dos tempos em que outros poetas, os poetas de Veneza e Mantua, vinhão tambem scismar á tarde nas grutas de Parthenope, batidas pelo mar de esmeralda?

É n'esta região sombria, ridente e grandiosa que teve o nascimento *Casimiro de Abreu.*

III

Casimiro de Abreu! nome obscuro no seculo dos agiotas e charlatães politicos, nome grande para todos os seculos que prezarem a arte, os affectos nobres que dulcificão a ordem social e a dedicação extrema, — qualidade rara em ambos os mundos aos nettos decahidos do vencedor de Dio e do expugnador de Loanda. Avalião-se hoje as dedicações pelos teres do amigo, pelas facilidades da carteira, ou pelos calculos da utilidade individual de cada um. E venhão fallar de poesia, de amor, de abnegação a burguezes aristocratas, que desprezão todas essas qualidades do pobre, porque não se podem trocar por notas bancarias no edificio da bolsa!

O que significa, pois, entre nós, uma biographia litteraria? Que successos poderemos referir sem excitar o tedio dos raros leitores? D'esta vida, breve em annos, rica em producções, apontaremos apenas as principaes datas. Ao menos a extensão da narrativa não assustará a curiosidade dos que dão alguns minutos ao estudo, depois de haverem dado horas aos entretenimentos de gozo menos ideial.

Casimiro José Marques de Abreu, filho de José Joaquim Marques de Abreu, e de D. Luiza Joaquina das Neves, o primeiro portuguez, a segunda brasileira, nasceu em 4 de Janeiro de 1837 na Barra de S. João. Seu pai era negociante, e destinou-o á sua profissão, apezar do talento para o desenho, que desde a tenra infancia elle mostrava, como primeiro indicio da riqueza de sua imaginação.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da lingua, e aos nove foi para Nova-Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatorios, veiu para o escriptorio do pai no Rio de Janeiro, de onde, mostrando-se indocil á disciplina commercial, foi enviado a 13 de Novem-

bro de 1853 para Lisboa. Ahi as musas, companheiras queridas da sua brilhante mocidade, em breve o cercárão, seguindo-o na excursão que fez pelas margens pittorescas do Douro e Minho. Algumas folhas portuguezas recebêrão com applauso as primicias de seu estro juvenil.

Interesses de familia e ordens paternas, que auxiliavão as saudades do primeiro amor que na patria deixára, o fizerão voltar. Chegou ao Rio em 11 de Julho de 1857, e seguiu para Indayassu, fazenda paterna nas margens do Rio de S. João, onde esteve um mez. Ahi, em vez dos beijos de um primeiro amor quasi infantil. em vez das copas dos laranjaes que acolhião ternos encontros, achou para recordar-se, em estancia pouco distante, os cyprestes de um tumulo, a memoria de um martyrio e o susurrar da viração por entre as folhas das arvores queridas, que lhe lembravão tempos para sempre findos.

Voltando ao Rio, veiu de novo empregar-se no commercio, entrando em Setembro para a casa dos Srs. Camara, Cabral & Costa, onde se conservou até 13 de Junho de 1859. Durante esse periodo medrarão-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se lhe tornou a condição dependente a que os preconceitos paternos o havião condemnado. Não entendião os superiores que as lettras se podessem casar com o commercio; para elles um analphabeto talvez fosse preferivel ao maior genio, e por certo bem duras reprimendas vierão aggravar as intimas dôres d'aquella organisação delicada e nimiamente susceptivel.

A aproximação da morte abrandou a vontade paterna, e o nosso joven poeta partiu a 5 de Abril de 1860 para Indayassú, afim de vizital-o. Recebido o ultimo adeus de quem devia orgulhar-se de tão illustre filho, conservou-se na fazenda até 4 de Junho, epocha em que voltou á côrte. Sorrira-lhe já a fortuna com suas dadivas, pois o pai legára-lhe bens para honesta e descançada existencia, — viera um novo amor perfumar o seu espirito de novas aspirações, — podia pois julgar o seu futuro bello e feliz ao par de sua mãi, de sua irmã querida e d'aquella que tão dignamente lhe vencêra as saudades do primeiro affecto, — quando a mão da morte o tocou e feriu de maneira incuravel.

Conhecendo-se affectado dos pulmões, quiz ir para a Madeira; mas, sendo a estação muito agradavel na serra em que passára a primeira juventude, deliberou-se a ir para Nova-Friburgo, onde chegou a 24 de Julho. Foi d'ahi que veiu a

noticia da sua supposta morte, — que tanto affligiu os amigos das lettras e as almas sensiveis, que já o conhecião pelo volume de poesias que publicára. No fim de Setembro, avizinhando-se a estação invernosa, resolveu voltar á sua fazenda, onde chegou em 3 de Outubro. Filho extremoso, vendo aproximar-se a hora dos ultimos adeuses, mandou chamar sua mãi, que lhe retribuiu em carinhos e dedicação tão grande affecto.

Em breve começarão a faltar-lhe as forças, e foi para o leito esperar pela hora do descanço. — pois para elle, martyr da sensibilidade, não houvera paz possivel na dependencia da sociedade egoista em que vivêra. A religião quiz consolar aquellas dòres d'alma, tão fundas e estremecidas que não podião sahir-lhe do pensamento; — mas o joven ideialista não se prestou a receber os sacramentos, declarando que, tendo a consciencia limpa, de nada tinha que pedir perdão a Deus. Rodeavão-o em prantos alguns parentes e os famulos, que sempre havião encontrado n'elle extrema bondade; voltou-se para elles o agonisante, e perguntou-lhes com placidez estoica:

—Pois a dôr da morte será tão insupportavel!

Quem lhe acenava no cêo. por entre as sombras d'aquelle occaso da vida, que não podião occultar a luz de um mundo melhor? Quem o chamava, com a doce voz do primeiro affecto, que arranca lagrimas ao coração, e povôa de imagens divinas o leito do soffrimento?

Entre este desapego do mundo, que tanto o atormentára, e a esperança de uma reunião proxima, morreu o auctor das *Primaveras*, ás 5 horas e 25 minutos da tarde, no dia 18 de Outubro de 1860.

Seu tumulo singelo, sem monumento da gratidão nacional, está collocado na Barra de S. João, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pai. Acalentão-o ao longe as ondas quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares vêm nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados.

IV

Adeus amigo! Se á sombra d'esses bosques de eterna primavera, que tu e o Dante sonhastes, em que ha amores verdadeiros e desinteressados, em que a alma póde viver e expandir-se sem motejo dos nescios, te lembrares dos companheiros d'armas que deixaste, pede a Deus que abençôe os seus esforços, para que d'esta geração, condemnada ao mar-

tyrio moral, saia outra que assista á regeneração da sociedade! Embora nos lacerem os pés os espinhos da estrada, embora os materialistas se rião de nossos esforços, levemos a nossa crença em holocausto ao altar do futuro, que resume em si a maior ideia de Deus, porque é elle a *eterna esperança.*

Findando estes breves traços, digo adeus tambem por tempo indefinido á litteratura amena. Obscura foi a minha carreira, mas deu-me horas de intimo gozo, que são a minha mais bella recompensa. E' grato para mim, que estreei nas lettras, criança obscura e expatriada, escrevendo em Macahé, e ahi recebendo generosas animações e os primeiros applausos, — consagrar tambem estas ultimas linhas á memoria de um filho d'aquella terra. Sinto verdadeira ufania em poder designar como segunda patria, como berço da intelligencia, como estancia de meus primeiros e aturados estudos, a mesma terra que deu o ser ao Petrarca brasileiro.

REINALDO CARLOS.

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 1862.

(Copiado da Revista Popular do Rio de Janeiro)

AS PRIMAVERAS

DO

SNR. CASIMIRO DE ABREU

Nos dias de prosaico positivismo em que vivemos, acabam as letras brazileiras de receber mais um mimo.

O snr. Casimiro d'Abreu acaba de publicar as suas *Primaveras*. Cumpre ser moço, na verdade, para no meio da indifferença que enregela a sociedade, no meio do borborinho metallico que sôa a todos os ouvidos, levantar a voz sonora e dizer a essa sociedade egoista—Attendei-me!—vou cantar os segredos de ternura da alma humana; vou expôr-vos na lingua a mais doce e harmoniosa os sentimentos que estão nos vossos, como estão em todos os corações, mas de que tão accuradamente vos distrahis.—Cumpre ser moço para tental-o, e cumpre ter recebido do céo essa sublime inspiração, que constitue a verdadeira arte poetica, para conseguil-o. O snr. Casimiro d'Abreu o conseguiu; seus versos são fluentes, ricos de melodia, apropriados ao assumpto, doces como elle. Qual é o assumpto? Podeis perguntal-o? O que póde cantar um moço senão o que lhe transborda do peito?—O amor.

A saudade da patria, a confiança nos destinos d'ella, a saudade da familia, a lembrança do affago materno, do berço do irmão, tudo isso inspira o poeta; tudo quanto é sentimento terno acha-se no seu thesouro. É porém o amor o que mais constante lhe faz vibrar o coração, e a menor leitura do livro basta para mostrar que é escripto com o coração.

Não lhe escaceando o devido tributo de louvor e d'animação, a nossa imprensa deve mostrar ao joven poeta que nem tudo está tão frio, nem tudo é tão indifferente como parece: aqui e alli ainda batem corações sympathicos a todos os sentimentos nobres, nobremente exprimidos, e não faltam espiritos que prezem e cultivem as bellas letras.

Se para esses quizer viver o snr. Casimiro d'Abreu, se tiver a coragem de dizer aos mais—*Odi profanum vulgus et arceo*,—animações lhe não hão-de faltar, e longe de retirar-se da liça, depois de tão bella estreia, accrescentará mais cordas á sua lyra, aproveitará o raro talento de metrificação que mostra possuir, em alguma composição de mais alento. Para então o aguardamos nós; que hoje com tanto prazer lêmos os seus versos e os acceitamos como um agouro ou uma promessa, para collocal-o na primeira linha dos nossos vates e mostrar com analyse de critico os seus titulos a essa gloria.

14 d'outubro de 1859.

DR. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA.

CASIMIRO DE ABREU

PRIMAVERAS

Quereis por ventura vaguear livremente no meio de sonhos e flores, entre sorrisos e galas n'esse jardim sempre viçoso, que se chama mocidade? Quereis, pondo de parte o mundo e suas theórias positivas, embalar-vos por alguns momentos nos braços da phantasia ás melodias ternas e queixosas da lyra do coração? Quereis levar algumas horas pensativo e mudo, bebendo a vida em um raio ardente do sol dos tropicos, a esperança no anil do céo e o amor nas nuvens douradas que brincam no horisonte?

Com a mão no peito e a franqueza nos labios, ninguem ousará dizer—não.

Moço ou velho, alma cheia de fogo ou coração enregelado, todos amam no fundo a natureza com suas festas, a vida com seus esplendores e a mocidade com seus devaneios. Se assim é, abri comigo as *Primaveras* de Casimiro d'Abreu.

Juvenilia! Juvenilia! dizia um poeta latino ao recordar-se das lastimosas apparições, que nos arrancam dos sonhos pueris da primeira idade, e das concepções fogosas que brotam do cerebro e do coração do mancebo. Juvenilia! Juvenilia! é a voz de todos.

Aquelle, no verdor dos annos, com o olhar illuminado pela esperança e tentando ávidamente rasgar o véo que lhe encobre o futuro, pronuncia essas palavras sagradas; bem como este, que, de cabeça encanecida e fronte sulcada de rugas, se volve com saudade para os destroços d'um passado morto e se lembra das flores que ha muito murcharam.

Hymno de enthusiasmo ou elegia funebre, o grito é o mesmo.

Aquelle outro deixa escapar essas vozes sentidas na solidão da floresta ou no silencio de seu gabinete; para o mundo

seu rosto é calmo, sua falla firme, e a alma não se desenha na pupilla dos olhos.

Este não: escreve a divisa na bandeira altiva, e não tem medo que o sol venha alumial-a.

Alli a concentração e o mysterio. aqui toda a expansão de uma alma virgem, porém sempre juvenilia! juvenilia!

No livro de Casimiro d'Abreu encontram-se bellas variações sobre esse thema universal. Folheai essas paginas singelas, vosso coração baterá, muitas e brandas imagens virão cercar-vos; *Primaveras* é uma obra escripta com toda a sinceridade d'um coração novo e ao fogo d'uma imaginação incendiada. Ao traçarmos estas linhas não temos em mira escrever uma critica: é mais modesta nossa aspiração.

Relatar puramente as ideias que nos suscitou a leitura d'esses versos é tudo que almejamos. É a confissão franca das differentes sensações que de nós se apoderaram quando seguimos o poeta no paiz encantado de suas *Primaveras*, confissão simples, é verdade, porém cordial.

As Primaveras formam uma collecção de harmonias singelas, como é singelo o coração, e ao mesmo tempo ardentes, como é ardente a febre: são cantos da mocidade.

Quando se abandona o collo de uma mãe querida. e se entra no mundo, scena grande, cheia de luzes e de bulicio, a commoção é violenta, a alma estremece e... e começam os sonhos. E como é bello sonhar!

A imaginação cria um mundo á parte, rodeado de horisontes todos novos: atira-se por ahi além, rindo e folgando. seguindo seus caprichos de menina voluvel: na voz da brisa escuta harmonias do céo e vai trocando ternos olhares com alguma virgem que ella mesma ideou e que só ella vê.

A par dos sonhos, apparecem as primaveras d'essas scenas, que fazem esquecer as dôres d'um passado inteiro, cobrem de flôres o presente e tornam-se uma fonte inesgotavel de magoas para o futuro.

Scenas como todos almejam e como alguns apreciam. São lindas paizagens do Chanaan dos amores, os caminheiros do deserto as avistam de longe, e felizes aquelles que chegam a gosar as suas delicias!

Se tudo isso, porém, vive e palpita no bello livro de Casimiro d'Abreu, não faltam as côres sombrias. Que quereis? No sorrir do mancebo apparece ás vezes uma contracção ironica. um vislumbre de tristeza, fraco lampejo d'alguma dôr secreta.

Nas primaveras ha flores sepulchraes ao lado de flores festivas.

No primeiro livro ha d'esses versos que brotam do coração, quando pelo cahir da tarde a doce virgem da melancholia nos vem enlaçar em seus braços. Derrama-se então muita lagrima; porém são lagrimas que alliviam e consolam; a melancholia é uma bella companheira.

Por isso tambem não é das harmonias que ella inspira, que fallamos presentemente, mas sim da ultima parte do volume, e sobretudo do *Livro Negro*, onde se percebe o cunho d'uma idéa grave e um espirito sob a impressão d'algum sentimento triste.

Leopoldo Roberto achava-se um dia entregue aos mais agradaveis sonhos de ventura, seu rosto era altivo, seu olhar brilhante: tomou o pincel e desenhou com effusão a linda scena—*Le carnaval de Venise*. Dias depois o artista esmoreceu, e sobre a mesma tela, mesmo em cima d'aquellas figuras alegres, pintou—*Le depart des pecheurs*.

Foi um sorriso suffocado por um soluço, diz Pelletan, o narrador d'esta scena. Casimiro d'Abreu, depois de cantos de vida e amor, escreveu o *Livro Negro*. São suas ultimas vozes, e por isso fecha-se o livro das *Primaveras* com o coração mergulhado em tristeza.

Porém não importa; iremos ouvindo as suas canções, embora depois os eccos funebres nos arranquem dos sonhos.

O poeta colloca o ramilhete de suas flores sob o olhar terno e compassivo: esse olhar será seu *talisman*, seu *palladium*, e ao terminar, assim diz:

«Se entre as rosas das minhas primaveras
«Houver rosas gentis de espinhos nuas,
«Se o futuro atirar-me algumas flores,
«As palmas do cantor são todas tuas.»

A prece já foi murmurada, agora póde a lyra entoar seus cantos.

O livro primeiro das *Primaveras* tem um tom dominante, que é a saudade. A saudade não tem dous sentidos. Não é a tristeza que, desenhando-se no rosto d'aquelle que abandona o berço natal, desapparece quando desapparece a sombra do amigo, que da praia acena um adeus: não é a tristeza que some quando se somem as serranias nos confins do horisonte.

A saudade é outra.

É o sentimento que nos acompanha longe do tecto paterno, dia por dia, em todos os passos. Dizem que tudo morre com o tempo; a saudade foge d'essa regra; á medida que os minutos se escôam, vai ella tomando mais vastas proporções.

Casimiro d'Abreu teve de partir creança ainda para fóra de seu paiz; abandonou o solo da patria e foi viver algum tempo em Portugal. D'ahi cantos saudosos, aspirações queixosas de quem precisa para viver do ar embalsamado de sua terra.

Das duas composições intituladas *Canção do Exilio*, a que mais nos agrada é a segunda: a primeira é mimosa, porém faz lembrar um pouco a de Gonçalves Dias, que tem o mesmo titulo.

Além d'isso, a outra é mais sentida, e vê-se mesmo que foi escripta sob toda a influencia da melancholia serena, que desperta a saudade do céo americano.

«Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
«Meu Deus, não seja já,
«Eu quero ouvir na larangeira á tarde
«Cantar o sabiá.»

É a oração do moço, que cedo arrebatado d'um mundo cheio de luz e de perfumes, quer expandir-se ao sol da patria e embriagar-se de poeira e de vida.

«Quero dormir á sombra dos coqueiros,
«As folhas por docel.
«E vêr se apanho a borboleta branca
«Que vôa no vergel.»

Os versos correm sonoros e tristes, como as cachoeiras de que nos falla o poeta; foi sem duvida uma canção modulada pelas horas placidas da noite, á lembrança do luar tranquillo de sua terra.

Um dos caracteristicos notaveis do snr. Abreu é a singeleza d'expressão. Nada de phrases enredadas e locuções difficeis; falla sempre a linguagem do coração. Por isso todos podem lêr seus versos.

Não é d'esses poetas enigmaticos, cujo prazer é cravar uma pedra luzente, muitas vezes sem ser diamante, no meio de mil variados arabescos e complicados relevos, pensando que assim brilha mais; não é d'esses, cuja arte consiste em acabrunhar um pensamento simples, quando não é vulgar,

com palavras sesquipedaes e atroantes, como o ribombo do canhão.

Demais, o nosso joven poeta é sempre intimo. Não se arreceia de levar o leitor ao tabernaculo sagrado de suas recordações e mostrar-lhe as reliquias memorandas que ahi conserva religiosamente: esperanças em flôr ou esperanças murchas: — sorrisos, impressões de creança, lembranças ternas, ligando-se ás vezes a pequenas cousas, — tudo apparece.

No genero familiar apparecem os bellos dotes que acabamos d'apontar á sua verdadeira luz.

A patria encerra tudo que ha de mais caro para o homem. Não é só a brisa que balançou nosso leito de menino e os explendores da natureza que nos cercou de suas galas. É tambem o lar da familia, as sombras amigas, que nos rodearam nos primeiros passos; é sobre tudo a voz que nos acalentou nos choros infantis. Que céo de poesia não se encontra ahi!

Hugo, o poeta desterrado, cabeça immensa, onde fuzilam os grandes pensamentos, como fuzilam os relampagos na crista d'altaneira montanha, creou assim, pode-se dizer, a escóla da familia na poesia.

Espirito cheio de crenças, de lealdade e de valor, sua lyra desprende sons altivos ao desenhar o caracter magnanimo de Ruy Gomes e o vulto soberbo do velho Titan do Rheno, Job o Excommungado, que içava na torre de seu *burg* um formidavel estandarte de luto, que a tempestade vinha torcer no seu turbilhão negro.

Imaginação arrebatada e voluptuosa, foi buscar no Oriente aquellas imagens graciosas da Grecia, e, ao passo que desvendava com todo o mimo os mysterios encantadores do Harem, tremia d'enthusiasmo no meio d'exhalações guerreiras, acompanhando Canaris na sua barca pelas ondas azues do Mediterraneo.

No entretanto é o mesmo homem que alimentou com seus cantos e embalou nos seus braços essa outra poesia, tão rica como a primeira, com quanto mais modesta, poesia que não tem como horisonte o céo franjado de nuvens encantadas, porém unicamente as quatro paredes d'uma casa; poesia que não segue o vôo altivo do condor, mas acompanha simplesmente o novello de fumo que se escapa do tecto.

Divina, porém, é ella na sua simplicidade. As luctas do mundo prostram o corpo e o espirito; as agitações convulsivas e burlescas d'isso que se chama sociedade aquebrantam as forças, e no redemoinho da vida bebe-se muita lição de des-

crença. Então a casa da familia se abre, o peito respira melhor, e a gelidez que se apoderou da alma some se no meio de pessoas queridas, aos raios vivificantes do fogo domestico.

Hugo, no meio de sua mulher e de seus filhos, canta e chora. E quanta mágoa não foge ao som de seus cantares!

Casimiro d'Abreu, é, como já dissemos, mui feliz n'esse genero.

Lêde aquella ingenua poesia — *Meus oito annos* — e vereis com que amenidade se entrelaçam as lembranças da casa que o viu nascer.

«Oh! dias de minha infancia!
«Oh! meu céo de primavera!
«Que doce vida não era
«N'essa risonha manhã!
«Em vez das mágoas de agora,
«Eu tinha n'essas delicias
«De minha mãe as caricias
«E beijos de minha irmã.

E depois:

«Livre filho das montanhas,
«Eu ia bem satisfeito,
«Da camisa aberto o peito,
«Pés descalços, braços nus,
«Correndo pelas campinas,
«Á roda das cachoeiras,
«Atraz das azas ligeiras
«Das borboletas azues.

Minha mãe — é repassada d'uncção e de sentimento.

«De noite, alta noite, quando eu já dormia,
«Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
«Quem é que meus labios dormentes roçava,
«Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
«Minha mãe!»

No Lar—é uma das melhores peças do volume. O coração ahi está todo inteiro.

No Lar—descreve o poeta sua volta á patria: primeiro a

alegria, depois recordações intimas, e em seguida enthusiasmo sancto, avidez de sol e d'amor. São d'esses versos que se lêem com os olhos humidos.

O desterro teve um fim: eis o proscripto no meio das sombras de sua infancia.

«Eis-me na patria, no paiz das flôres,
«O filho prodigo a seus lares volve,
«E concertando as suas vestes rôtas,
«O seu passado com prazer revolve.

«Eis meu lar, minha casa, meus amores,
«A terra onde nasci, meu tecto amigo;
«A gruta, a sombra, a solidão, o rio,
«Onde o amor me nasceu, cresceu comigo.

«Os mesmos campos que eu deixei creança,
«Arvores novas.. tanta flôr no prado!...
«Oh! como és linda, minha terra d'alma,
«Noiva enfeitada para seu noivado!»

Tudo é bello ahi: as reminiscencias apparecem em borbotões e a alma se refaz n'essa viagem pelo campo do passado.

Quem poderá lêr estes versos de Casimiro d'Abreu, sem sentir um estremecimento no coração?

«E a casa? as salas, estes moveis... tudo,
«O crucifixo pendurado ao muro,
«O quarto do oratorio... a sala grande,
«Onde eu temia penetrar no escuro.»

Quem não terá na vida paginas irmãs d'esta?

«E alli, n'aquelle canto .. o berço armado!
«E minha mana tão gentil dormindo...
«E mamã a contar-me historias lindas
«Quando eu chorava e a beijava rindo.»

O resto é prece fervorosa d'amor, hymno de fé e d'esperança.

No Lar—é a poesia mais intima e familiar do nosso poeta.

Occupar-nos-hemos agora de suas *Brazilianas*.

A poesia nacional brazileira vai deixando pouco a pouco as

fórmas vagas da utopía, e desenha-se aos olhos de todos com os traços firmes da realidade. A nuvem, simples camada de vapores, toma de dia para dia as fórmas mimosas d'uma donzella.

Da chrysalida pura, muito imaginaria, vai nascendo uma linda borboleta.

A mudança estava na ordem dos factos.

A poesia nacional não é mais do que a epopeia animada, onde se veem gravar as ideias e os costumes d'um povo, e a natureza d'um paiz com suas imagens horrendas ou seductoras.

Toda a nação tem essa epopeia, livro de paginas particularissimas, e cuja côr é verdadeiramente local, porque suas feições ahi se estampam fielmente, bem como o céo azul ou negro se reflecte no lago, bem como o rosto feio ou bonito se reflecte no espelho.

Parece que a realidade da poesia nacional está hoje sufficientemente demonstrada e geralmente acceite.

Com quanto assim seja, muitos ha que duvidam da sua existencia entre nós.

Appella-se para a falta de tradições, diz-se que os costumes não tomaram por em quanto caracteristicos salientes, que o perfil da nação não se acha ainda bem desenhado. Desmentido solemne a essas palavras vai apparecendo a cada momento.

Nossos typos se desenham, e os costumes se gravam todos os dias com summa naturalidade.

Quanto ás tradições parece que nosso passado não é de todo falho de festas heroicas, que nossa historia offerece ao poeta paginas bellissimas, ricos assumptos de inspiração. D'essa verdade tambem não faltam evidentes provas.

Demais, a raça orgulhosa e valente que nos precedeu n'este solo, deixou-nos ao extinguir-se tanto mysterio sagrado, tanta lenda maravilhosa, que o poeta é obrigado pela fascinação do bello a escrever esses poemas e desenhar esses heroes, agigantados como os de Homero, e ao mesmo tempo simples e rudes, como filhos que eram das mattas e serranias.

Nem se diga que tal fonte é vedada á poesia nacional e que de modo algum lhe pertence.

São scenas essas que se passaram aqui, onde vivemos, que espargiram seus raios sobre nossos usos, e cuja vida veio em muitos pontos entrelaçar-se á nossa.

Com taes elementos e os denodados campeões que conta em sua phalange, a poesia brazileira vai ganhando terreno.

E assim é necessario.

A soberba rainha, que traja esse manto immenso de campinas bordadas de florestas e montanhas, e cuja corôa são as aguas do rio-gigante, deve ter uma voz sua.

Deve embocar o *boré* para entoar seus cantos de guerra; cantar aos sons compassados do *maracá* os sonhos da indigena mollemente adormecida em sua rêde de pennas, e relatar na lyra os quadros graciosos de nossa vida, acompanhando o gorgeio de nossos passaros.

Em opposição ás nossas ideias, procuram ainda alguns argumentar, considerando a questão por outro lado.

Dizem elles que a verdadeira poesia tem um ponto, um centro, á roda do qual gravitam todas as suas creações: é o espirito, a cabeça, o homem.

D'ahi duas conclusões: a poesia nacional não póde existir, ou pelo menos a poesia não se deve occupar com as tradições indigenas. Quanto á primeira, porque não recebe o sêllo geral do homem ou antes não reflecte a humanidade, e em ultimo lugar quem penetra os profundos segredos das florestas afasta-se inteiramente do ponto em que póde encontrar essa imagem. Acceitamos o principio e repellimos as conclusões.

A poesia acompanha sempre o homem, quer com o caracter dramatico da grande sociedade, quer sob a influencia de costumes particulares, quer na idade primitiva, quando, filho dos bosques, passeia livremente pela natureza. Por outras palavras: sem despresarmos o cosmopolitismo na poesia, crêmos com fé na sua nacionalidade, e entendemos que o poeta se deve atirar com ardor ao estudo d'essas memorias sublimes, estampadas nos nossos troncos seculares.

Moreninha e *Na Rede*—são dous lindos ensaios da poesia nacional.

A *Moreninha* é uma composição graciosa, ligeira, expansiva como se póde perceber pelo titulo: todas as sextilhas ahi se acham habilmente ligadas, e não ha uma só que seja destituida de interesse.

Quem lê a *Moreninha*, julga mesmo acompanhar uma d'essas interessantes meninas, que passeia no campo a rir e a brincar, saltando pelas pedrinhas e vendendo suas flores, e tem vontade de exclamar como o poeta:

«Ai! vejam como é bonita
«Co'as tranças presas na fita,
«Co'as flores no samburá!»

Admira-se ahi uma paciencia toda natural, e. ao passo que se respira o doce perfume da innocencia, sente-se uns longes de malicia, porém d'uma malicia candida que enfeitiça.

«Tu és bella, moreninha,
«Sentada em tua banquinha,
«Cercada de todos nós:
«Rufando alegre o pandeiro,
«Como a ave no espinheiro,
«Tu soltas tambem a voz:

«Oh! quem me compra estas flores?
«São lindas como os amores,
«Tão bellas não ha assim;
«Foram banhadas de orvalho,
«São flores do meu serralho,
«Colhi-as no meu jardim.»

O poeta, porém, não quer as flores do samburá, quer as flores do coração:

«Eu disse então: «Meus amores,
«Deixa mirar tuas flores,
«Deixa perfumes sentir!
«Mas n'aquelle doce enleio,
«Em vez das flores, no seio,
«No seio—te fui bolir.»

A menina enrubecida lá foge pelos campos, e, ao contal-o, diz o poeta:

«Tu ias de saia curta,
«Saltando a moita de murta..:
«Mostraste, mostraste o pé.»

Moreninha—é das mais mimosas poesias do volume. Deve ser lida por inteiro para convenientemente apreciar-se.

Forçoso, porém, é confessar que a *Moreninha* não está nas condições legitimas de braziliana. Não ha entre nós esse typo de vendedeira de flores; essa ideia é alguma reminiscencia de Portugal.

É comtudo justificavel o titulo. O poeta não pinta unicamente: de seus attributos o mais sublime é o dom de crear.

Casimiro d'Abreu creou, ou antes collocou, aquella imagem risonha em nossos campos, com as côres e graças de nossas donzellas; viveza de falla, gestos e passos, gosto de discrição, tudo é nosso.

Por isso mesmo não lhe perdoamos o ter encontrado sua *Moreninha á fresca* sombra do *til*. Não deixa de destruir um pouco a naturalidade da scena.

É tambem digna de nota a poesia intitulada — *Na Rêde*. A harmonia do verso é compassada e exprime perfeitamente a languidez da virgem, que se embala, dormindo, n'essa cama engraçada das florestas.

Na Rêde — traz á lembrança a voluptuosa *Sara la Baigneuse* das Orientaes.

Temos ligeiramente apreciado o primeiro livro das *Primaveras*. Vivemos alli na graciosa quadra da infancia; — passemos por agora aos arroubos ardentes da mocidade.

É no segundo livro que o poeta se expande em fervorosos cantos de amor.

Todo o poeta sente absoluta necessidade de prender ao coração a imagem feiticeira d'uma mulher, que seja uma d'essas formas aérias e vagas que vem reclinar-se á nossa cabeceira, que seja um d'esses entes divinos que andam e sentem, e nos murmuram ao ouvido segredos que só o coração entende.

Realidade ou sonho, é preciso que essa imagem exista.

Qual dos poetas não almeja possuir esse ramo de ouro para penetrar os segredos de além-mundo!

Não nos referimos unicamente áquelles que passam a vida sob a impressão magnetica d'um raio de lyrismo; não fallamos unicamente d'essas figuras pallidas de Azevedo e Novalis, que, segundo a phrase de Blaze de Bury, não fizeram mais do que entoar tristemente um hymno no jardim da poesia.

Não; é mesmo d'esses, em cujo cerebro está sempre em fusão alguma ideia portentosa; é dos poetas que vão estudar a humanidade com seus problemas e o mundo com seus labyrinthos.

Espiritos profundos, nem por isso se esquivam á lei do coração e pagam seu tributo da melhor boa vontade.

Garrett, em um de seus livros mais espirituosos, fallando sobre a influencia do amor, acaba por estabelecer a regra — que todo o poeta deve andar sempre namorado.

Comprehende-se perfeitamente.

O coração do poeta é immenso, necessita d'um sentimento immenso. É uma machina gigantesca, que deve trabalhar com material equivalente. Do contrario, ou permanecendo em vergonhosa inercia, suas numerosas e delicadas molas gastar-se-iam miseravelmente.

Verdade é que Garrett com seu principio parece exigir para o amor do poeta uma creatura em carne e osso: a tanto não chegamos nós; mas emfim curvamos a cabeça ao mestre.

Deixemos de lado certos espiritos com pretenções a uma seriedade absurda, que criticam as doces emanações do coração do poeta, e que para distrahil-o lhe apontam unicamente horisontes vastissimos, que nem mesmo elles enxergam. São vozes que não acham ecco, nem nos jardins da natureza, nem nos recantos da alma.

Em quanto a poesia for filha do sentimento, o poeta deve-se abraçar ao amor. Como Lamartine, Casimiro d'Abreu tem a sua *Graziella*.

O segundo livro está cheio de primorosas canções, em que se bebe o halito puro d'um peito de virgem, e se sente o vivo pestanejar d'uns olhos pretos.

Observam-se dous coloridos distinctos nas composições amorosas do joven poeta.

Umas são effluvios sagrados, solemnes mesmo, que rebentam do peito no ardor da paixão; outras são inspirações joviaes, facetas, moduladas junto ao sagrado objecto d'um amor candido e familiar.

Nas primeiras está o canto de amor — *Pepita*, *Visão*, etc.; e nas segundas, — *Scena intima*, *Segredos* e mais algumas.

A bella poesia intitulada *Primaveras*, saudação ás flôres do coração e ás flôres do campo, encerra o pensamento do segundo livro.

«Alegre e verde se balança o galho,
«Suspira a fonte na lingoagem meiga,
«Murmura a brisa: — Como é linda a rosa!
«Responde a rosa: — Como é doce o orvalho.»

E assim acaba:

«Na mocidade, na estação fogosa,
«Ama-se a vida, e a mocidade é crença,
«E a alma virgem n'esta festa immensa,
«Canta, palpita, s'extasia e gosa.»

Seria por demais inutil analysar as boas producções que se encontram n'esse livro: além de serem em grande numero, a simples leitura revela todo o seu merito. Fallaremos sómente de algumas, e rapidamente.

O canto de amor é a oração pura que os labios tremem aos pés de uma mulher. A corda do amor é essencial na lyra do poeta, e tem sido vibrada em todos os tempos; por isso vai-se tornando cada dia mais difficil a poesia amorosa. O sêllo da originalidade em taes casos não é cousa de pouca monta.

Casimiro d'Abreu tem a habilidade de fallar do amor quasi sempre, como d'uma materia nova.

O canto do amor é melodioso e sublime.

É admiravel a phrase elegante do poeta: não é como a onda que sahe das profundezas do abysmo e se atira ás nuvens: é antes como a lympha cristallina, que vai murmurando através do valle.

«Oh! vem depressa, minha vida foge...
«Sou como o lyrio, que já murcho cahe...
«Ampara o lyrio, que inda é tempo hoje,
«Orvalha o lyrio, que morrendo vae!»

Pepita — distingue belleza de fórma e escolha de imagens: tem certo ar de indolencia que diz muito bem a uma revelação de amores n'este abençoado clima tropical.

«Minh'alma é um mundo virge', ilha perdida
«Em lagos de cristaes;
«Vem — Pepita — Colombo dos amores —
«Vem descobril-o, no paiz das flores,
«Sultana, reinarás.»

Na Visão — narra-se o nascimento d'uma paixão; talvez seja a poesia mais natural do volume, tanto nos sentimentos, como na construcção e rima.

Uma Noite — o poeta vê passar entre as gallas da festa o rosto virginal de uma creança, e assim diz:

«Eu olhei, ella olhou... doce mysterio!
«Minh'alma despertou-se á luz da vida,
«E as vozes de uma lyra e de um piano
«Juntas se uniram na canção querida.»

O poeta descuidou-se — a sombra fugiu:

« Não voltou; talvez ella adormecesse
« Junto á fonte, deitada na verdura,
« E sonhando a creança se recorda
« Do moço que ella viu e que a procura.»

E no fim:

« Onde foste, visão de meus amores?
« Minh'alma sem te vêr louca suspira!
« — Nunca mais unirás, sombra encantada,
« O som do teu piano á voz da lyra?!»

Sempre sonhos — é uma aspiração fogosa ao céo dos amores. É a historia de tudo que faria o poeta ao anjo da sua vida, se por ventura podesse pender a fronte sobre o seu collo. Como é sentida esta promessa.

«Eu velára. Senhor, pelos seus dias
«Como a mãe vêla o filho que dormiu,
«Se um dia ella soltasse um só gemido,
«Eu iria saber porque ferida
«Seu seio assim boliu!»

Um pequeno parenthesis. Muitas vezes o poeta, levado pela inspiração, emprega certas phrases, que sem quebrar ou destruir a ideia geral, comtudo são fóra de sentido.

Nem sempre se esparze, principalmente quando ha belleza, mas nem por isso deixam de ser impropriedades.

Por exemplo, n'esta rica poesia — *Sempre sonhos* —, lê-se no fim da penultima estrophe, quando o poeta falla de si e de seu amor:

«Nós, dous cysnes vogando em manso lago,
«Amor — nossos bateis.»

São duas idéias que não se abraçam; para que os cysnes com os bateis? É um verso que cahiu da penna insensivelmente. Está fechado o parenthesis.

Especial menção merece o — *Amor e Medo. Amor e medo* é poesia de primeira ordem. Ahi mostra o poeta a razão da affectada frieza a seu idolo:

«És bella — eu moço, — tens amor, eu medó.»

Ha quadras lindissimas, por onde se vê a habilidade de versificação de que dispõe Casimiro d'Abreu; é admiravel a multidão de pensamentos que elle encerra em um só verso.

«Ai! se eu te visse em languidez sublime,
«Na face as rosas virginaes do pejo,
«Trémula a falla a protestar baixinho...
«Vermelha a bôca, soluçando um beijo...

«Dize — que sina da pureza de anjo
«Das vestes alvas — do candor das azas?
«Tu te queimáras a pisar — descalça,
«Creança louca, — sobre um chão de brasas.»

E esta imagem é lindissima.

Amor e Medo — é uma revelação *franca* de mais; porém é revelação feita com muita arte.

Scena intima — é uma scena de ciumes, de arrufos, como se diz vulgarmente; o anjo está zangado com o poeta; com toda a graça se offerece em holocausto para pagar seus peccados.

«Prende-me... n'estes teus braços
«Em doces, longos abraços
«Com paixão.
«Ordena com gesto altivo
«Que te beije este captivo
«Essa mão.

«Mata-me sim... de ventura
«Com mil beijos de ternura,
«Sem ter dó.
«Que eu prometto, anjo querido,
«Não desprender um gemido
«Nem um só.»

O Juramento — é gracioso e cordial: é um juramento de dar quarenta beijos por dia e dez abraços por hora; *Segredos* — é a semi-confissão de seus bellos amores.

Quando — é um interessante dialogo, cujas personagens não é necessario dizer: é uma conversa sobre o passado; — *ella* lembra-se de tudo; porém no fim a memoria fraqueia.

«Como tremias — alli, vida,
«Se em mim os olhos fitavas!
«Como eras linda — querida,
«Quando de amor suspiravas
«N'aquella encantada aurora,

«Ora!

«E diz-me: — não te recordas
«— Debaixo do cajueiro —
«Lá das lagôas nas bordas
«Aquelle beijo primeiro?
«Já o dia ia findando...

«Quando?!»

O segundo livro das *Primaveras* está assim cheio de bellas paginas: uma abundante e facil maneira graciosa de apresentar as imagens, comparações riquissimas, são qualidades que ahi se observam a cada passo.

Não é sem commoção que passamos a tratar do terceiro e ultimo livro das *Primaveras*.

Como dissemos, o final do volume é repassado de tristeza. As scenas da infancia ha muito que se acabaram, e só entre harmonias sentidas é que vem um ou outro canto sereno.

É o orgão sonoro que acorda o immenso templo da natureza com hosannas de amor, e que termina lentamente em surdo murmurio, no meio de notas graves e solemnes.

É a lua, que por uma bella noite de estio, trocando seus raios de amor com os olhares pensativos de alguma virgem, ou alumiando um rosto de mancebo na febre de insomnia, vai finalmente sepultar-se pallida e descórada no meio da floresta escura.

Apparece ahi por vezes um sorriso, alguma nota alegre, que o orgão deixa escapar entre soluços, algum raio vivo, que a lua desprende á sua morte.

E é unicamente no principio, porque o *Livro Negro* é todo elle sombrio, pesaroso e dominado por uma dôr profunda. O *Livro Negro*, é o ultimo arranco de agonia.

Mink'alma é triste—é a poesia mais tocante do começo do terceiro livro. É assim realmente que se falla quando a dôr nos abraça:

«Minh'alma é triste como a voz do sino
«Carpindo o morto sobre a lagem fria,
«É doce e grave qual no templo um hymno,
«Ou como a prece ao desmaiar do dia.

«Se passa um bote com as velas soltas,
«Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
«E longas horas acompanha as voltas
«Das andorinhas recortando os ares.

«Ás vezes louca, n'um scismar perdida,
«Minh'alma triste vai vagando á tôa,
«Bem como a folha que do sul batida
«Boia nas aguas de gentil lagoa!»

Já tivemos occasião de fallar na belleza de comparações que se encontra nas *Primaveras;* teem quasi todas um caracter de singeleza e de candura admiraveis.

«Como a creança, que banhada em prantos
«Procura o brinco que levou-lhe o rio,
«Minh'alma quiz resuscitar nos cantos
«Um só dos lyrios que murchou o estio.»

Ou então:

«Ai loucos sonhos de mancebo ardente!
«Espr'anças altas... Eil-as já tão razas!
«Pombo selvagem quiz voar contente...
«Feriu-me a bala no bater das azas.»

A côr *lamartiniana* espalhada n'este triste painel, não se desmente nunca: o verso é cadenciado e terno, murmurando um queixume da alma.

Minh'alma é triste—não é uma conjuração negra do destino, blasphemia no meio de imprecações; é uma lamentação branda e melancholica.

Não é o hymno em que se grita de raiva, é o hymno em que se chora de dôr.

«Dizem que ha gosos no correr da vida...
«Só eu não sei em que o prazer consiste!
«No amor, na gloria, na mundana lida
«Foram-se as flores, a minh'alma é triste.»

A' morte de Messeder — é tambem composição notavel; a saudação a *Macedo Junior* prima pelo vigor do pensamento, e, com quanto saudação frenetica, o poeta ahi derramou algumas côres negras, sempre que falla de si.

Palavras a alguem — está escripta com muita verdade: é um conselho dado de coração.

Fallando a *esse alguem*, diz o poeta:

«Conchinha das lisas praias,
«Nasceste em alvas areias,
«Não corras tu para os charcos,
«Arrebatada nas cheias.
«Os teus vestidos são brancos,
«Olha que tu te enlameias.»

O Baile—tem seus leves toques de ironia. Quadra perfeitamente a essas donzellas, que no vergel da mocidade, podendo aspirar o doce perfume que exhalam as flores do céo e cultivarem um amor puro e sancto, que Deos abençoa, gastam toda a sua attenção no salão do baile, seus sonhos na walsa desenfreada, e assim deixam correr seus dias entre um elegante *psyché* e os babados d'um vestido novo.

O coração para ellas é cousa inutil; póde bem ficar em casa guardado na caixinha das joias.

Pobres creaturas! Preferem o resplendor do lustre á luz serena da divindade da noite, e sabe Deus quanta nuvem de poeira não vai morrendo n'essas almas de creança.

Tornam-se ainda recommendaveis no terceiro livro *A Illusão*, *Uma Historia*, *No Leito* e outras mais.

Dissemos que ha seus vislumbres de prazer aqui e acolá: *Sonhando*—é uma prova de nossa asserção. Ao lado da scena contemporanea ha a scena dramatica intitulada—*No Jardim.*

«Ella estava sentada em meus joelhos,
«E brincava comigo; o anjo louro,
«E passando as mãosinhas no meu rosto,
«Sacudia, rindo, seus cabellos d'ouro.»

Apparece uma borboleta.

«Toda azul como os olhos grandes d'ella,
«Oh como é linda, disse o louro anjinho
«No doce accento da virginea falla;
«Mamã me ralha se eu ficar cansada;
«Mas, dizia a correr, hei de apanhal-a.»

A menina corre e o poeta extasia-se no brinquedo infantil.

«Iam, vinham á roda das acacias
«Brincavam no rosal nas violetas,
«E eu de longe dizia:—Que doudinhas!
«Meu Deus, meu Deus! são duas borboletas.»

O *Livro Negro* agradou-nos summamente.

Dóres—é poesia de primeira ordem, não só pelo lado do pensamento, como pela convicção e alma com que foi escripta.

É das poesias que mais nos impressionaram.

«Ha dores fundas, agonias lentas,
«Dramas pungentes que ninguem consola,
«Ou suspeita sequer!
«Magoas maiores do que a dôr d'um dia,
«Do que a morte bebida em taça morna
«Dos labios de mulher!»

Não são as dôres que se experimentam por causa de uma sombra que nosso amor procura, a que o poeta se refere.

«Doces fallas de amor, que o vento espalha,
«Juras sentidas de constancia eterna
«Quebradas ao nascer;
«Perfidia e olvido de passados beijos...
«São dôres essas que o tempo cicatriza
«Dos annos no volver.»

O coração suspira, é verdade, a fronte abate-se.

Mas depois outros olhos nos captivam
«E loucos vamos em delirios novos
«Arder n'outra paixão.»

Então diz o poeta:

«Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
«E moço ainda a perceber na mente
«A duvida a sorrir!
«É a perda dura de um futuro inteiro
«E o desfolhar sentido das gentis corôas,
«Dos sonhos do porvir!»

E assim vae descrevendo em versos plangentes, e ao mesmo tempo altivos, a magoa profunda, sob cuja influencia funesta uma alma joven succumbe pouco e pouco.

A compressão moral começa a esmagar o peito: o coração vai perdendo todo o viço—os labios descoram e o suicidio nos acena ao longe.

E o que acontece...

«Ergue-se a taça do festim da orgia,
«Gasta-se a vida em noites de luxuria,
«No leito dos bordeis,
«E o veneno se sorve a longos tragos
«Nos seios brancos e nos labios frios
«Das languidas Phrynés!»

E mais adiante:

«A dôr se apaga no fervor dos vinhos,
«E no regaço das Marco-modernas
«É doce então morrer.»

Ainda não é tudo. Falta o mundo, que faz o mesmo officio que o côro na tragedia antiga: está sempre de observação para approvar ou reprovar. Por que leis? Por leis que só elle entende.

Personagem sêcco, frio, estupido, seu rosto de bronze se contrahe ás vezes por um sorriso sardonico e com braço de ferro esmaga os criminosos, que fazem oscillar um pouco sua balança infernal.

«Depois o mundo diz:—Que libertino!
«A folgar no delirio dos alcouces,
«As azas empanou!
«Como se elle, algoz das esperanças,
«As crenças infantis e a vida d'alma
«Não fosse quem matou.»

O mundo! o mundo! É a grande palavra de todas as questões, é a grande questão de todos os dias.

Que importa ser esse legislador mau como um espirito infernal e falso como a mentira? Ha de ser respeitado sempre. O que ousar perguntar-lhe em face com que direito falla, ver-se-ha immediatamente condemnado a um ostracismo perpetuo;

proteste-se embora, falle-se em Deus,—na razão;—são palavras ôcas, a sentença ha de cumprir-se, porque o mundo vale mais que tudo isso.

O canto do *Livro Negro*, que começa:

> «Pobre creança, que te affliges tanto,
> «Porque sou triste, se chorar me vês,
> «E que borrifas com teu doce pranto,
> «Meus pobres hymnos sem calor talvez.»

é como as outras do mesmo livro, intima e profunda.

Ultima folha—é a ultima falla entrecortada de soluços; é o ultimo grito de estertor em um leito de dôres.

É a ultima voz, e por isso lenta, grave, e meio abafada. *Ultima folha*—é digno remate do *Livro Negro*.

Agora, que temos summariamente examinado as *Primaveras*, aventuremos algumas ideias a respeito de sua ultima parte, considerada no ponto de vista artistico.

Apparece hoje uma classe de falsos regeneradores, com mania de classicos, que pretendem arrancar á poesia certos attributos, que para elles são gravissimos defeitos.

São paladinos *aquichotados*, que querem livrar o tabernaculo sagrado da arte, da injuria dos vandalos litterarios. Além d'outras cousas, entra nos seus planos guerra encarniçada aos poetas *sombrios*, como elles chamam.

Entendamo-nos.

A poesia, filha do coração, é a sua voz, seu ecco, e como tal os sons que desfere sempre devem ser fieis. Se o coração pula, a penna corre pelo papel, e ahi deixa estampado um hymno de felicidade e gratidão.

Se o coração se contrahe, o hymno necessariamente é de magoa.

Por isso não admittimos que se condemne com epithetos ridiculos o poeta, que sem rebuço, candida e naturalmente, vem contar-nos o que sente. Será possivel que se queira banir do mundo a dôr, a imagem negra que vem sentar-se a nosso lado no quarto ou nos festins ruidosos, e que nos abraça mesmo quando dormimos?

Não, certamente; seria atè irrisorio dizel-o: por conseguinte tal condemnação é injusta.

Não queremos justificar os vôos infructiferos dos imitadores de Byron: como todos os imitadores, tonteiam e perdem-se lá nas alturas. Porém não consentimos que se lance o es-

tigma sobre os poetas, que, compungidos, exhalam sua alma em canticos sonoros, relatando martyrios que talvez não possam ser consolados por uma voz de amigo.

Ah! não: deixai que na poesia pelo menos o coração se espraie sempre; deixai o poeta contar tudo que o impressiona; não leveis a mal que seus labios murmurem uma canção de agonia; a mal porque?

«Tu és homem, *donc tu souffres*» diz Chateaubriand, e ha de dizer-se ao poeta: «tu não tens direito de chorar?»

Não, meus senhores, não queremos affectação e estudo de sentimentos, mas sim a naturalidade e um raio de fogo divino: havendo isso, admiramos o poeta quando elle ri, e abraçamol-o quando elle chora.

É nossa regra.

Comprehendemos toda a grandeza e liberdade da arte, e jámais desculparemos a esses, que á capa de regeneração, querem tirar-lhe o que ella tem de mais sublime, para depois sujeital-a a principios acanhados e absurdos.

A arte fez se com o genio, e como tal é livre e é immensa.

Seguimos a opinião do chefe da escola romantica em França, ou antes do *liberalismo litterario*. Quando se examina um livro não se trata de saber se o assumpto é bom ou mau; porém se está bem ou mal desenvolvido. Ou antes, todos os assumptos são bons.

Ainda algumas observações sobre as *Primaveras* e teremos concluido.

Casimiro d'Abreu tem seus defeitos como todos os poetas.

Uma das censuras que se lhe póde fazer é o emprego de certas imagens estranhas á nossa natureza.

Elle, que sabe tão bem colorir seus versos com as côres de nosso céo e de nossos campos, para que nos ha de fallar por vezes—em *rouxinol*, em *carvalhos* e cousas similhantes? Por ventura falham-nos imagens seductoras e expressivas? Não é tão explendido nosso solo, e não offerece elle ao poeta um campo tão vasto e tão rico para suas phantasias?

Bem sabemos que Casimiro d'Abreu assim falla uma vez ou outra, em razão de ter habitado por algum tempo um paiz estrangeiro; porém, não importa, deveria servir-se unicamente d'essa linguagem tropical, que diz tão bem a nossos versos.

Em maior falta incorre o poeta, quando na mesma composição colloca lado a lado os objectos de duas naturezas tão diversas. Por exemplo:

«A gota de orvalho
«Tremendo no galho
«Do velho *carvalho*,»
«Nas folhas do *ingá*.»

A rima do joven poeta é uma de suas qualidades mais salientes; é sempre natural e azada. Porém não podemos deixar de pedir-lhe que se abstenha de rimar *mãe*, porque a rima com as palavras em *em* é inteiramente forçada. Na poesia—*Canção do Exilio*, assim diz elle:

«O paiz estrangeiro mais bellezas
«Do que a patria não *tem*,
«E este mundo não vale um só dos beijos
«Tão doces de uma *mãe*.

É isso commum nos poetas portuguezes; porém não podemos acompanhal-os de modo algum.

Outras pequenas faltas tem Casimiro d'Abreu; mas são faltas de cantor da primeira idade, que o tempo dissipará, e sobre as quaes não vale a pena fallar.

O poeta das *Primaveras* póde incorrer na pecha de repetir algumas vezes suas imagens; nós consideraremos tal tendencia como defeituosa, desde o momento em que se nos mostrar um poeta que não tenha suas imagens favoritas.

Bem entendido, não queremos o abuso de tal liberdade, porque então revela-se pobreza de imaginação e falta de bom gosto: porém a repetição com certos limites, como nas *Primaveras*, não indica nem uma nem outra cousa.

Além d'isso, nas *Primaveras* ha mais d'uma rosa e mais d'um sabiá.

Rematando aqui nosso trabalho, não podemos deixar de soltar um grito de enthusiasmo e sympathia ao nosso poeta.

O Brazil é um paiz cheio de vida; o campo da poesia é vasto como o infinito, e ahi está em eterna florescencia, apesar de seus eternos exploradores; o talento tem por estrella o olhar do Eterno. Por tudo isso esperamos que Casimiro de Abreu, coração de fogo e cabeça pensadora, verá um dia seu nome gravado no nosso pantheon litterario.

Damos agora um abraço de irmão ao poeta no meio das flores de suas *Primaveras*; oxalá que possamos fazer o mesmo quando vier o outomno com seus fructos dourados.

Rio—10 de fevereiro de 1860.

PEDRO LUIZ P. DE SOUSA.

O ADEUS DO POETA

Ao norte do Rio de Janeiro, um pequeno rio desce da Serra dos Orgãos, e vai perder-se no Atlantico, passando em frente a uma modesta villa. Suas margens são pittorescas; erguem-se pelas collinas restos de matas, que unem á noite o seu doce murmurio com o das aguas que correm rapidas. Ahi o amador da pesca passa tardes de meditação a bordo de sua canôa, resguardado do sol pela sombra das largas folhas das bananeiras, e vendo passar os destroços das florestas na corrente caprichosa do rio.

Em uma de suas margens abre-se a fazenda do Indayassú, por varzeas tapetadas de relva florída, que tem moutas de larangeiras, onde as almas amantes irão repetir os versos immortaes d'aquelle que as cantou.

Na casa de vivenda, em o dia que tractamos, havia o alvoroço d'uma grande novidade. Em um dos corredores interiores, á porta d'um quarto, estavam varias pessoas paradas, com a inquietação na physionomia, e commentando com gestos expressivos o menor ruido que dentro se percebia. Entrando no quarto, via-se um grupo affectuoso e triste, para o qual se passava talvez então uma das horas solemnes da vida. Sobre um leito singelo, como aquelle modo d'existir do campo, estava deitado um joven de feições meigas, testa harmoniosamente contornada; traços aprofundados pela doença, olhos languidos e internados, e labios emmurchecidos, em que ainda

pairava o ultimo sorriso da jovialidade. Com o corpo apoiado sobre o braço direito, segurando com a mão esquerda, já debil, um livro aberto sobre o aparador proximo, repartia o seu olhar, sereno como um raio de lua no estio, entre as paginas d'aquelle escripto, e uma senhora, que estava em pé junto ao leito, com o rosto entre solicito e afflicto.

Esta dama, em idade mediana, tinha o rosto varonil da verdadeira mãe, e havia no todo energico de suas feições certa força, que não deixava de ter relações com a riqueza intellectual desenhada no rosto do mancebo. Do outro lado da cama, estava um homem de feições menos expressivas, mas benevolentes: calmo, sem a resignação que dá a indifferença, mas seguindo com cuidado reflectido todas as phases d'aquella scena, da qual conhecia as origens, e antevia a fatal consequencia. O homem d'idade era o tio paterno, e a senhora a mãe do joven doente, que os medicos haviam condemnado, e para quem só havia esperança de vida n'aquella affeição materna, que resiste a toda a evidencia.

Vendo sua mãe tão inquieta, o joven tirou da gaveta do aparador alguns papeis, e disse-lhe:

—Já leu estes ultimos versos, que escrevi no recanto da minha serra? Leia os: verá que antevejo meu fim sem inquietação: o dia d'amanhã ha de ser bello para mim, quando raiar na eternidade.

—Meu filho, tu has de viver. Não é possivel que Deus te roube á minha amizade, quando podemos viver unidos, ricos e felizes.

—Acredita, pois, que a riqueza foi formada para os desherdados da felicidade, para os sonhadores do ideal? Que nós, os trabalhadores sem paga d'este mundo, que vive pelas ideias, mas amaldiçoa os seus authores, devemos tambem assentar-nos ao banquete social, para recebermos uma parte, embora mesquinha? Engana-se, minha mãe.—Quando me deu o sêr, já eu vinha marcado com o stigma de fogo do destino. Viver por entre os bosques, scismar á noite nas bordas dos navios, passar por entre sorrisos de mofa nas ruas da cidade, e em paga de todos os affectos adquiridos, encontrarmos a indifferença, ou a morte de quem amamos,—eis o destino dos poetas. Acredite-me, minha mãe: só ha felicidade para mim, além d'aquelles montes nublosos, que vê através da cortina, e que se vão erguendo até á minha serra querida: e sabe porque? Lá em cima está o céo.

A pobre senhora debulhou-se em pranto, o tio empallide-

ceu; o mancebo tomou a mão d'aquella que tanto o queria, e levou-a aos labios. Ella disse-lhe:

—Mas quando tu eras pequeno, nunca te vi triste; corrias pelos campos, subias aos coqueiros, e cantavas alegre ao voltar para casa com algum sabiá prêso.

—Lembra-se da minha infancia? Foi feliz, é verdade. Porque não me dá outra vez a Providencia aquella vida da borboleta, que não pára em um só ramo, e não se prende a flor alguma? Correr pelos campos, aspirar o ar fresco da madrugada, ouvir os sabiás trinando o hymno do alvorecer, ir escutar á beira da mata o sussurro dos animaes selvaticos, que saltam de ramo em ramo, é uma vida tão rapida, tão tranquilla para o coração! Mas depois, minha mãe, succede ao alvorecer das manhãs, o alvorecer do coração; vem o amor; uns primeiros olhos pretos, umas fallas doces murmuradas á sombra dos coqueiros: e quando a primeira prenda d'amor, o primeiro beijo resôa pelas abobadas de verdura do laranjal, parece-nos que a vida é um canto infindo, que só tem principio no coração, e sempre a elle volta...

Aqui uma tosse cavernosa e estridente atacou o joven; seus olhos perderam por momentos o fulgor, os assistentes apressaram-se a ir buscar uma beberragem, e deram lhe algumas colheres d'ella. O doente voltou-se para sua mãe, e disse-lhe:

—Dê-me um beijo, minha querida.

A mãe pousou as faces sobre os labios do filho, e este apertou-lhe a cabeça d'encontro á fronte: depois ergueu-se illuminado por um clarão de poesia; brilhavam-lhe os olhos como estrellas refulgentes em manto negro de tempestade: as palavras melancholicamente accentuadas, tinham a aspiração dolorosa para a felicidade perdida.

—Esconda-me esses versos, minha mãe: não quero reavivar recordações dos ultimos annos. Quem sabe se podia um raio de luz penetrar ainda n'esta selva escura, em que fui buscar a morte? Quem sabe se esgotei antes de tempo o calix da vida? Morrer tão moço, minha mãe: quando cantam as aves n'aquelles coqueiros da varzea, quando aquelle céo azul me está sorrindo nos longes da montanha, como é cruel! como ha falta de piedade para os corações por quem fui amado! A gloria nunca me negára os seus sorrisos d'esperança: quem sabe se ámanhã me coroariam de flôres? Quem sabe se havia em minha imaginação um mundo ideial, que iria ennobrecer a patria, que eu tanto amava, e que ainda amo n'esta

hora derradeira! Terra do meu nascimento, e tu querida, que tanto amei, tu sombra amada da juventude, adeus! minha mãe, adeus!

Corrêra a mãe a prendel-o nos braços, e disse-lhe anhelante:

—Não, meu filho, tu não has de morrer agora!

Ergueu a cabeça, um derradeiro sorriso pairou em seus labios, e respondeu:

—Pois é a morte tão temivel?

Depois cerraram-se-lhe os olhos, e a serenidade da paz baixou sobre suas feições.

Perdêra o Brazil um dos seus mais illustres filhos.

Morrêra Casimiro d'Abreu.

REINALDO CARLOS MONTÓRO.

Á MEMORIA DE CASIMIRO DE ABREU

DEDICATORIA DAS POESIAS

DE

ERNESTO CIBRÃO

Casimiro d'Abreu era uma d'estas raras intelligencias e heroicas vontades que, voadoras temporãs, luctam contra todos os obstaculos do fossilismo e da indifferença, e ganham força na propria lucta.

Poeta creança, como Millevoye, e como elle contrariado pela solicitude da familia,—acabou por triumphar em segredo;—e, sem pronunciar o *promitto* de Ovidio, baixou a cerviz ante o quero da authoridade paterna, erguendo o coração e o pensamento á luz e ao posso do genio. Menos feliz, porém, do que o illustre elegiaco francez, não sahiu das mãos guiadoras e previdentes d'um douto Collenot para entrar no escriptorio de um rábula impertinente, nem viveu trinta e tres annos para cultivar o raro talento e colher o fructo de tantas e tão bellas flôres, que lhe brotavam n'alma ardente e apaixonada.

Casimiro d'Abreu, morreu em fins de 1860, aos vinte e um annos de idade, author d'um volume de poesias (1855-1858), das quaes a critica mais severa ha de acceitar muitas como formosas e todas como promettedoras. Sem mestres nem livros, empurrado barbaramente para o positivismo do commercio, Casimiro pendia a bella fronte e em sua quasi ininterrompida meditação—não aprendia, adivinhava—como, talvez, não com mais justiça, disse M. de Pongerville do admiravel author do —*Amour maternel* e de *Emma et Égirard*.

E assim se fez um poeta, e esse poeta fez um livro,—eloquente protesto contra as mãos sacrilegas que transplantam para os rochedos incendiados, para as brazas petrificadas de S. Vicente, um arbusto mimoso e raro dos jardins Van-Houte!

«Tudo me roubam meus crueis tyrannos:
«Familia, amor, felicidade, tudo!
«Palmas da gloria, meus laureis do estudo,
«Fogo do genio, aspirações dos annos!...»

É formoso e doe esse grito d'uma grande alma, que não póde voar aonde aspira, por medo de abandonar de todo aquelle corpo debil e já vergado, como a palmeira do deserto ao sopro do simoum.

Casimiro, o author das *Primaveras*, entrou hontem no mundo com as mãos cheias de flôres, que hoje, ainda verdes e perfumosas, lhe servem a adornar a campa.

Como Alvares d'Azevedo, a victima de si propria, como Junqueira Freire, o martyr do claustro, como Dutra e Mello, como Macedo Junior, a creança de quinze annos, que sahiu do berço para entrar no tumulo, espalhando assucenas no caminho,—Casimiro é uma gloria roubada ás letras brazileiras e a todos que fallam a lingua de Camões.

Lamenta-se que a rapidez com que passou na terra o não deixasse perpetuar o seu nome. André Chénier morreu em 1794: e 1819, á frente da 1.ª edição das suas poesias, escrevia Henri de Latouche: «André Chénier deixára apenas, na memoria d'alguns amigos das letras, um nome promettido á celebridade. A sua gloria era menos fundada sobre titulos do que sobre esperanças .... Para que, pois, entregaremos os fructos imperfeitos d'esta musa ao risco das nossas preoccupações!»

Mais tarde porém, nas seguintes edições, lê-se: «Hoje temos a certificar o immenso successo do seu livro, e a influencia d'um talento, completamente regenerador, sobre o futuro da poesia em França.» Sainte-Beuve o caracterisou; e o desgraçado author da *Invention* e do *Aveugle*, o mimoso e desventurado poeta da *Jeune captive*, é um dos maiores ornamentos da moderna litteratura franceza, e com Gilbert e Malfilatre fórma, no fim do seculo XVIII, a trindade dos astros, cujos dous horisontes quasi se tocaram—oriente e occidente.

Quem sabe pois se mais tarde, quando a critica se der ao trabalho de ler e meditar os livros de Azevedo, Freire e Abreu não achará muito de bom, que certamente fará mais sintida ás letras a morte prematura d'esses talentos, mas que tambem lhes trocará em aureo véo de gloria o manto verde-pallido de esperanças mortas, com que lhes envolvem os versos?

Esperemos.

Para mim,—e d'esta vez, pobre exigente, me não contento com pouco,—para mim a musa, que inspirou o *Amor e Medo*, merece bem as attenções da litteratura patria. E pois que o meu livro buscou protecção no tumulo, fechado apenas, de Casimiro d'Abreu, permittam-me que aquella sua mimosa e doce poesia venha aqui, por unica e emprestada riqueza, perfumar as pobres flôres que lhe offereci. A lua é escura e pede ao sol qne a prateie. *

Meu Deus! que é doloroso vêr tão verdes annos e tão brilhante porvir quebrarem-se na sombra da sepultura!

E assim, Gonçalves Braga, joven poeta portuguez, um dos companheiros de Casimiro,—fallecido no Rio de Janeiro, aos vinte e dous annos de idade, sob as lagrimas e o tecto d'um illustre litterato, patricio, amigo e, digamol-o, guia e mestre do infeliz author da formosissima nenia a uma suicida! E assim, Antonio Coelho Lousada, poeta e romancista portuense, bem mais rico de talentos que de venturas! E assim, Soares de Passos; e assim tantos!

Uma dôr resignada e religiosamente soffrida verte na maior parte dos versos de Casimiro d'Abreu um perfume de melancholia, melancholia que encanta e entristece. Tambem, presentira elle a morte, e, no dia em que dizia o extremo adeus a Affonso Messeder, que no tumulo o precedera de dous annos, prophetisou-a com notavel resignação e singeleza, em um só verso:

«Descansa! se no céo ha luz mais pura,
«De certo gosarás n'essa ventura
«Do justo a placidez!
«Se ha doces sonhos no viver celeste,
«Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
«Não tarda a minha vez!»

Nos ultimos dias de dezembro de 1860, no momento em que principiava a colleccionar e ordenar este volume, recebi a noticia da realisação d'essa triste prophecia. Casimiro de Abreu, o doce poeta das *Primaveras*, fôra-nos roubado;—não tardou a sua vez! Abri a primeira pagina do livro e consagrei-lh'o. Se uma lagrima nodoou a folha, era de saudade e subiu do coração aos olhos.

ERNESTO CIBRÃO.

* Veja-se adiante a poesia intitulada «Amor e Medo.

AS PRIMAVERAS

DE

CASIMIRO DE ABREU

Mais um livro no mundo das letras patrias, mais uma centelhasinha luminosa no céo azul d'esta terra bemfadada, porém eivada já de descrença e desalento no verdor dos annos, porque desprovida d'animação entibiam-se as forças, minguam-se as esperanças e esvae-se a fé no futuro, porque o presente é frieirão e desanimador para tudo, menos para o vapor, que com sua velocidade nos tem trazido o açodamento de fazer fortuna depressa. Collocam-se trilhos ainda sobre pedrouços desabridos, que nos conduzem a Californias e Australias, e deixam-se em desaproveitamento e cobertas d'urzes estradas de boa viação, que nos levem a areopagos, que nos alumiem a intelligencia e que nos enriqueçam as nossas amesquinhadas e esquecidas bibliothecas.

Bem vindo seja pois o livro das *Primaveras*. Casimiro de Abreu é um operario do futuro, carrega sobre seus hombros um pedaço de cantaria lavrada e facetada a cinzel, que ha de um dia ajustar-se ao edificio da litteratura patria. Mas ai! que lhe não soprem lufadas desabridas, que desfolhem e matem a florinha, que desabrocha a custo sob a pressão gélida d'uma indifferença esterilisadora.

Thomaz Chatterton morre de cansaço e de descrença aos 17 annos d'idade! Oh! que primavera fôra a d'aquelle prodigio sublime de precocidade nos vôos do genio; que decepções não experimentou o archanjo, que d'um céo de sonhos dourados viera conspurcar as azas candidas n'um mundo de loucuras, de torpezas, e desenganos! André Chénier morre aos 32 annos, porque a alma nobre e generosa do poeta la-

vrára um protesto solemne contra a sêde de sangue dos monstros da revolução franceza, e como o cysne nos trances do passamento, soltára as ultimas notas do canto magestoso dos anjos, cercado já do ether luminoso da eternidade, que transmitte de geração em geração o zêlo indelevel da immortalidade e da veneração para as victimas dos homens abastardados de coração e desagradecidos d'animo.

Dutra Mello, Alvares d'Azevedo e Junqueira Freire, passaram como meteóros luminosos em noite caliginosa; mas deixaram apoz de si longo esteiro de luz; seus nomes estão cercados da auréola da gloria, que a não mareia o indifferentismo dos homens glaciaes, idolatras das divindades dos Midas e dos Cressos.

Ai, não roubem ao poeta seus sonhos dourados; não gastem os perfumes inebriantes da flor de suas crenças; não lhe apaguem o lume que Deus lhe pozera no coração; deixem-n'o que viva elle no seu mundo innocente e arrebatador, que o alinde de miragens multicôres, que o povoe de fadas seductoras, que o opulente de pompas e de folguedos, e que dos angulos de seu edificio lhe respondam harpas inspiradas pela melodia dos anjos, que não deixem morrer os cantos, entorpecidos pelo desalento.

Primavera, época de flôres e de perfumes, symbolo de primicias e de juventude; sendal dourado que esconde entre côres deslumbrantes e phantasticas o inverno de hontem, e que faz esquecer por alguns momentos com suas pompas e atavios o inverno que ha de vir com seus nevoeiros negros, com suas tempestades desencadeadas, com seu descrer, pela desnudez d'alma, que vae colher á farta desillusões esterilisadoras e aborridas.

Primaveras—Eis pois o livro com que nos mimoseia Casimiro d'Abreu. É o repositorio de seus sonhos de poeta joven a quem a natureza deu muito e a arte pouco, porque suas vocações foram transviadas, suas aspirações foram estorvadas; aguia, já na infancia aquilatou suas forças, ensaiou seus vôos, adejou sobre regiões altas e livres, pairou algum tempo, e lá de cima soltou alguns threnos do devanear d'alma do que nascera poeta e queria amplidão para satisfazer á necessidade de seus instinctos; quando porém descera de seus primeiros vôos, agourentaram-lhe as azas, pozeram-lhe peias, e os vôos ficaram tolhidos pela pressão esmagadora d'uma atmosphera de ferro. Eis Casimiro d'Abreu, eis uma vocação senão perdida «porque tudo póde Deus, e muito o genio» ao menos

fanada e transviada pela contrariedade que o tolhe, o enerva e lhe recheia de torturas o coração, que ulcerado, solta gemidos com Harvey e Eduardo Young em logar de desatar-se em risos e delicias com Moscho, Sapho e Anacreonte.

Como todo o livro de canções, é o de Casimiro d'Abreu um complexo de folhas soltas, póde apanhar-se uma ou outra sem que o vergel soffra em sua symetria e harmonia. A florinha singela e pallida do resedá, a soberba e aprimorada magnolia, a humilde trepadeira silvestre, a explendida e fragrante rosa, a modesta violeta que se esconde, o jasmim d'Italia que se ostenta orgulhoso de seu perfume, tudo se acha ennovelado no jardim, e n'esta agglomeração consiste sua mais aprimorada louçainha, sua mais culminante e seductora belleza.

As canções são inspirações de momento e trovadas de jacto; o objecto que as inspirou embebe-se inteiro nas suas estrophes e fecha-as com o que tem de melhor; não se espaçam, nem se pejam de circumloquios e sobegidões. O azul do céo, o astro do dia, os astros da noite, o alcantil ennegrido das montanhas, a alcatifa verdejante dos campos, o perpassar preguiçoso do regato, que serpêa e rumureja, o mar, que tumultuoso róla incessante suas ondas alvacentas no rochedo da encosta, o bramir do trovão, a brandura das auras matinaes, o gorgeio dos passarinhos, o amor casto e puro, ou antes o ideial do amor, tudo arrebata, tudo extasia, tudo enche o peito do poeta, tudo o inspira.

Cada um d'estes objectos, cada hora de meditação, cada circumstancia da vida, desenham um quadro differencial, modelado diversamente, diversamente colorido, adereçado e recamado com donaires e louçainhas de galas e folguedos, ou com o dó e desatavios de magoas e pesadumes. E no entanto as lagrimas teem sua poesia solemne e sublime. A côr melancholica, que repassa o canto, tem tanta suavidade, tanta uncção, que interessa e arrebata. Essa contenção do espirito, que perscruta os entre-seios d'alma, e lhes arranca os segredos intimos, tem tanta sanctidade, que nos desperta tambem sentimentos nobres, porque desapega o homem das impurezas terrestres e o eleva á contemplação do infinito e com ella á ideia suprema da omnipotencia. E no entanto, na placidez, na tranquillidade, no silencio, ha muita poesia. O arrebol duvidoso que precede o bruxolear da manhã, tem mais poesia que o sol no meridiano opulento de raios deslumbrantes; a sua côr de prata subindo vagarosa pelo campo azul do céo

recamado de globos que fulguram em uma noite serena, tem encantos como um seio de virgem palpitando a um primeiro amor; o regato que foge manso e manso rumorejando a medo, escondendo-se na selva da campina namorado pelo enxame de borboletas iriantes que o beijam, recuam e voltam a fruir novos gôsos, tem mais poesia que o mar desenfreado bramindo de furor; na mudez da selva, nos perfumes das flôres silvestres, no gorgeio amoroso do sabiá sobre o leque das palmeiras, ha mais poesia que nos saraus das cidades, no ruido estrepitoso dos carros e nas musicas estrondosas dos amphitheatros.

As Primaveras—Oh! sim, tenho este florilegio diante dos olhos, vou colher as flôres que n'elle se enfaixam, ligadas por fios côr de rosa, mas por vezes entressachadas com a côr sombria do azedume e com a pallidez morbida do desalento.

Temos como certo que a poesia hodierna com seus vôos liberrimos, não quer nem póde acceitar as classificações, preceitos e mandamentos caprichosos da arte antiga. A escóla nova, em via de desenvolvimento e de progresso, ainda não foi rigorosamente formada e definida; refutam-se accepções varias e contradictorias ácerca da noção genuina da escóla dita romantica. O pensamento vôa á vontade; sem peias não conhece os senatusconsultos d'outras eras; é revel aos codigos velhos e obsoletos; cavalleiro truanesco da idade media, vae pelo mundo com sua cóta d'armas e capellina, com seu broquel e lança em cata d'aventuras, não se subordina a generos exclusivos, nem se estreita nos moldes homericos, aristotelicos e horacianos.

Modulam-se canções d'amores, entoam-se dethyrambos nos festins ruidosos, descrevem-se as scenas da natureza campezina, geme-se de dôr nos luctos e pesadumes da elegia; tudo isto se enfaixa, tudo isto se associa, tudo vem como ramilhetes cheios de variedade; ao lado dos goivos e da saudade veem as rosas festivas dos noivados e dos saraus; não se tem julgado a poesia nova obrigada á regularidade e symetria das estancias, como querem antigos; em compensação porém a melodia rhythmica tem chegado ao mais requintado grau de aperfeiçoamento, a cadencia metrica parece haver tocado a méta do primor artistico: dão-nos excellentes exemplos e modelos Antonio Feliciano de Castilho, João de Lemos e alguns outros.

Almeida Garrett é o Moysés portuguez da litteratura nova; conduziu os Israelitas á terra da promissão; deixou-lhes o Ge-

nesis para a reformação, insinuando-lhes (como outros já o haviam feito) a sacudir o jugo de practicas pagãs; porém aquella montanha immensa, que não podia conter o fogo que ardia em seu seio, tinha explosões amiudadas e as lavas multicôres e luminosas que se succediam, projectavam-se por todos os caminhos, que nem tempo havia para affeiçoar estradas, nem para recamar e aprimorar leitos para tão magestosos hospedes, e por vezes a familia soberana dos sonhos e devaneios d'um dos maiores poetas do nosso seculo, caminha com suas vestes roçagantes de purpura e d'ouro sobre asperezas e algares pouco aproveitaveis; mas emfim o mestre não dava contas, creava o seu mundo como lhe aprazia: os reformadores soem ser excessivos; é sestro antigo e quiçá providencial. Casimiro d'Abreu acceita esta direcção; as *Primaveras* parecem-nos filiadas a esta escóla. O seu primeiro livro contém saudades da patria; é a nostalgia poetica; é *o gosto amargo d'infelizes*; *o pungir delicioso d'acerbo espinho.* Este sentimento mavioso, que tem por séde um peito que muito amou, e que ama ainda, e que não póde voar, não póde franquear o espaço para abraçar tantos objectos que o arrebatam; é por certo uma mina de opulencia inexgotavel para cantos; sensibilisa sempre; move affectos com uma ternura merencorica, difficil de definir.

Se Casimiro d'Abreu não pôde encontrar veeiros dos mais fartos e opulentos, não é culpa sua, nem tão pouco o será de qualquer outro; é que Gonçalves Dias, mais feliz, opulentou-se escavando e apropriando-se de grande somma de preciosidades com que realça e aprimora seus carmes a dúas mil legoas das montanhas verdes do paiz natal.

É necessario cavar muito fundo para achar a béta tão bem explorada; demais, as canções do exilio foram trovadas por um joven que ainda tinha visto e ouvido pouco; eram vôos do espirito, repassados de dôr intima, na ausencia do que lhe era mais caro; eram effluvios das flores do genio ao despontar de uma primavera precoce.

Ao primeiro livro seguem-se algumas poesias a que o author denominou *Brazilianas.* Fôra sem duvida intento seu desenhar n'estes quadros as luzes e sombras do *ninho seu paterno*, e dar-lhes o que em linguagem hodierna se diz—côr local—; por outra, imprimir n'estes cantos o caracter nacional, ou typo americano. Empreza difficil e ardua nos parece o extremar estes arraiaes. Com a mesma linguagem que de nossos avós herdamos, com a mesma indole; habitos, usos e

costumes identicos, a mesma civilisação; quando tudo nos vem cahindo parallelo, ao par e ao passo, não acreditamos em separação de provincias litterarias com typos e caracteristicos differenciaes; nem crêmos que meia duzia de nomes proprios e appellativos e a descripção de ceremonias e lithurgias barbaras e achavascadas, colhidas sabe Deus como, adivinhado o resto, possam ser os marcos da extrema de arraiaes litterarios; mas, emfim, nem todos assim pensam; deixemos a cada um seu livre alvedrio, nem a nosso proposito vem questão de simillhante jaez; passemos pois ao assumpto que nos chama a terreio e sejamos breve.

A primeira poesia d'esta collecção tem por titulo *Moreninha*; é em metro de sete syllabas, está bem trovada em sextilhas, rimando desaffrontadamente de dous a dous versos, e terminando artisticamente sempre em agudo, o que em verdade lhe dá primor; com todas estas bellezas de fórma, é comtudo a moreninha do nosso poeta um typo que não conhecemos, porque não o temos como nol-o pinta. Uma joven que enrubece ao mais ligeiro cortejo, com suas tranças graciosamente ataviadas de fitas, com suas flores no samburá, rufando seu pandeiro, sentada n'um banquinho da praça publica, esperando que lhe venham feirar as flores, será um bello sonho, uma creação phantastica bonita; existirá esse typo algures, mas nós sem duvida o não possuimos. As demais poesias d'esta collecção são mais ou menos graciosas e em diversas metrificações. No encalço das *Brazilianas* vem o segundo livro; ahi deparamos nós com bellas poesias, pensamentos arrojados, elegancia de fórmas, symetria nos delineamentos, correcção nos contornos; é um jardimzinho bem traçado e caprichosamente alinhado por um desenho feliz; seus canteirinhos estão symetricos, e seus alfobres deixam correr graciosamente as aguas que vicejaram o plantio e que fizeram brotar tão amenas flores em manhã de primavera.

O primeiro canto que se nos offerece aqui é um hymno á primavera; é em quadras de medida saphica, rimando os dous extremos entre si, assim como os dous meios, corre com fluidez e bem. As duas poesias que seguem—*Scena intima*—e—*Juramento*—são em metro de sete syllabas, o primeiro entremeia-se com um quebrado de tres syllabas, rimando com outro simillhante que põe remate a cada estancia.

Estas duas canções dão-nos uns longes das suavissimas e fragrantes folhas cahidas de Almeida Garrett, folhas allegoricas e mysteriosas, que nem por cahidas deixam de exalar um

balsamo que suavisa e se embebe nos seios d'alma. No meio porém d'estes bellos cantos temos para nós como muito bons, o que tem por titulo — *Canto de amor* — e outro — *Amor e Medo* — : ambos são saphicos; o primeiro tem rima obrigada, alternando nos quatro versos de cada estrophe, o segundo rima o segundo e quarto. Estas duas poesias estão opulentas de pensamento e bellas de metrificação, correm com summa fluidez, porque seu mechanismo é bem elaborado, e por isso sua afinação agrada a qualquer ouvido avezado ao alamiré de melodias metricas.

No terceiro livro a lyra não desmente a primorosa afinação de suas cordas; ha n'este bello repositorio cantos que podem sem fatuidade pretenciosa alear as altas regiões da poesia lyrica, emparelhar-se com as mais escolhidas producções, não desmerecer primazias, nem destoar da gamma ferida pelos mestres d'arte.

A segunda poesia d'este livro tem por titulo—*Illusão*—; ahi o poeta mostra-nos que póde haver-se bem com o metro de nove syllabas: para nós as tres pausas que regem necessariamente este genero de versos, tornam-o de uma suavidade e cadencia a que nada iguala: nem podemos conceber o porque o illustre professor Freire de Carvalho, em suas lições de poetica, chamando-o erradamente verso de dez syllabas, ou de Gregorio de Mattos (quando Metastasio já d'esses havia usado) nos diz que nem lhes sente melodia, nem lhes descobre graça; é por certo inconcebivel este juizo do distincto professor do lyceu de Lisboa. Em summa; dizem alguns desculpadores de desacertos alheios, que em materia de gosto se não admittem controversias; temos para nós que assim não é, porque o gosto tem normas, tem preceitos; e ai da poesia e da litteratura se esta apreciação se fizesse a talante de qualquer contrabandista desalmado, que nos viesse dizer : a vossa producção não presta, sem que nos trouxesse os porquês, bem arranjadinhos, bem arrazoados e bem comparados com os modelos tidos e havidos como normas legitimas. Hajam se o quizerem como cancellada e não escripta a nossa digressão; deixemos a obliquidade *per accidens* e vamos nosso caminho.

Temos n'este livro o canto—*Minh'alma é triste.*—Esta nenia, em verso saphico, é em quadras obrigadas á rima, alternando nos quatro versos de cada estrophe; é um suspiro magoado: é o lamentar d'uma alma que não encontra o prazer em parte alguma, não o conhece, não sabe em que elle consiste, e que não tem saboreado os fructos sazonados da

felicidade; será isto assim? E' porém inverosimil; comtudo é boa inspiração e instrumentada em cadencia que agrada e deleita. O canto funereo á morte de Affonso Messeder, é uma elegia plangente, é uma guaia repassada do sentimento puro da saudade d'um amigo, que era um irmão; essa nenia falla-nos ao coração; revela-nos um pensamento sombrio de morte, que paira sobre o espirito do poeta, e mostra-nos uma alma que começa a enfermar de descrença e desalento; é em metro decasylabo com quebrado; está regularmente desenhado.

A poesia a Macedo Junior, em sextilhas decasylabicas com quebrados, rimando apenas este em cada estancia, é sonora e cadente; mas ainda tem mais riqueza no pensamento que a domina; são bons conselhos dados a um moço de quatorze annos, cheio de inspirações, opulento de talentos precoces; ha n'este canto preceitos bons de seguir; ha um pharolsinho que aponta a róta para evitar desaproveitamentos e excessos de enthusiasmos, que tem transviado tanta gente, e gente que podia valer alguma cousa para nós outros, que conversamos com as letras, e que contemplamos com meditação séria as producções do espirito.

No Leito—Eis um canto magoado, muito de ouvir e muito de deliciar-nos, porque sente-se-lhe os perfumes da poesia do coração. É este canto em metro de sete syllabas e corre fluido e desempedido. Aqui o poeta estava enfermo, tinha febre, seu coração, suas arterias palpitavam com aquella acceleração tumultuosa que nos attestam esse orgasmo da vida em que a mente se exalta a regiões supremas; em que existe por vezes tanta lucidez, que aquelle que soffre torna-se por momentos um orador, ou um poeta, porque o espirito sóbe acima de seu nivel ordinario nos éstos do calor vital.

Recommendamos a leitura d'este hymno de amor; de incertezas, de saudades e de despedidas.

Fecha o poeta o seu volume de—*Primaveras*—com o *Livro Negro*.—Oh, que antes o houvera rematado com um livro côr de rosa, recamado de matizes do céo, ao annunciar o erguer do sol no meio das aguas do oceano no seu banho da madrugada.

Nas paginas d'este livro trava-se muito soffrer; por seus cantos turvos e melancholicos revela-se muita descrença, muita desesperança; nas guaias que alli se escutam, ha muita dor, muito pesadume; a alma está envolta nos crepes sombrios e lutuosos d'um padecimento que a entorpece e desalenta, e por isso o alaúde tambem desce um pouco da afinação e destôa

uma ou outra corda, porque no fim de tantas harmonias as cordas não comportam tensão tanto tempo prolongada e lá vem descendo alguma, e certo é o desafinar.

O cantor que nos faz ouvir harmonias melodiosas e arrebatadoras por muito tempo, lá lhe vae por fim falseando uma ou outra nota e acaba por enrouquecer, ainda que seja Duprez, Ronconi e Taquinardi, traduzindo as melodias arrebatadoras de Porpora, Paesiello, ou Cimarrosa. Em summa, o soffrer intimo tem arcanos impenetraveis. Respeito aos segredos d'um coração que se estorce em dôres intimas. Silencio sobre o *Livro Negro*.

O poeta, emfim, póde fazer calar aos curisos e maldizentes com aquelles bellos versos do suavissimo Castilho

«Ao sem ventura, que entender meu canto,
«Meu canto e minhas lagrimas envio.»

J. M. VELHO DA SILVA.

Macahé—15 de Setembro de 1860.

DOUS GENIOS E UM SÓ DESTINO

ALVARES DE AZEVEDO E CASIMIRO DE ABREU

I

O viajor que contempla a queda dos imperios tendo diante de seus olhos as ruinas d'essas mesmas nacionalidades, não póde entristecer-se mais do que o espirito humano folheando as paginas de livros, que são outros tantos legados que deixam á posteridade, vultos cujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brazil, paiz novo e cujos passos na carreira das letras são ainda muito lentos, já tem comtudo visto perecer muitos filhos illustres, uns chorando no exilio a familia de que para sempre se achavam separados, outros exhalando no seio d'ella seus ultimos suspiros, tornando talvez mais acerba a sua dôr, e outros que se não morrem physicamente perdem a existencia moral, descrendo d'uma sociedade que caminha cegamente para o abysmo das ambições e interesses. D'entre esses vultos envolvidos hoje nas lages do sepulchro, dous ha que desejamos, ainda que momentaneamente, fitar em suas frontes augustas, nossos olhos timidos e escurecidos pela descrença. São elles, Alvares d'Azevedo e Casimiro d'Abreu.

II

O primeiro, é o cysne da poesia *byronica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo, o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O enthusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer á taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino, e não encontrou um só peito que entendesse o seu; era que elle não nascera para a terra! Só encontrou beijos vendidos da messalina das ruas,

ou peitos frios de mulheres que não o comprehendiam. Então foi poeta; escreveu, e escreveu em dous volumes, o que muitos talentos não escreveriam em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia, e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, em quanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tudo, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito, e quando em Byron apreciava essa melancholia e descrença do cantor do *Child-Harold*, regosijava-se de achar um peito igual ao seu.

Depois d'esta lucta entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu; e a dôr d'esta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa, oh poeta! que foi longo o teu soffrer sobre a terra!

III

Agora, uma vista d'olhos sobre o cantor das *Primaveras*. Cheio de crença e possuidor d'um verdadeiro talento, Casimiro d'Abreu foi um d'estes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancholica tristeza, porém forte e altivo, conservou-se puro atè o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou n'esses lodaçaes, que pervertem a mocidade, e sua alma virgem, só tinha sanctas ambições. Apaixonado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo immundo do scepticismo lhe manchou a fronte. Entretanto, elle soffria e muito, e quem quizer certificar-se leia o seu *Livro Negro*, que faz parte de suas bellas *Primaveras*, e ahi verão os suspiros tristes e melancholicos do poeta sertanejo. Entretanto, a descarnada e negra mão da morte ceifou para sempre de nós esse genio, cuja morte tantas lagrimas arrancou áquelles que o conheceram! E porque, meu Deus, não haverá uma lei da natureza que immortalise a existencia na terra d'esses genios tão bellos? Necessariamente porque a terra não os merece, e elles vão no seio do Senhor fruir uma existencia a que tem jus!

IV

E eis ahi dous filhos illustres que o Brazil hoje chora, cu-

jos corpos ennegrecidos pelo pó da tumba, apenas se reconhecem como cadaveres! E eis dous vultos que se somem do campo da intelligencia, porque a mão da morte esgotou o sangue do enthusiasmo, que lhes circulava nas veias, porque absorveu as lavas da intelligencia, que seus craneos expandiam, porque apertou seus peitos debeis com seus braços de ferro, e no auge de seu furor arrancou a vida de dous genios illustres, riscando seus nomes immortaes da lista dos viventes!...

Rio de Janeiro—10 de janeiro de 1861.

W.

CASIMIRO DE ABREU

Da republica das letras desappareceu um tão joven quanto denodado combatente.

A perda foi por demais sensivel!

Não lamentam seus companheiros sómente o passamento d'um irmão d'armas, tambem sentem a perda d'um amigo fiel e dedicado.

Por isso o chefe da republica, d'accordo com os membros do conselho superior das letras, expediu as precisas ordens para que o nome e os feitos do companheiro que pranteiam, ficassem gravados na memoria da geração presente e na dos vindouros, e que, para se pagar uma divida de gratidão, lhe fosse erguido um monumento.

O nome d'esse guerreiro?

Casimiro d'Abreu.

Seus feitos?

As producções em prosa e em verso impressas separadamente, e *As flôres das suas Primaveras* reunidas n'um volume de poesias.

Qual será o monumento?

As suas composições ineditas offerecidas a um amigo, a biographia do finado cantor e todas as noticias sobre o seu passamento.

Ainda bem que cedo se pretende solver tão magnanimo compromisso!

. . . .

Rendemos hoje um tributo de veneração aos manes de Casimiro d'Abreu. Esse tributo não é só em remuneração aos serviços que ás letras prestou o fallecido cantor das *Primaveras*, mas tambem pelo espirito de classe, pois que elle sobejamente illustrou a corporação commercial á qual pertencera.

Pertencendo os fundadores e sustentadores d'este jornal em sua quasi totalidade ao commercio, e desejando desenvol-

verem-se no cultivo das letras, dupla razão lhes assiste na prestação da homenagem devida a esse joven, já como poeta, já como caixeiro.

E como elle, cumpre-nos exclamar:

«Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
«Pr'a que apagas, Senhor, a chamma ardente
«N'um craneo de volcão?
«Pr'a que poupas o cedro já vetusto,
«E, sem dó, vaes ferir o pobre arbusto
«Ás vezes no embryão?!...»

Pobre arbusto! Apoz o florescer e quando os fructos já despontados começavam a amadurecer, veio o impio furacão arremessal-o por terra.

É mais uma esperança perdida!

Pranteêmol-a!

30 de novembro de 1860.

DA REDACÇÃO DO ACAJÁ.

A CASIMIRO D'ABREU

Li as tuas Primas-véras,
Devéras mimosas são;
São lindas como os amores,
Parecem primas de flôres....
Quizera ser teu irmão.

Que vida nos seios d'ellas!
Que perfumes que ellas tem!
Não ha sultão mais ditoso!
És um primo venturoso,
Não tem mais primas ninguem.

Alegres como andorinhas
Tens umas primas, Jesus!
As moreninhas faceiras!...
São jurytis ás carreiras
Pelas moitas dos bambús.

Outras pallidas suspiram,
Tão descontentes de si,
Que fazem dó!... coitadinhas!
Nos olhos das moreninhas
Terão ciumes de ti.

Outras são... ora, são tantas...
Não tem mais primas ninguem,
Não ha sultão mais ditoso,
És um primo venturoso,
De primas tens um harem!

Beijei-as uma por uma;
Não te faças Zelador!
Não fazem mal os meus beijos,
Que os labios dos sertanejos
São como ninhos de flôr.

Mas... perdão! és um tyranno!
Repito ainda—perdão!
És um tyranno de raça:
Expôl-as assim na praça,
Para vendêl-as?—Pois não!

Para applausos?—Faço ideia!
Has de ter muitos—pois não!
Aqui no paiz das tretas,
Não se quer primas de letras,
Quer-se manteiga e feijão.

Se és um primo venturoso,
Que mimosas primas tens;
N'ellas vejo os teus azares,
Dou-te pois os meus pezares,
E retiro os parabens.

.... 1859.

BRUNO SEABRA.

A CASIMIRO DE ABREU

AUTHOR DAS—PRIMAVERAS

Como André Chênier, no craneo augusto,
Alguma cousa tens!

C. D'ABREU.

I

Poeta! Derramou-te Deus na fronte
A luz da inspiração omnipotente,
Ensinou-te a sentir;
E marcou ao teu genio um horisonte
De crenças e esperanças no presente,
De glorias no porvir!

E tu, co'a fronte ungida e radiante
Firmaste o pé na estrada do progresso,
Modulando canções!
Caminha! Ergue o alaúde triumphante,
Despresa a geração que adora um Cresso,
E que olvida um Camões!

Sobre a escabrosa estrada do futuro
De encontro aos passos teus, mais de um espinho
Irá teus pés magoar;
Não voltes, que renegas! vai seguro,
Caminha, que no fim do teu caminho
Louros has de encontrar.

Caminha, e deixa em seu prazer mundano
A esses, que aos poetas estão vendo
Com escarneo sem fim;
Encara-os como Byron lusitano,
E dize-lhes: «De vós eu nada entendo,
«E vós nada de mim!»

A elles o destino deu por sorte
O fogo da ambição, que os incendeia,
A nós a lyra e a cruz!
Elles teem das riquezas o transporte,
Que aviventa a materia e mata a ideia,
Mas nós temos a luz!

. . . .

II

Oh! poeta da fronte pensativa,
Recebe na alma candida, inspirada
A saudação do irmão!
Eu me arrebato, ouvindo a lyra altiva,
Mas a tua poesia enamorada
Me falla ao coração!

Nos perfumes da timida innocencia,
Como as houris nos banhos do Oriente,
Tu'alma se banhou;
E por entre o sorrir da adolescencia
Logo dos labios teus pura, indolente,
A poesia brotou!

Depois o amor, doce mysterio d'alma,
Por entre o medo, a que ninguem resiste,
Tu'alma surprendeu:
Tambem cingiste do martyrio a palma,
E o doce canto da tu'alma triste
Minh'alma entristeceu!

Como choras no leito dos teus sonhos,
Prostrado pela horrenda enfermidade,
Ao teu anjo a rogar
Que os seus olhos, outr'ora tão risonhos,
Sobre o frio portal da eternidade
Por ti fossem chorar!...

Mas tu porque tão cedo desesperas,
Deixando dos teus labios, inda ardentes
    Amargura correr?
Tu, mimoso cantor das *Primaveras*,
Do *Livro Negro* as paginas descrentes
    Porque foste escrever?

Ah! não vás, meu poeta dos amores,
Manchar a c'rôa á virgem da poesia,
    Que tão pura te amou!
Não te illudam do *Goethe* os esplendores,
Que esse deus da sublime zombaria
    O coração matou!

Inspira-te do céo da patria tua
Ante o qual ninguem ha que não se incline
    Pela manhã gentil;
Canta a aurora ao nascer, á noite a lua,
E assim darás tambem um Lamartine
    Ás musas do Brazil!

Poeta! Crê no amor das almas puras,
Canta a patria, o futuro, a liberdade,
    O puro amor e Deus!
Eu te antevejo a aurora das venturas,
E o teu Brazil, com as palmas da amizade
    C'roando os cantos teus!

Setembro de 1859.

GONÇALVES BRAGA.

A CASIMIRO DE ABREU

...Vêr o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro,
Nas glorias do seu futuro,
Dourando a vida de luz,
De crenças, de amor, de fé,
Vel-o finar-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
E' dor de mais—pois não é?!..

CASIMIRO D'ABREU.

Aquella pallida fronte,
Ardente como um vulcão,
Em que um brilhante horisonte
Sorria de inspiração;
Cuja musa, em meigos cantos,
Sorrindo ou vertendo prantos,
Sempre cantando, encantava;
—Pallida agora, mas fria,
Não mais desprende a harmonia
Que no seu antro encerrava!

Que é d'elle, o joven cantor,
Astro brazileo a surgir,
Que entre os seus cantos de amor
Fazia amores sentir?...
Que é d'elle, o joven amante,
Que do seu berço distante,
No verdor da mocidade,
Vendo outro céo, outras flôres,
Não lhes achava primores
Por ter da patria saudade?...

Viram-no as margens do Tejo
Murmurar hymnos de amor,
Á patria mandando um beijo
Com dedicado fervor!
Que puro amor terno e santo
Revela aquelle seu canto
A sua mãe, relembrando
A falta d'essas caricias,
Que eram as suas delicias
No patrio ninho habitando!...

Tambem as margens do Douro
Viram-no triste, a gemer,
Dizendo na lyra d'ouro:
«Brazileiro hei de morrer.»
Só vendo ao longe a belleza,
Primores da natureza,
Encantos a mil e mil.
Que em longas, remotas eras
Quiz marcar nas—Primaveras
Eternas no seu Brazil.

Quem é que ao pranto resiste,
Seja poeta ou não seja,
Ouvindo—*Minh'alma é triste*;
Que o *Livro Negro* reveja?...
Parece que o soffrimento,
Funesto presentimento
D'amargor lhe enchia o peito!...
Cantava...—mas que cantar!
Era um bardo a suspirar,
Sempre em lagrimas desfeito!

Era a canção do exilado,
Que tristes mágoas encerra,
Soltando um ecco abafado
Que sôa de serra em serra!
Elle era o nauta nos mares,
Procurando os patrios lares
C'os torvos olhos saudosos;
E ao rouco gemer do vento
Unindo um triste lamento
Entre suspiros queixosos!...

Que terno amor! que poesia
Na mente lhe borbulhava
Quando a saudade e harmonia
Do sabiá recordava!...
D'esse cantor das palmeiras,
Que nas matas brazileiras
Modula os ternos queixumes.
Que fogo de amor intenso,
Cantando o Brazil immenso,
Cercado de mil perfumes!...

Que coração de poeta
(Livre das loucas orgias),
Que em musa casta e discreta,
Batia, ao som de harmonias!...
Que brandas, sentidas queixas
Ao som de ternas endeixas
Revelando os seus amores!....
Que bella esp'rança perdida,
N'esse futuro da vida
Do outomno, com seus primores!...

E tudo tombou—cahiu
Da praça ao tufão medonho,
Que no sepulchro sumiu
Tão bello arbusto risonho!...
Esse tufão, que tão cedo
A Dutra, Amaro e Azevedo
Na primavera cortou,
Sedento de atroz furor,
Ao fluminense cantor
Na terra em furia lançou.

E quatro lustros sómente,
Cheios de vida e fulgor,
Perderam seu brilho ardente
Na campa, em gelido horror!...
Que verde esp'rança murchada!
Que flôr tão bella, esmagada,
Hoje sem brilho e sem côr!...
Que galardão tão subido,
Que de futuro perdido
Nesse brazileo cantor!...

Só d'elle resta a lembrança,
Que mudamente suspira
Accorde, mas sem esp'rança,
Nos tristes eccos da lyra!
Chora a familia saudosa,
Chora a musa lacrimosa,
Chora o Brazil, que o perdeu,
Chorará quem n'outras eras
Lêr com mágoa as *Primaveras*
De—Casimiro de Abreu.

J. V. DA SILVA AZEVEDO.

A CASIMIRO DE ABREU

Canta e canta sempre!
C. D'ABREU.

Eu tambem li as tuas—primaveras,
E vi d'ellas as flores tão mimosas.
De jubilo beijei-as!
É que sentia em mim vir espelhar-se
A melodia terna de teus cantos,
De magicas sereias!

Vi tuas flôres rebentarem lindas!
Vi os teus cantos de pungentes dôres,
E outros de esperança;
Cantos, já de um mancebo pensativo,
E outros de saudades—cantos ternos,
Balbucios de creança!

E vi n'essas florinhas tão mimosas,
Um cantor promettendo ás nossas letras
Mais cantos no futuro;
E apenas n'esse céo todo estrellado,
N'essa roseira enfloreada e linda,
Eu vi um ponto escuro.

Era o teu—*Livro Negro*—negro? embora!
O coração du homem tambem sente
Alegrias e dôres!
Como sons d'harpa meiga de poeta,
Que ás vezes choram e outras vezes riem
Nos canticos d'amores.

Vi—saudar te esse irmão de teus cantares,
Mais uma c'rôa te lançar na fronte,
Abraçar-te em seu canto;
E tu, agradecer-lhe em cantos d'alma,
Tendo n'ella os mais tristes desalentos
E nos olhos o pranto!

É tarde! que disseste? Tu não viste
Como—Azevedo—se escondeu na campa?
Não viste, meu amigo?
A gloria não te importa? ao menos, poeta,
Com cantos de esperança encobre as penas
Que já trazes comtigo.

É tão triste o morrer-se quando a aurora
Da vida—em flôr—nos vem banhar o craneo,
Aonde um fogo arde!
É tão triste o morrer-se! e ouvir um poeta
Dizer a quem o anima: «Ai! já não posso...
Agora... é muito tarde!...»

O desalento é qual o sonho horrido
Que sempre que dormimos nos persegue;
É á noite a sombra nossa
Quando vagamos ao claror da lua:
E a esperança é a virgem que dá a vida,
Que os corações remoça!

Ai! é tão triste vêr a flôr que outr'ora
—Inda em botão—no hastil, tão indolente,
Sobre a terra cahida!
Cahiu, porque faltou-lhe a brisa meiga.
Assim, se te faltar a esperança,
Tu cahirás sem vida.

Não deixes de cantar! inda é tão cedo!...
O sol da nossa patria brilha agora
Com pallido abandono...
E a lua que prateia o lago liso,
Que desenha no chão todas as flôres,
Parece que tem somno!...

Brinca o mar, geme a onda sobre a praia...
A mansa brisa vem cantar ás flôres
Seus dons innocentinhos...
Na mata, á tarde, geme a rôla triste...
E os chilros se ouvem virem lá do bosque
De tenros passarinhos!...

E o sol, e a lua, e o mar que geme manso,
E a brisa, e a rôla, e os passaros dos bosques
Elevam um hymno a Deus!
Oh! canta, e vai á noite, solitario,
A Elle, e ao sol e á lua macilenta,
Soltar os cantos teus!

A ti qu'importa a festa do futuro?
Ah! se tu cantas, não almejas louros,
Nem paginas na historia.
Eu bem o sei. Cantar na flôr dos annos,
Quando o peito é um vergel todo amoroso...
É a verdadeira gloria!

Como a flôr que é botão inda entre-aberto,
Tendo perfumes—flôr de primavera,—
Assim é nossa infancia.
Na juventude o coração é louco;
Na adolescencia a poesia é vida;
É um céo de fragrancia!

Oh! canta! e despe o véo dos desalentos
Que cobre a tua musa tão mimosa,
Que é como tu singela;
E despertando de tua harpa as vozes,
As canções surgirão inda mais puras
Que beijos de donzella!

Eia! ávante poeta! Canta ainda,
Um pouco... mais... pois que o cantar é vida!
Oh! canta os sonhos teus!
E se não queres ter d'aqui as glorias,
Canta o céo tão azul, o sol, a lua...
E canta o nosso Deus!...

Rio—11 d'outubro de 1859.

ALMEIDA CUNHA.

A CASIMIRO DE ABREU

Recebe este voto, amigo,
. . . .
Em poucos versos singelos.
Qualquer os fará mais bellos;
Ninguem tão d'alma os faria.

ALMEIDA GARRETT.

Inda o cypreste não roçára o tope
Na cruz do tumulo;
E nem a relva tapetára a base
Do teu sepulchro.

O chorão não soltou as folhas mortas
E as doces lagrimas;
E nem as rosas da primeira corôa
Murcharam inda.

Mas tu não vives! desfolhou-se o arbusto
Na quadra florida!
E a brisa perfumada do oriente
Passou assim na terra.

Creança e moço
Deste ao mundo um rosal de primaveras...
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo!
. . . .

E eu venho aqui,—á sombra do cadaver
E á luz do espirito
Que brilha lá no céo,—depor um cofre
De gôso e mágoas;

Que em noites de tristeza me sorriam
    Estrellas fulgidas;
Que, em dias de pesar, o sol ás vezes
    Me alumiára.

A ti a flôr que aos risos da ventura
    Abrira o calix;
A ti o pranto que orvalhou a rosa
    Por conservar-lhe o viço!

    Guarda-o, poeta,
Á sombra protectora do cypreste
    E á luz da tua gloria.

Paris—26 de dezembro de 1860.

ERNESTO CIBRÃO.

VIVEU, CANTOU, MORREU

—

Viveu como uma flôr tão curta vida,
Ou foi uma esperança fallecida,
Ou sonho que acabou;
Sem gosar dos festins que o mundo afaga,
Como um baxel que a tempestade traga,
Os dias seus passou.

Cantou suas passadas primaveras,
Tendo saudades d'essas lindas eras
Em que tudo é sonhar;
Seus pesares gemeu e suas dores,
Esperanças cantou o seu penar.

Morreu inda na flôr da mocidade
Entoando uma nenia de saudade
Por sobre os sonhos seus!
Foi saudar nova vida, novo sol;
Subiu inda da vida no arrebol,
Alegre aos pés de Deus.

Rio de Janeiro—outubro 1861.

CLIMACO ANANIAS BARBOSA D'OLIVEIRA.

LIVRO PRIMEIRO

—

Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée des fêtes de l'etranger, et qui ne se sont assis qu'aux festins de leurs pères!

CHATEAUBRIAND.

I

CANÇÃO DO EXILIO

—

Oh! mon pays sera mes amours
Toujours.
CHATEAUBRIAND.

Eu nasci alêm dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficão lá!
—Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh que céo, que terra aquella,
Rica e bella
Como o céo de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas
Não exhalas,
Não exhalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
D'aquelles campos nataes!
D'aquelle céo de saphyra
Que se mira,
Que se mira nos crystaes!

Não amo a terra do exilio,
Sou bom filho,
Quero a patria, o meu paiz,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu ólho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
—Desterrado—
A vida não é feliz.
N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu paiz!

Lisboa — 1855.

II

MINHA TERRA

—

> Minha terra tem palmeiras
> Onde canta o sabiá.
>
> G. Dias.

Todos cantão sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Hei-de fazel-a rainha;
—Hei-de dar-lhe a realeza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo d'um céo de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil;
—E' uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de Abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
—E' uma terra encantada
—Mimoso jardim de fada—
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas — a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

E' um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
—Tem serranias gigantes,
E tem bosques verdejantes
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo
A' sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o brado que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia
Em ternissimos enleios
Se beijavão com ternura
Em celestes devaneios;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na larangeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeo de labios augustos
O brado da liberdade;
Aquella voz soberana
Vôou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade!

Um povo ergueu-se cantando
—Mancebos e anciãos—
E, filhos da mesma terra,
Alegres derão-se as mãos;
Foi bello vêr esse povo
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
—Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra,
Nem os eccos da montanha
Ao longe dizião — guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

Se brasileiro eu nasci
Brasileiro hei-de morrer,
Que um filho d'aquellas matas
Ama o céo que o vio nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha-de vêr.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra,
Mas não póde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas,
O mesmo canto desfira.
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar — suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
—E' uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: — não tem rival!

III

SAUDADES

—

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillão
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar!

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de magoa e de dôr,
O sino do campanario.
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —
Eu sólto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres:
— Saudades — dos meus amores,
— Saudades — da minha terra!

...1856

IV

CANÇÃO DO EXILIO

—

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

—

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãi!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céo da patria,
O céo do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deos! não seja já!
Eu quero ouvir na larangeira á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céo da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
A voz do sabiá!

—

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na larangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Lisboa—1857

V

MINHA MÃI

Oh l'amour d'une mére !—amour que nul n'oublie
V. Hugo.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
—Minha Mãi !—

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
—«Oh filho querido do meu coração !»—
—Minha Mãi !—

No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado,
Cantando contigas, alegre embalava?
—Minha Mãi !—

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos ceos,
Quem é que meus labios dormentes roçava
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
—Minha Mãi !—

Feliz o bom filho que póde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
—Uma Mãi—

Por isso eu agora na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava·
—«Oh filho querido do meu coração!»—
—Minha Mãi—

Lisboa — 1855.

VI

ROSA MURCHA

Esta rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Pallido emblema de amor;
É uma folha cahida
Do livro da minha vida,
Um canto immenso de dor!

....

Ha que tempos! Bem me lembro...
Foi n'um dia de Novembro:
Deixava a terra natal,
A minha patria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida,
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sabe do lar fagueiro;
D'uma lagrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,
Ia morrer de saudade
N'outros climas, n'outras plagas;
Mas tinha orações ferventes
D'uns labios inda innocentes
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!
—Heide ir junto aos mausoleos
No fundo dos cemiterios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar os mysterios!

Carpir o lyrio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fronte saudosa,
Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos annos!

Era um anjo! Foi pr'o céo
Envolta em mystico véo
Nas azas d'um cherubim:
Já dorme o somno profundo,
E despedio-se do mundo
Pensando talvez em mim!

. . . .

Oh! esta flor desbotada,
Já tantas vezes beijada,
Que de mysterios não tem!
Em troca do seu perfume,
Quanta saudade resume
E quantos prantos tambem!

Lisboa — 1855

VII

JURITY

—

Na minha terra, no bulir do mato,
A jurity suspira:
E como o arrulo dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dores
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
Á beira do caminho;
—Talvez perdida na floresta ingente—
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes d'ella
É triste o meu cantar;
—Flor dos tropicos—cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade;
Hymno de angustia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
Á pomba faz o tiro....
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo ;
E descuidado no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
Dormir no meu jazigo:

E—morta—a pomba nunca mais suspira
Á beira do caminho ;
E como a jurity,—longe dos lares—
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho !

Lisboa—1857

VIII

MEUS OITO ANNOS

—

Oh! souvenirs! printemps! aurores!
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
—Respira a alma innocencia
Como perfumes a flor;
O mar é—lago sereno,
O ceo—um manto azulado,
O mundo—um sonho dourado,
A vida—um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céo bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céo de primavera!
Que doce a vida não era
N'essa risonha manhã!
Em vez das magoas de agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãi as caricias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
—Pés descalços, braços nús—
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céo sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

. . . .

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!

—Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Lisboa—1857.

IX

NO ALBUM DE J. C. M.

—

N'estas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
D'esses cantos de amizade,
Permitte que venha agora
Quem longe da patria chora
Bem triste gravar:—saudade!

Lisboa.

X

NO LAR

—

Terra da minha patria, abre-me o seio
Na morte—ao menos . . . .
GARRETT.

I

Longe da patria, sob um céo diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
—Ave sem ninho que suspira á tarde.—

No mar—de noite—solitario e triste
Fitando os lumes que no céo tremião,
Avido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos vião.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Porque chorara n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,
—O filho pródigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve!—

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu—cresceu commigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Arvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
—Noiva enfeitada para o seu noivado!—

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
—Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais sêcca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
—Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada m'esquece... e esquecer quem ha-de?..
—Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Falla-me ainda d'essa doce idade!

Eu me remoço recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as sallas, estes moveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio... a salla grande
Onde eu temia penetrar no escuro!..

E alli... n'aquelle canto... o berço armado!
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãi a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãi querida!
Oh! mana!—anjinho que eu amei com ancia—
Vinde ver-me, em soluços—de joelhos—
Beijando em choros este pó da infancia!

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exilio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gozo de proscripto
Chora minh'alma e me succumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella
Que eu, Senhor! não vivi—dormi apenas!
Minh'alma que s'expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites!
Quanto beijo roçou-me os labios quentes!
E, pallido, acordava no meu leito
—Sôsinho—e orphão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz d'esta natura;
—Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os labios ardem...
Preciso as dores d'um sentir profundo!
—Soffrego a taça esgotarei d'um trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
—Alma de archanjo que me falle amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor!—Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

Oh! céo de minha terra—azul sem mancha—
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagôa que o luar pratêa,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillas que morreis na arêa;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevís do campo, sabiás da praia,
—Cantai, correi, brilhai—minh'alma em ancias
Treme de gôzo e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura—modulai-me a lyra!
—Seja um poema este ferver de idéas
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito...
—Basta-me um anno!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gozos do meu lar querido...
Bemdito sejas!—vou viver c'os meus!

Inday'assú—1857.

XI

BRAZILIANAS

—

MORENINHA

—

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos d'amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á bocca cheia:
—«Mulher mais linda não ha!
«Ai! vejão como é bonita
«Co'as tranças presas na fita,
«Co'as flores no samburá!—

Tu és meiga, és innocente
Como a rôla que contente
Vôa e folga no rosal;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas fallas,
Morena—não tens rival!

Tu, hontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
Á fresca sombra do til;
Regando as flores, sósinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a jurity;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti!

E disse então:—Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás!
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha;
Ninguem t'iguala ou t'imita
C'o as tranças presas na fita,
C'o as flores no samburá!

Tu és a deosa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas vio-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sósinho
Por que sua alma ficou!

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas tambem a voz:

—«Oh! quem me compra estas flores?
«São lindas como os amores,
«Tão bellas não ha assim;
«Forão banhadas de orvalho,
«São flores do meu serralho,
«Colhias no meu jardim.»—

Morena, minha Morena,
És bella, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
—Tu vendes flores singellas
E guardas as flores bellas,
As rosas do coração?!...

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má:
—Como tu ficas bonita
C'o as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse então:—«Meus amores,
«Deixa mirar tuas flores,
«Deixa perfumes sentir!»
Mas n'aquelle doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo accendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazella não é;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo tambem;
Que importão rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?

Apenas vi-te; sereia,
Chamei-te—rosa da aldeia—
Como mais linda não ha.
—Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Inday'assú—1857.

XII

NA REDE

—

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rede de pennas
—O céo por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Dormia e sonhava—no rosto serena
Qual um serafim;
Os cilios pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos soltos cabellos
De fino setim!

Dormia e sonhava—formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno n'um magico anceio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava—a bocca entre-aberta,
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No colo a dormir!

Dormia e sonhava—no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava—de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgem na rede corando e sorrindo...
Beijou-me—a sonhar!

Junho—1858.

XIII

A VOZ DO RIO

—

N'UM ALBUM

—

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso ceo azul!
—Ai! porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras asas do Pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso ceo azul!...
—Tupá! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul?!

Lá novos campos outros campos ligão
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sosinha viverás no exilio
—Garça perdida n'esse mar que é verde!—

Nossas campinas como doces noivas
Vivem co'os montes sob o céo azul!
—Ha vida e amores n'este patrio ninho
Mais rico e bello que os vergeis do sul.

Essas palmeiras não tem tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormio teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocão co'os braços este céo azul!...
—Se tudo é grande n'este patrio ninho
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas:—essa terra fria
Merece amores, é irmã da minha—
Quem dar-te pode este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?!

Eu—Guanabara—no meu longo espelho
Reflito as nuvens d'este céo azul;
—Ó minha filha! acalentei-te o somno,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!...

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras
E o sol medroso s'esconder nas agoas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Hade scismando mergulhar-se em magoas!

Mas se forçoso t'é deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
Ó minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céo azul,

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços—ao voltar do exilio—
Saudando o berço que teu labio diga:

«Volvo contente para o patrio ninho,
«Deixei sorrindo esses vergeis do sul;
«Tinha saudades d'este sol de fogo...
«Não deixo mais este meu céo azul...»

Rio—1858.

XIV

SETE DE SETEMBRO

—

A. D. PEDRO II

—

I

Foi um dia de gloria!—O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramio soberbo, dos grilhões liberto,
No meio das florestas!

Lá no Ypíranga do Brasil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o augusto porte;
Cercada a fronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria:
—Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou echo no peito dos valentes
No campo e na cidade;
E nos salões—do pescador nos lares,
Livres soarão hymnos populares
Á voz da liberdade!

II

Annos correrão;—no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
A semente brotou;
E franca e leda, a geração nascente
Á copa altiva da arvore frondente
Segura se abrigou!

Á roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do lethargo se desperta,
E—livre—marcha pela estrada aberta
Ás glorias do porvir!

O paiz, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço...
Era o vosso, Senhor!
Vós do tronco feliz doce renovo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo
Quão grande é seu amor!

Rio—1858

XV

CANTICOS

—

POESIA E AMOR

—

A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lyra,
Da lua o clarão;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das aguas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os trémulos lumes,
Da fonte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que sólta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorgeio
D'algum sabiá;

A orphã que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã;
Os sonhos eternos,
Os gosos mais ternos,
Os beijos maternos,
E as vozes de irmã;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão;
O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singella
Do seu coração;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada
Qual berço de fada
N'um céo todo azul;
No lago e nos brejos
Os férvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Soletra e murmura
Nos halitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deos!

Os trémulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é—poesia!
Tudo isso é—amor!

Inday'assû—1857.

XVI

ORAÇÕES

—

A***

—

A alma, como o incenso, ao céo s'eleva
Da férvida oração nas asas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circumdão anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãi s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho oh! cherubim!
Quando resares por teu mano, á noite,
Não t'esqueças tambem — resa por mim!

Rio — 1858.

XVII

BALSAMO

—

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubara d'um só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sosinha e desgrenhada
—Estatua da afflicção aos pés d'um tumulo!—
O esqualido coveiro p'ra dois corpos
Ergueo a mesma enxada, e n'essa noite
A mesma cova os teve!
E a mãi chorava,
E mais alto que o chôro erguia as vozes!

....

No entanto o sacerdote—fronte branca
Pelo gêlo dos annos—a seu lado
Tentava consolal-a.
A mãi afflicta
Sublime d'esse bello desespêro
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldava-lhe a rasão no duro trance.

«Oh! padre!—disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma—
«Onde o balsamo, as fallas d'esperança,
«O allivio á minha dor?!»
Grave e solemne,
O padre não fallou—mostrou-lhe o céo!

Rio—1858.

XVIII

DEUS!

—

Eu me lembro! eu me lembro=Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céo sereno.

E eu disse a minha mãi n'esse momento:
«Que dura orchestra! Que furor insano!
«Que póde haver maior do que o oceano,
«Ou que seja mais forte do que o vento?!»

Minha mãi a sorrir olhou p'r'os céos
E respondeu:—Um Ser que nós não vemos
«É maior do que o mar que nós tememos,
«Mais forte que o tufão! meu filho, é—Deus!»

Dezembro—1858

LIVRO SEGUNDO

—

> La chanson la plus charmante
> Est la chanson des amours!
> V. Hugo.

XIX

PRIMAVERAS

—

> Primavera! juventud del anno,
> Mocidad! primavera della vita.
> Metastasio.

I

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinão as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotão aromas do vergel florído,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a fronte da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a creação modula,
Canta a calhandra, a jurity arrulla,
O mar é calmo porque o céo é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa:—Como é linda a veiga!
Responde a rosa:—Como é doce o orvalho!

II

Mas como ás vezes sobre o céo sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Sólta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas;—o jasmim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo
Bem como o galho do gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem do seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumesce o seio.

Na primavêra—na manhã da vida—
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
Á voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida—a mocidade é crença,
E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e goza.

1.° de Julho—1858.

XX

SCENA INTIMA

—

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
    Só p'ra mim!
—Ora diz-me: esses queixumes,
Esses injustos ciumes
    Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
    Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
    D'um olhar!

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
    N'um sorrir?
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
    Sem me ouvir?

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
    —Sem querer—
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
    Fui beber!

Erão uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infindos,
Só dos céos!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei!
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo—sem vontade—
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente,
Minha flor!
Seja grande embora o crime
O perdão sempre é sublime,
Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem—sem vontade—
Só peccou;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo...
Aqui 'stou!

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
 Doce mel;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
 O infiel:

Prende-me... n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
 Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este captivo
 Essa mão!

Mata-me sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
 Sem ter dó,
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
 Nem um só!

XXI

JURAMENTO

—

Tu dizes, oh Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como hasde tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?!

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vário,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá, sentada a meu lado
Com esse rosto adorado
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera:—inclina essa fronte..,
Assim!...—Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
—Agora, se em mim te fias,
Fica séria, não te rias,
O juramento é sagrado.

«—Eu juro sobre estas tranças,
« E pelas chammas que lanças
« D'esses teus olhos divinos;
« Eu juro, minha innocente,
« Embalar-te docemente
« Ao som dos mais ternos hymnos!

« Pelas ondas, pelas flores,
« Que se estremecem de amores
« Da brisa ao sôpro lascivo;
« Eu juro, por minha vida,
« Deitar-me a teus pés, querida,
« Humilde como um captivo!

« Pelos lyrios, pelas rosas,
« Pelas estrellas formosas,
« Pelo sol que brilha agora,
« —Eu juro dar-te, Maria,
« Quarenta beijos por dia
« E dez abraços por hora!»

O juramento está feito,
Foi dito co' a mão no peito
Apontando ao coração;
E agora — por vida minha,
Tu verás oh! moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!...

Rio=1857.

XXII

PERFUMES E AMOR

—

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

—

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor;
E o sol, abrindo da açucena as folhas,
Dá-lhe perfumes—e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta n'esta fronte ardor,
Sempre quizera ao encetar teu album
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deos! nas folhas d'este livro puro
Não manche o pranto da innocencia o alvor,
Mas cada canto que cahir dos labios
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,
Do nardo o aroma e da camelia a cor,
E possa a virgem, percorrendo as folhas,
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,
Nos ternos hymnos d'infantil frescor
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes — e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anhelo do feliz cantor:
—«Meu Deus! nas folhas do meu livro d'alma
Sobrão perfumes—e não falta amor!»

Junho—1858.

XXIII

SEGREDOS

—

Eu tenho uns amores—quem é que os não tinha
Nos tempos antigos?—Amar não faz mal;
As almas que sentem paixão como a minha
Que digão, que fallem em regra geral.
—A flor dos meus sonhos é moça e bonita
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,
Mas onde ella mora, que casa ella habita,
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus labios de rosa, a falla é de mel,
As tranças compridas, qual livre bachante,
O pé de criança, cintura de anel;
—Os olhos rasgados são cor das saphyras
Serenos e puros, azues como o mar;
Se fallão sinceros, se pregão mentiras,
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile com ella walsando
Senti as delicias dos anjos do céo!
Na dança ligeira qual sylpho voando
Cahio-lhe do rosto seu candido véo!
—Que noite e que baile!—Seu halito virgem
Queimava-me as faces no louco walsar,
As fallas sentidas que os olhos fallavão
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez!
Inda era mais bella rendida ao cansaço
Morrendo de amores em tal languidez!
    —Que noite e que festa! e que languido rosto
    Banhado ao reflexo do branco luar!
    A neve do collo e as ondas dos seios
    Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime!—Tem longos queixumes,
Misterios profundos que eu mesmo não sei:
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me matarão, de amor suspirei!
    —Agora eu vos juro... Palavra!—não minto!
    Ouvi-a formosa tambem suspirar;
    Os doces suspiros que os éccos ouvirão
    Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio
Passava uma barca, e o bom remador
Cantava na flauta:—«Nas noites d'estio
O céo tem estrellas, o mar tem amor!»
    —E a voz maviosa do bom gondoleiro
    Repete cantando:—«viver é amar!»—
    Se os peitos respondem á voz do barqueiro...
    Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo... a bocca emmudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os labios se tocão no ardor da paixão!
    —Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,
    Com fina malicia quereis-me enganar.
    Aqui faço ponto;—segredos de amores
    Não quero, não posso, não devo contar!

Rio—1857.

XXIV

CLARA

—

Não sabes, Clara, que pena
Eu teria se—morena
Tu fosses em vez de *clara!*
Talvez... Quem sabe?... não digo...
Mas reflectindo comigo
Talvez nem tanto te amára!

A tua cor é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bocca breve,
O teu sorriso é delirio...
És alva da cor do lyrio,
És *clara* da cor da neve!

A morena é predilecta,
Mas a *clara* é do poeta:
Assim se pintão archanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra
Emquanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente:
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabello;
—A *clara* é sempre mais fria,
Mas dá-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gelo!

À cor morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
—O teu sorriso é delirio...
És alva da cor do lyrio,
És *clara* da cor da neve!

Rio—1858.

XXV

A WALSA

—

A. M. * * *

—

Tu, hontem,
Na dança
Que cança,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na walsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquilla,
Serena,
Sem pena
De mim!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!...

Walsavas:
—Teus bellos
Cabellos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavão,
Voavão,
Brincavão
No colo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros

Volvias,
Tremias,
Sorrias
P'ra outro
Não eu!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!...

Meu Deus!
Eras bella
Donzella,
Walsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sylpho
Risonho
Que em sonho
Nos vêm !
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem?!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!..
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!...

Calado,
Sosinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na walsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem fallas,

Nem cantos,
Nem prantos
Nem voz!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!

Na walsa
Cançaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Scismavas,
E estavas

Tão pallida
Então;
Qual pallida
Rosa
Mimosa,
No valle
Do vento
Cruento
Batida,
Cahida
Sem vida
No chão!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!

Rio—1858.

XXVI

BORBOLETA

—

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
E louca quer variar?
Se já teus amores bellos,
P'ra que vaes dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor trahida
Na debil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciumes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?...

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?!

Tu vês a flor da campina,
E bella e terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem;
Depois, passado o delirio,
Esqueces o pobre lyrio
Em troca d'uma cecêm!

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sôpro da brisa,
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca d'uma outra flor;
Ella—a triste, mollemente
Pendida sobre a corrente,
Fallece á mingoa d'amor,

Tu tambem, minha inconstante,
Tens tido mais d'um amante
E nunca amaste a um só!
Elles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vais vivendo e não tens dó!

Ai! ès muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vais beijar outras flores;
Esqueces os que te amão...
Por isso todos te chamão:
—Borboleta dos amores!

Rio—1858.

XXVII

QUANDO TU CHORAS

—

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornão mais bello o crystalino pranto.

Oh! n'essa idade da paixão lasciva
Como o prazer, é o chorar preciso:
Mas breve passa—qual a chuva estiva—
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora:
—Semelha a rosa pudibunda e bella
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gotta transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas—tão feliz amante!—
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
—Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo,—beberei teu pranto!

Rio — 1858.

XXVIII

CANTO DE AMOR

—

A. M. * * *

—

I

Eu vi-a e minha alma antes de vêl-a
Sonhára-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bella,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como d'um desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz!

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr-do-sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E n'esta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silencio da noite a virgem vinha
Soltas as tranças junto a mim dormir;
E era bella, meu Deus, assim sosinha
No seu somno d'infante inda a sorrir!...

....

II

Vi-a e não vi-a! Foi n'um só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flor,
Mas n'esse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobrio d'affago,
E minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago
A branca nuvem que no céo passou.

A sua vista espairecendo vaga,
Quasi indolente, não me vio, ai, não!
Mas eu que sinto tão profunda a chaga
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já cahido o véo!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que niveo collo promettendo um céo.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

III

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu,

Se queres culto—como um crente adoro,
Se preito queres—eu te caio aos pés,
Se rires—rio, se chorares—choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus labios um sorrir fagueiro,
E d'esses olhos um volver, um só;
E verás que meu estro, hoje rasteiro,
Cantando amores s'erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguem te dá;
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade—lá!

IV

Se tu, oh linda, em chamma igual te abrasas,
Oh! não me tardes, não me tardes,—vem!
Da fantasia nas douradas azas
—Nós viveremos n'outro mundo—alem!

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus;
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos fallará com Deus!

Juntas, unidas n'um estreito abraço,
As nossas almas uma só serão;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Creará poemas d'immortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
É grande e bello como é grande o mar,
E doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida foge...
Sou como o lyrio que já murcho cahe!
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lyrio que morrendo vae!...

Rio—1858.

XXIX

VIOLETA

—

Sempre teu labio severo
Me chama de borboleta!
—Se eu deixo as rosas do prado
É só por ti—violeta!

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas!
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que as rosas.

A borboleta travêssa
Vive de sol e de flores...
—Eu quero o sol de teus olhos,
O nectar dos teus amores!

Captivo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
—Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu melvioleta!—

4 de Abril

*

XXX

O QUE?

—

Em que scismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra?

—A infancia!

Que sombra, que fantasma vem banhado
No doce effluvio d'essa quadra linda?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora?

—Arinda!

Mas se passa essa quadra fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?

—D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo
Surgindo bella qual visão de amores,
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma
Diz-me, poeta—o que escolhias?

—Flores!

E se ella, farta dos aromas doces
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas...
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas?

—Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva...
O que lhe davas, meu poeta?

—A vida!

Rio—1858.

XXXI

SONHOS DE VIRGEM

—

A M.***

—

I

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que á mente te vem risonhos
Na primavera inda em flor?
No celeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas, virgem?—amor?

Que céos, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos te vem?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito—por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada
N'um scismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é—por mim?!

II

Quando tu dormes tranquilla,
Cerrada a negra pupilla
E o labio doce a sorrir;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir!

Oh! sonha!—Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração!
—Puro vergel de açucenas
Ou lago d'agoas serenas
Que estremece á viração!

Feliz! Feliz quem podèra
Colher-te na primavera
De galas rica e louçã!
Feliz oh! flor dos amores,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhã!

Rio—1858.

XXXII

ASSIM!

—

A M.***

—

Viste o lyrio da campina?
  Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
—Viste o lyrio da campina?
  Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,
  A dor do nauta
Suspirando no alto mar?
—Nunca ouviste a voz da flauta?
  Como o nauta
É tão triste o meu cantar?

Não viste a rola sem ninho
  No caminho
Gemendo, se a noite vem?
—Não viste a rola sem ninho?
  Pois, anjinho,
Assim eu gemo, tambem!

Não viste a barca perdida,
  Sacudida
Nas azas d'algum tufão?
—Não viste a barca fendida?
  Pois, querida,
Assim vae meu coração!

Rio—1852.

XXXIII

QUANDO?!...

—

Não era bello, Maria,
Aquelle tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores
Da vida na primavera?

— Era!

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiá mais gorgeios,
O céo mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma innocentinha?

— Tinha!

E como achavas, Maria,
Aquelles doces instantes
De poetica harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavão nos teus cabellos?

—Bellos!

Como tremias oh! vida,
Se em mim os olhos fitavas!
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
N'aquella encantada aurora!

— Ora!

E diz-me: não te recordas
—Debaixo do cajueiro—
Lá da lagôa nas bordas
Aquelle beijo primeiro?
Ia o dia já findando...
—Quando?!...

Rio—1858.

XXXIV

SEMPRE SONHOS!...

—

Se eu tivesse, meu Deos, santos amores,
Eu m'erguêra cantando essa paixão,
E atirára p'ra longe — sem saudade —
Este véo que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo
Quasi morto dos ventos ao rigor,
Encontrára de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços d'esse amor!

Minha fronte, que pende soffredora
Acharia, meu Deos, inspirações,
E o fogo que queimou Gilbert e Dante
Correria mais puro e mais constante
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudára a luz,
E apagára, Senhor, n'um beijo puro
A dor immensa da perda do futuro
Que á morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz das turbas
E esta ancia infeliz de gloria vã;
Na vida que nos corre tão sombria
Eu seria, meu Deos, seu doce guia,
E ella — minha irmã!

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãi vela o filho que dormio:
Se um dia ella soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim bolio!

Como á sombra das arvores da patria
S'embala a doce filha dos tupis,
A sombra da ventura e da esperança
Embalára, meu Deos, essa criança
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céo de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,
Espreitára tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva d'um desgosto,
A nuvem d'uma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma
Outro mundo, outro céo, outros vergeis;
Nossa vida seria um doce affago,
Nós — dois cysnes vogando em manso lago,
— Amor — nossos batéis!

—

Se eu tivesse, meu Deos, santos amores,
Eu deixara este amor da gloria vã;
N'esse mundo de luz, doce e risonho,
A pudibunda virgem do meu sonho
Seria minha irmã!

. . . —1858.

XXXV

O QUE É—SYMPATHIA

—

A UMA MENINA

—

Sympathia—é o sentimento
Que nasce n'um só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares accesos
Bem juntos, unidos, presos
N'uma magica attração.

Sympathia—são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe ás vezes nascidos,
Mas que se juntão crescidos
E que se abração por fim.

São duas almas bem gémeas
Que riem no mesmo riso,
Que chorão nos mesmos ais;
São vozes de dois amantes,
Duas lyras semelhantes,
Ou dois poemas iguaes.

Simpathia—meu anjinho,
É o canto do passarinho,
É o doce aroma da flor;
São nuvens d'um céo d'Agosto;
É o que m'inspira teu rosto...
—Sympathia—é—quasi amor!

Indayá'assú—1857.

XXXVI

PALAVRAS NO MAR

—

Se eu fosse amado!...
Se um rosto virgem
Doce vertigem
Me désse n'alma
Turbando a calma
Que me enlanguece!,..
Oh! se eu podesse
Hoje—se-quer—
Fartar desejos
Nos longos beijos
D'uma mulher!...
Se o peito morto
Doce conforto
Sentisse agora
Na sua dor;
Talvez n'est'hora
Viver quizera
Na primavera
De casto amor!
Então minh'alma,
Turbada a calma,
—Harpa vibrada
Por mão de fada—
Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos

Se exhalaria
Na melodia
Dos sonhos meus;
E louca e terna
N'essa vertigem
Amara a virgem
Cantando a Deos!...

Avon—1857.

XXXVII

PEPITA

—

A toi! toujours a toi!
V. Hugo.

Minh'alma é mundo virge'—ilha perdida—
Em lagos de crystaes;
Vem, Pepita,—Colombo dos amores,—
Vem descobril-o, no paiz das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo
Nas terras onde és rei;
Á sombra dos bambús vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas
Sosinho a pipilar;
—Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;
As azas a bater, o passarinho
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril
Nos plainos do Sarah;
Vem tu—fada de amor—dar-lhe co'a vara...
—Qual do penedo que Moysés tocara
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,
Co'as folhas em setim;
—Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...
Tem poêmas de amor, tem melodia
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido á margem
Sem leme, em ocio vil;
—Vem soltal-o, Pepita, e correremos
—Sôltas as velas—despresando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras
Co'as flores em botão;
—Vem ser da primavera o sôpro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer;
—Vem, Pepita, das tardes no remanso,
Da rêde dos amores no balanço
Comigo adormecer.

Oh! vem! eu sou a flor aberta á noite
Pendida no arrebol!
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios d'esse sol!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.
—Dá-me o riso feliz em vez da magoa...
O lyrio morto quer a gotta d'agoa,
—Eu quero o teu amor!

Rio—1858.

*

XXXVIII

VISÃO

—

Uma noite, meu Deus, que noite aquella!
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma criança.

Sorri-me;—era o sonho de minh'alma
Esse riso infantil que o labio tinha:
—Talvez que essa alma dos amores puros
Podesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ella olhou... doce mysterio!
Minh'alma despertou-se á luz da vida,
E as vozes d'uma lyra e d'um piano
Juntas se unirão na canção querida.

Depois eu indolente descuidei-me
Da planta nova dos gentis amores,
E a criança, correndo pela vida,
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou;—talvez ella adormecesse
Junto á fonte, deitada na verdura,
E—sonhando—a criança se recorde
Do moço que ella vio e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atraz do berço d'ouro d'essa fada;
Rasguei-me nos espinhos do caminho...
Cancei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a ver se descubro a face linda...
—Os outros a sorrir passão cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus amores!
Minh'alma sem te ver louca suspira!
—Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra?!...

Setembro—1858.

XXXIX

QUEIXUMES

—

Olho e vejo... tudo é gala,
Tudo canta e tudo falla,
  Só minh'alma
  Não se acalma,
Muda e triste não se ri!
Minha mente já delira,
E meu peito só suspira
  Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bella e doce vivida
  Nos meus lares
  Sem pezares
No socego só d'alli!
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
  Por ti! Por ti!

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
  É meu canto
  —Todo pranto—
Qual a voz da jurity!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
  Por ti! Por ti!

Ai! se eu podesse, formosa,
Roçar-te os labios de rosa
　　Como ás flores
　　—Seus amores—
Faz o louco colibri;
Esta minh'alma nos hymnos
Erguera cantos divinos
　　Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
　　—Qual n'aurora
　　Que descora,
Desfolhado bogari;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
　　Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
Á minh'alma dá conforto,
　　Diz na lousa:
　　—«Elle repousa,
«Coitado! descança aqui!»
Ai! não te esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora
　　Por ti! Por ti!

Junho—1858.

XL

AMOR E MEDO

—

***

—

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
«—Meu Deus! que gêlo, que frieza aquella!»

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bella—eu moço; tens amor—eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumesce os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea—ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso atêa!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz:—que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Sôltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos—palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Trémula a falla a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz:—que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
—Tu te queimáras, a pizar descalça,
—Criança louca,—sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois . . . desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras: — qu'é da minha c'rôa? . . .
Eu te diria: — desfolhou-a o vento! . . .

—

Oh! não me chames coração de gêlo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bella — eu moço; tens amor, eu — medo! . . .

Outubro—1858.

XLI

PERDÃO!

—

I

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeo?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lagrima crystalina
Banhou-te a face divina
E a bella fronte inspirada
Pallida e triste pendeo?!

Choraste?! — E longe não pude
Sorver-te a lagrima pura
Que banhou-te a formosura!
Ouvir-te a voz de alaúde
A lamentar-se sentida!
Humilde cahir-te aos pés,
Offerecer-te esta vida
No sacrificio mais santo,
Para poupar esse pranto
Que te rolou sobre a tez!

Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor offendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palacio de fada,

—No sonhar da fantasia—
Ardeo em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quiz manchar-te na orgia!

....

II

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim,—innocente—
Que se te amou, foi de mais!
Perdão p'ra mim que não pude
Calar a voz do alaúde,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão oh! flor dos amores,
Se quiz manchar-te os verdores,
Se quiz tirar-te do hastil!
—Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

....

III

Eu sei, devera sosinho
Soffrer comigo o tormento
E na dor do pensamento
Devorar essa agonia!

—Devêra, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raizes
D'esse amor, e tão descrido
Dos hymnos matar-lhe a voz!
—Devèra, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgosto,
Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de magoas—prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me e—morrer!

.......,...................

Não pude!—A mente fervia,
O coração trasbordava,
Interna voz me fallava,
E louco ouvindo a harmonia
Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto
E do delirio no pranto
Morri de amores—por ti!

....

IV

Perdão! se fui desvairado
Manchar-te a flor d'innocencia,
E do meu canto n'ardencia
Ferir-te no coração!
—Será enorme o peccado,

Mas tremenda a expiação
Se me deres por sentença
Da tua alma a indifferença,
Do teu labio a maldição!...

. . . . . , ... :

Perdão, senhora!... Perdão!...

Junho — 1858.

XLII

MOCIDADE

—

Ninon, Ninon, que fais tu de la vie?
L'heure s'enfuit, le jour succede au jour.
Rose ce soir, demain flétrie,
Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour?!...
MUSSET.

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida—o sol fulgura!
Quando a terra sorri-se e o mar suspira
Porque te banha o rosto essa amargura?!

Porque chorar quando a natura é risos.
Quando no prado a primavera é flores?
—Não foge a rosa quando o sol a busca,
Antes se abrasa nos gentis fulgores.

. . . .

Não!—Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos affague;
Uma voz que nos diga os seus queixumes,
Que as nossas magoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce, ou viração calmante;
—Amor—é a fonte que nasceo nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Amai-vos!—disse Deus creando o mundo,
Amemos!—disse Adão no paraiso,
Amor!—murmura o mar nos seus queixumes,
Amor!—repete a terra n'um sorriso!

Doce filha da languida tristeza
Tua alma a suspirar de amor definha...
—Abre os olhos gentis á luz da vida,
Vem ouvir no silencio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!
A vida, como um sonho—brilha e passa;
Porque não havemos p'ra acalmar as dores
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo!—E que te importa o mundo?
—Velho invejoso, a resmungar baixinho!
Nada perturba a paz serena e doce
Que as rolas gosão no seu casto ninho.

Amemos!—tudo vive e tudo canta...
Cantemos! seja a vida—hymnos e flores;
De azul se veste o céo... vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

. . . .

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida—o sol fulgura!
—Como a flor indolente da campina
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

Setembro—1858.

XLIII

NOIVADO

—

Filha do céo—oh flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar n'um céo sem nuvens
Desfolha rosas no virgineo leito.

....

Nas horas do silencio inda és mais bella!
Banhada do luar, n'um vago anceio,
Os negros olhos de volupia mortos
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta—meu amor só, vela;
Suspira a fonte e minha voz sentida
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual echo fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnolia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe—bem longe—devagar se perde.

Que céo tão puro! que silencio augusto!
Que aromas doces! que natura esta!
Cançada a terra adormeceo sorrindo
Bem como a virgem no cahir da sesta!

Vem! tudo é tranquillo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lyrio do vallado....
—Sosinhos, sobre a relva da campina,
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares
Oh! filha do sertão! sobre o meu peito.
O moço triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto leito.

....

.....—1858.

XLIV

DE JOELHOS

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,
Ou a mãi que soffre pela filha bella,
Eu—de joelhos—com as mãos erguidas,
Supplico ao céo a felicidade *d'ella*.

—«Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que dais voz ás brisas e perfume á rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,
E da vareda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corolla pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem como a tenra planta
Nunca floresce sobre terra ingrata;
—Bem como a rôla—qualquer folha a espanta,
—Bem como o lyrio—qualquer vento a mata.

Ella é a rôla que a floresta cria,
Ella é o lyrio que a manhã descerra....
Senhor, amai-a!—a sua voz macia
Como a das aves, a innocencia encerra!

*

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro....
—Senhor! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deosa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flores...-
—Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sobre a flor querida;
Fazei-lhe oh Deus! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos—prolongai-lhe a vida!

Depois—de joelhos—eu direi sois justo,
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minh'alma adora!

Dezembro—1858.

LIVRO TERCEIRO

—

Nascer, lutar, soffrer—eis toda a vida!
GONÇALVES DIAS.

XLV

TRES CANTOS

—

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folguedos da innocencia,
Nos delirios de criança;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura—
N'essa contínua ventura
É toda um hymno: — esperança!

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, fogosa e bella—
Idolatrando a donzella
Soletra em trovas:—amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma cançada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida—
Só tem um canto:—saudade!

Fevereiro—1858.

XLVI

ILLUSÃO

—

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmurio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do valle suspira
Como o nauta da patria afastado;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gemidos aos echos envia,
E que o peito que em magoas anceia
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cançada,
Adormece n'um leito de flores
Qual donzella formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso deslisa
E repito essas queixas sentidas
Que murmurão as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente
D'uma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar socegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pôpa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado:—não fujas,—espera!

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesias!...

E depois... quando a lua illumina
O horisonte com luz prateada,
Julgo ver essa fronte divina
Sobre as vagas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delirio nos meus se fitando,
E uma voz em accentos plangentes
Vem de longe um—adeus—soluçando!

. . . .

Illusão!... que a minha alma, coitada,
De illusões hoje em dia é que vive;
É chorando uma gloria passada,
É carpindo uns amores que eu tive!

Lisboa—1856.

XLVII

SONHANDO

Um dia, oh linda, embalada
Ao canto do gondoleiro,
Adormeceste innocente
No teu delirio primeiro,
—Por leito o berço das ondas,
Meu collo por travesseiro!

Eu, pensativo, scismava
N'algum remoto desgosto,
Avivada na tristeza
Que a tarde tem, ao sol-posto,
E ora mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
E prêsa de vago anceio
Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome n'um soluço
Á flor dos labios te veio!

Tremeste como a tulipa
Batida do vento frio...
Suspiraste como a folha
Da brisa ao doce cicio...
E abriste os olhos sorrindo
Ás agoas quietas do rio!

Depois—uma vez—sentados
Sob a copa do arvoredo,
Fallei-te d'esse soluço
Que os labios abrio-te a mêdo...
—Mas tu, fugindo, guardaste
D'aquelle sonho o segredo!...

Lisboa—1858.

XLVIII

LEMBRANÇA

—

N'UM ALBUM

—

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma *lembrança*,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome,
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas endas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus labios dirão:—coitado!

Junho—1858.

XLIX

O BAILE!

—

Se junto de mim te vejo
Abre-te a bocca um bocejo,
Só pelo baile suspiras!
Deixas amor—pelas galas,
E vais ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras!

Tens razão! Mais valem risos
Fingidos, d'esses Narcisos
—Bonecos que a moda enfeita—
Do que a voz sincera e rude
De quem, presando a virtude,
Os atavios rejeita.

Tens razão!—Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella,
E a vida dura tão pouco!
No borborinho das salas,
Cercada de amor e galas,
Sê tu feliz—eu sou louco!

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem gemido,
No somno que a dôr conforta;
Ao concertar tuas tranças
No meio das contradanças
Diz tu sorrindo:—«Qu'importa?...

«Era um louco, em noites bellas
«Vinha fitar as estrellas
«Nas praias, co'a fronte nua!
«Chorava canções sentidas
«E ficava horas perdidas
«Sosinho, mirando a lua!

«Tremia quando fallava
«E—pobre tonto—chamava
«O baile—alegrias falsas!
«—Eu gosto mais d'essas fallas
«Que me murmurão nas salas
«No ritornello das walsas.—»

Tens razão!—Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fez Deus as mulheres,
P'ra que ha na vida prazeres?
Tu tens razão... eu sou louco!

Sim, walsa, é doce a alegria,
Mas ai! que eu não veja um dia
No meio de tantas galas—
Dos prazeres na vertigem,
A tua corôa de virgem
Rolando no pó das salas!...

Julho—1858.

L

MINH'ALMA É TRISTE

—

Mon cœur est plein—je veux pleurer!
LAMARTINE.

I

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeo o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já forão lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga sólta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gosos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
—Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque—mas a minh'alma é triste!

II

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas sôltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Ás vezes louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa!

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gosos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste.
—Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos—a minh'alma é triste!

III

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato!

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a prendi nos braços!
Que o diga e falle o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dois laços
Ambos chorámos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gosos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri—mas a minh'alma é triste!

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
—Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bachanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'rêa
Que em doce canto me attrahio na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...
—Pombo selvagem, quiz voar contente...
Ferio-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gosos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—No amor, na gloria, na mundana lida,
Forão-se as flores—a minh'alma é triste!

Março 12—1858.

LI

PALAVRAS A ALGUEM

—

Tu folgas travêssa e louca
Sem ouvires meu lamento,
Sonhas jardins d'esmeralda
N'esse virgem pensamento,
Mas olha que essa grinalda
Bem póde murchal-a o vento!

Ai que louca! abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,
Escripto em noites d'angustia,
Regado com muito pranto,
E... quasi rasgaste as folhas
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos
Em vez das alvas areias!...
Deleita-te a voz fingida
D'essas formosas sereias...
Mas eu te fallo e te aviso:
—«Olha que tu te enlamêas!»—

Tu és a pomba innocente,
Eu sou teu anjo-da-guarda,
Devo dizer-te baixinho:
—«Olha que a morte não tarda!
«Mariposa dos amores
«Deixa a luz, embora arda.

«A chamma seduz e brilha
—«Qual diamante entre as gazas—
«E tu no fogo maldito
«Tão descuidosa te abrasas!
«Mariposa, mariposa,
«Tu vais queimar tuas azas!»

Conchinha das lisas praias
Nasceste em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!...
—Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlamêas!...

—...—1858.

LII

FOLHA NEGRA

—

Sinhá,
Um outro mancebo
Alegre, poeta, e crente,
Soltára um canto fervente
De amor talvez!—de alegria,
E aqui nas folhas do livro
Deixára—amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Que a mocidade consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

É triste como um gemido,
É vago como um lamento;
—Queixume que solta o vento
Nas pedras d'uma ruina
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as agoas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
—Já morto—se apega á vida!

Vozes de flauta longiqua
Que as nossas magoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que rólla,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da violla!...

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
—Calado e só—recostado
Na pedra d'algum caminho...
Canção de santa doçura
Da mãi que embala o filhinho!...

Meu nome!... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
—Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome...
—Sinhá!... das folhas do livro
É bom tirar o meu nome!...

Setembro—1858.

LIII

Á MORTE

DE

AFFONSO DE A. COUTINHO MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCOLA CENTRAL

—

Who hath not lost a friend ?...

M.

É triste ver a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil !
É bem triste dos annos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil !

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
N'um craneo de volcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
Ás vezes no embryão?!...

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
No socego do val?...
—Não veriamos nós n'este martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lyrio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! N'esse peito nobre
E n'essa fronte que o sepulchro cobre
Era fundo o sentir!
Agora solitario tu descanças,
E comtigo esse mundo de esperanças
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horisonte a vela
Nas nevoas da manhã!
A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
Á voz de sua irmã!

É mudo aquelle a quem irmão chamámos,
E a mão que tantas vezes apertámos
Agora é fria já!
Não mais nos *bancos* esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo
Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da gloria que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deo;
Martyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeo nos livros esse fel que mata
E pobre adormeceo!

Era bem cedo! — na manhã da vida
Chegar não pôde á terra promettida
Que ao longe lhe sorrio!
Embora d'esta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternaes carinhos,
Cançado succumbio!

Era bem cedo! — Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor d'essa alma
Ao colher do futuro a verde palma
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
Bemdizem só a Deus —
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, á beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descança! se no céo ha luz mais pura,
De certo gosarás n'essa ventura
Do justo a placidez!
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
— Não tarda a minha vez!

Maio 1858.

LIV

BERÇO E TUMULO

—

NO ALBUM D'UMA MENINA

—

Trago-te flores no meu canto amigo
— Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amores — deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

É cedo ainda! — quando moça fôres
E percorreres d'este livro os cantos,
Talvez que eu durma solitario e mudo
—Lyrio pendido a que ninguem deo prantos!—

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singella,
E n'esse ramo que o sepulchro implora
Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

Junho — 1858.

LV

INFANCIA

—

* * *

—

Ó anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
—Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Ó anjo da loura trança,
És criança,
A vida começa a rir.
—Vive e folga descançada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da loura trança,
Não descança
A primavera inda em flor;
Por isso aproveita a aurora
Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

Ó anjo da loura trança,
A dôr lança
Em nossa alma agro descrer.
—Que não encontres na vida,
Flor querida,
Senão continuo prazer.

Ó anjo da loura trança,
A onda é mansa,
O céo é lindo docel;
E sobre o mar tão dormente,
Docemente
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!...
—Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Rio—1858.

LVI

A UMA PLATEIA

—

**

—

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergontea nasce o galho;
E a flôr p'ra ter mais vida,
Para ser—rosa querida—
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo:
Quando timido elle adeja
—Qual ave que se espaneja—
Como a flôr, tambem precisa
Em vez do sôpro da brisa
O sôpro da sympathia
Que lhe adoce os amargores,
Para em horas de cansaço
Na estrada que vai trilhando
Encontrar de quando em quando
Por entre os espinhos—flôres.

E vós que acabaes de ouvil-o
A suspirar n'esse trillo
No seu gorgeio primeiro;
Vós, que viste o seu começo,
Dai-lhe essas palmas de apreço
Que é artista e... brasileiro!

Setembro—1858.

LVII

NO TUMULO DE UM MENINO

—

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida alevantado o véo.
—Rosa tocada do cruel graniso—
Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p'ra brincar no céo!

Maio—1858.

LVIII

A J. J. C. MACEDO-JUNIOR

Poéte, prends ta lyre; aigle, ouvre ta jeune aile;
Etoile, etoile, léve-toi!

V. Hugo.

—

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co'o sorriso nos labios, franco e ledo
Aperto a tua mão:
Cantor das açucenas, crê-me agora,
Este canto que a lyra balbucia
É pobre, mas de irmão!

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita
De glorias e de amor:
Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,
Mas ouvindo teus hymnos me arrebato
E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos annos,
Não sei que vozes nos entornão n'alma
Canções de cherubim!
Uns perdem, como eu, cedo os verdores,
Mas outros crescem no primor das graças
E tu serás assim!

Oh! mocidade! como és bella e rica!
Hymnos de amores n'este sec'lo bruto!
        Louvor ao menestrel!
Palmas a ti, cantor das açucenas!
Quatorze primaveras n'essa fronte
        Semelhão-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
        Das languidas cecens,
Podes, criança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
        Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sybarita indolente, sobre rosas
        Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento—estuda e pensa—
        É bello o teu porvir!

Não faças como nós; na infancia apenas
Solta poeta o gorgeiar de amores
        Que é doce o teu cantar.
Seja a vida p'ra ti só riso e galas
E adormeças a scismar quimeras
        Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
        Das longas saturnaes;
Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as azas minha pomba casta
        E foge dos pardaes.

Não manches, meu poeta, as vestes brancas
No mundo infame; mirra-se a grinalda
E vão-se as illusões!
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vai-vem teimoso
Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia
Que engana com sorriso de feitiços
—Tão pallida Rachel!
Não encostes na taça os labios soffregos...
O vaso queima e beberás nos risos
Da amargura o fel!

Conserva na tua alma a virgindade,
E tenha o coração na rica aurora
Das rosas o matiz;
Se a donzella cuspir nos teus amores
Chora perdida essa illusão primeira...
Mas vive e sê feliz!

Se a dor fôr grande não te vergues fraco,
Oh! não escondas no sepulchro a fronte
Aos raios d'este sol;
Não vás como Azevedo—o pobre genio—
Embrulhar-te sem dó na flor dos annos
Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,
A patria, o céo azul, o mar sereno,
A veiga que seduz;
E possa, meu poeta, essa existencia
Ser um lindo vergel todo banhado
De aromas e de luz!

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céo echos mais santos
Que a terra não dará;
Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde
A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem d'este mundo de miserias
A estupida mudez;
E dos preludios d'essa lyra ingenua
Em poucos annos surgirá brilhante
Millevoye—talvez!

Maio—1858.

LIX

UMA HISTORIA

—

A brisa dizia á rosa:
—«Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio minha flôr!

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar;
E de noite na corrente
Mansamente,
Mansamente te embalar!»—

E a rosa dizia á brisa:
—«Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!»—

No outro dia a pobre rosa
　　Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre d'ella!—Teve a morte
　　Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou!...

Novembro—1858.

LX

NO LEITO

—

M***

—

> Se eu morresse amanhã !
> A. DE AZEVEDO

I

Eu soffro ;— o corpo padece
E minh'alma se estremece
Ouvindo o dobrar d'um sino !
Quem sabe ?—A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a nota d'um hymno !

A febre me queima a fronte
E dos tumulos a aragem
Roçou-me a pallida face ;
Mas no delirio e na febre
Sempre teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Vela á minha cabeceira,
Rodeada de poesia,
Tão bella como no dia
Em que vi te a vez primeira !

Teu riso a febre me acalma;
—Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a, eu pobre palpito,
Sou feliz e esqueço as dores.

II

Se a morte colher-me em breve
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
—Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa
Se mais longa Deos m'a dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flor dos annos
Banhada da luz do sol!
Mas se Deos cortar-me os dias
No meio das melodias,
Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
Á beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.

Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei!
—Adeus oh! sonhos dourados,
Adeus oh! noites formosas,
Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos creei!

Ao menos, n'esse momento
Em que o lethargo nos vem
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a fronte já fria
No collo de minha mãi!

. . . .

III

Mas eu bemdigo estas dores,
Mas eu abençôo o leito
Que tantas magoas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora—viverá!
—Que ás vezes na cruz singella
Tu irás pallida e bella
Desfolhar uma saudade!
—Que de noite, ao teu piano,

Na voz que a paixão desata,
Chorarás a—Traviata
Que eu d'antes amava tanto
Nas ancias do meu amor!
—E que darás compassiva
Uma gôtta do teu pranto
Á memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bemdita, bemdita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma fallar co'a minha
N'essa linguagem do céo
Que o pensamento adivinha!
Eu—o filho da poesia—
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

IV

Que tem a morte de feia?!
—Branca virgem dos amores,
Toucada de murchas flores,
Um longo somno nos traz;
E o triste que em dor anceia
—Talvez morto de cansaço—
Vai dormir no seu regaço
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véo
Que a eternidade nos vela;
E nós—os filhos do erro—
Libertos d'este desterro,
Vamos comtigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,
Sonhar os sonhos do céo!...

Ha tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos cyprestes!
Tanta dor nas brancas vestes!
Tanta doçura ao luar!
—Que alli o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
Á sombra dos arvoredos
Póde viver a sonhar!

V

Assim,—se amanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sôpro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus;

—Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
—Toda saudade e amores—
Vai dizer-te o extremo—adeus!...

Agosto — 1858.

LXI

POIS NÃO É?!

—

Ver cahir o cedro annoso
Que campeava na serra,
Ver frio baixar á terra
O pobre velho bondoso
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido á voz da procella,
No mundo—jardim lascivo—
A vida foi longa e bella.

Mas ver a rosa do prado
Que a aurora deu côr e vida,
De manhã—flor do valado,
De tarde—rosa pendida!...

Mas ver a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sôpro da viração;
Mas vel-a depois lascada
Em duas cahir no chão!...

Mas ver o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro
Nas glorias do seu futuro
Dourando a vida de luz;
Mas vel-o quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia
Se derramava em poesia;
Quando junto da donzella
—Captivo dos olhos d'ella—
Na voz que balbuciava
De amores fallava a medo;
Quando o peito trasbordava
De crenças, de amor, de fé,
Vêl-o finar-se tão cêdo,
Como as vozes d'um segredo...
É dor de mais—pois não é?!...

Inday'assù—1857.

LXII

NA ESTRADA

—

SCENA CONTEMPORANEA

—

Eu vi o pobre velho esfarrapado
—Cabeça branca—sentado pensativo
D'um carvalho ao pé;
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
—Ao lado o seu bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa
De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura de judeus;
O mendigo estendeo a mão mirrada,
E pedio-lhe na voz entrecortada:
—Uma esmola, por Deus!

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra
Sem responder, passou!
O pobre recolheo a mão vasia...
O anjo tutelar velou seu rosto,
Mas—Satanaz folgou!

Rio—1858.

LXIII

NO JARDIM

—

SCENA DOMESTICA

—

Tête sacrée! enfant aux cheveux blonds!
V. Hugo.

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo—o anjo louro,
E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flor da infancia,
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois, a borboleta da campina
Toda azul—como os olhos grandes d'ella—
A doudejar gentil passou bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bella.

—Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea falla—
Mamãi me ralha se eu ficar cansada
Mas—dizia a correr—heide apanhal-a!—

Eu segui-a chamando-a, e ella rindo
Mais corria gentil por entre as flores,
E a—flor dos ares—abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes cores.

lão, vinhão, á roda das acacias,
Brincavão no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia:—Que doidinhas!
Meu Deos! meu Deos! são duas borboletas!...—

Dezembro—1858.

LXIV

RISOS

—

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste—quem nega?
—Nem vale a pena dizel-o.
Deos a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabello!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora é—toda venturas,
De tarde—doce tristeza,
De noite—sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
—A dor das visões passadas—
A mocidade— queixumes,
Só a infancia tem risadas!

—

Ri, criança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

Rio — 1858.

LIVRO NEGRO

HORAS TRISTES

I

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas
Nas trevas um fanal!

Eu soffro e esta dôr que me atormenta
É um supplicio atroz!
E p'ra contal-a falta á lyra cordas
E aos labios meus a voz!

Ás vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite na mudez,
Eu crio na cabeça mil fantasmas
Que aniquillo outra vez!

Doe-me inda a bocca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pai que as bellas filhas
Vio languidas morrer,
E já não pousão no meu rosto pallido
Os risos do prazer!

E comtudo, meu Deus! eu sou bem moço,
Devêra só me rir,
E ter fé e ter crença nos amores,
Na gloria e no porvir!

Eu devêra folgar n'esta natura
De flores e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro
Estrella que seduz!

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
O canto que maldiz!

Os outros,—os felizes d'este mundo,
Deleitão-se em saráos;
Eu solitario soffro e odeio os homens,
P'ra mim são todos máos!

Eu ólho e vejo...—a veiga é de esmeralda,
O céo é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
O lodo d'um paul!

—

Mas se ella—a linda filha do meu sonho,
A pallida mulher
Das minhas fantasias, dos seus labios
Um riso, um só me der;

Se a doce virgem pensativa e bella,
—A pudica vestal
Que eu criei n'uma noite de delirio
Ao som da saturnal;

Se ella vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim;
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu labio afagar a minha fronte
—Tão fervido volcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As fallas da paixão;

Se cahir desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!...

—

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dôr do coração!

Talvez que nos meus labios desmaiados
Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na gloria e no porvir!

Talvez minh'alma resurgisse bella
Aos raios d'esse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse á vida
Com ancia e com ardor,
E podesse aspirando os seus perfumes
Viver do seu amor!

*

P'ra ella então seria a minha vida,
A gloria, os sonhos meus;
E dissera chorando arrependido:
—Bemdito seja Deus!—

Abril—1858.

DORES

—

II

Ha dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola,
Ou suspeita sequer!
Magoas maiores do que a dôr d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De labios de mulher!

Doces fallas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvido de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivão,
E loucos vamos em delirios novos
Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abrasa,
Que quer banhar-se n'essas agoas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anceio do bolir das ondas
Palpitão corações.

Não! a dor sem cura, a dor que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
A duvida a sorrir!
É a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
Dos sonhos do porvir!

É ver que nos arrancão uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,
Que vôão para Deus!
É ver que nos apagão d'alma as crenças
E que profanão o que santo temos
Co'o riso dos atheus!

É assistir ao desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
Tão candidas de fé!
É ver sem dó a vocação torcida
Por quem devêra dar-lhe alento e vida
E respeital-a até!

É viver, flor nascida nas montanhas,
Para aclimar-se, apertada n'uma estufa
Á falta de ar e luz!
É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dores
Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dor é funda,
Quanto pranto s'engole, e quanta angustia
A alma nos desfaz!
Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos acena ao longe
Nas longas saturnaes!

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco
Qual d'antes, já não vem;
Um véo nos cobre de mortal tristesa,
E a alma em luto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem!

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar!
E a fronte joven que o pezar sombreia
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
No leito dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés!

Esquecimento!—mortalha para as dores—
Aqui na terra é a embriaguez do goso,
A febre do prazer:
A dor se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
É doce então morrer!

Depois o mundo diz:—Que libertino!
A folgar no delirio dos alcouces
As azas empanou!
Como se elle, algoz das esperanças,
As crenças infantis e a vida d'alma
Não fosse quem matou!...

....

Oh! ha dores tão fundas como o abysmo,
Dramas pungentes que ninguem consola
Ou suspeita sequer!
Dores na sombra, sem caricias d'anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
Sem beijos de mulher!...

Rio—1858.

.....

—

III

Pobre criança que te affliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vês,
E que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez;

Deus te abençôe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta de celeste goso
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do chôro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobrio de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura:—Como o canto é lindo!—
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei:
Talvez—desejos—d'algum lindo lago,
—Ancias—d'um mundo com que já sonhei!...

E eu soffro, oh anjo; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dor,
E passa linda do meu sonho a filha
Sôltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céo de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares
Á beira d'agoa, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céo de lúz;
E eu—desperto do meu sonho verde—
Acordo e chóro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flores tenho, nem prazer tambem!
—Roto mendigo que não tem guarida—
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

—

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação louçã!
Tu foste o lyrio que nasceo, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormía,
Chorava o panno a viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gotta de bemdito orvalho
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derramão n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste; se te ouvir a falla
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Heide adorar-te como adoro a Deus!

.....—1858.

FRAGMENTO

—

IV

. . . .

O mundo é uma mentira, a gloria—fumo,
A morte—um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que s'esvae na campa!

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se bello d'illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois—louco sublime—elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as magoas,
Cria fantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, luta e se afadiga embalde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato—quer achar por força

Perola fina em lodaçal immundo!
—Menino louro que se cança e mata
Atraz da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal vôa e se perde!...

. . . .
. . . . , ...

Dezembro — 1858.

ANJO!

—

M.

—

Sub umbra alarum tuarum.

V

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavaes ao correr;
Tu foste a gotta dourada
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro, bem só;
Tu disseste: —Ergue-te Lasaro!—
E o morto surgio do pó!

Eu era sombrio e triste...
Contente minh'alma é;
Eu duvidava... sorriste,
Já no amar tenho fé.

A fronte que ardia em brasas
A seus delirios poz fim
Sentindo o roçar das azas,
E sôpro d'um cherubim.

Um anjo veio e deo vida
Ao peito de amores nú:
Minh'alma agora remida
Adora o anjo—que és tu!

Julho — 1858.

ULTIMA FOLHA

—

VI

Meu Deus! Meu Pai! Se o filho da desgraça
Tem jus um dia ao galardão remoto,
Ouve estas preces e me cumpre o voto
—A mim que bebo do absyntho a taça!

—«Feliz serás se como eu soffreres,
«Dar-te-hei o céo em recompensa ao pranto» —
Vós o disseste—E eu padeço tanto!...
Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubão meus crueis tyrannos:
Amor, familia, felicidade, tudo!...
Palmas da gloria, meus laureis do estudo,
Fogo do genio, aspiração dos annos!...

Mas o teu filho já se não rebella
Por tal castigo, pelas magoas duras;
—Minh'alma offreço ás provações futuras...
Venha o martyrio... mas—perdão p'ra *ella!*...

A doce virgem se assemelha ás flores...
O vento a quebra no seu verde ninho.
—Velai ao menos pelo pobre anjinho,
—Pagai-lhe em goso o que me dais em dores!

Maio—6.

SUPPLEMENTO ÁS PRIMAVERAS

COLLIGIDAS DA ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA, E ALMANACH

DE LEMBRANÇAS

DO PANORAMA, E DE OUTROS DIFFERENTES JORNAES BRAZILEIROS

A AMIZADE

A***

Já farto da vida dos annos na flor,
O peito me ralla pungente saudade;
Trahido nas crenças, trahido no amor,
Meu canto recebe celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei
Repleto de gosos, um mundo ideal,
Quando terna outr'ora a mulher que eu amei
A mim me jurára ser sempre leal.

Ó tu meu amigo, permitte que um pouco
A fronte recline n'um peito d'irmão:
Enxuga, se podes, o pranto do louco
Que em paga de affectos só teve a traição!

Em tempos felizes, n'um dia formoso,
Na relva sentados, bem juntos, unidos,
No peito encostado seu rosto mimoso
A ingrata me dava sorrisos... fingidos!

Ai! crente eu beijava seus labios corados
Com beijos ardentes, com beijos de amor,
E Laura jurava que quando apartados
Viver não queria, morreria de dor!

Partir foi preciso... abracei-a chorando...
E Laura chorou!... eu de dor solucei...
Mas tempos depois que contente voltando
Julgava beijal-a, já não a encontrei!

Mulher enganosa, quebraste essas juras
Que em prantos me déste diante de Deus!
Mas tu não te lembras que as faces impuras,
Que os labios corados roçaram os meus?!..

Poeta e amante eu um mundo sonhei
Repleto de gozos, um mundo ideal...
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,
Como flor tombada por um vendaval.

Errante vagando por vales sombrios
Co'a mente em delirio, em cruel anciedade;
A morte buscando nas agoas dos rios,
Me disse uma voz: inda resta a amizade!

«Esquece esse fogo, esse amor, um delirio
«Que aqui te cavava profundo jazigo;
«Ao mundo de novo, termina o martyrio,
«A fronte reclina n'um peito de amigo.»

—Ao mundo voltei, esqueci os amores
No peito apagando uma forte paixão;
Agora a amizade mitiga-me as dores,
Sê tu meu amigo, serei teu irmão!

Agosto—1855.

SUSPIROS

—

Á minha terra formosa
Que eu amo do coração,
Quero enviar uns suspiros
Nas azas da viração.

Corre brisa, pressurosa
Sobre esses plainos de anil,
Vae brincar pelas campinas,
Pelos vergeis do Brasil.

Lá verás um ceu mui lindo
Como tão lindo não ha:
Lá ouvirás os gorgeios
Os cantos do sabiá.

Lá verás bellas palmeiras,
Lindas flores com perfumes,
O regato que murmura,
A fonte que diz queixumes.

Lá verás a minha bella
Sentada no seu jardim,
Na mão encostada a face,
Saudosa, pensando em mim.

Ó brisa linda e travêssa,
No teu mais doce bafejo
Em seus labios cor de roza
Bem de manso, dá-lhe um beijo.

Se uma lagrima furtiva
Nos olhos lhe balouçar...
Traz-me esse pranto d'amor,
Que quem chora, sabe amar.

Diz-lhe que o amante fiel
Só por ella suspirava,
E que nas brisas da tarde
Seus suspiros enviava.

Diz-lhe que o filho estremoso
O mesmo affecto inda tem,
E que contricto e fervente
Orava por sua mãe.

Diz-lhe que o pobre proscripto,
Da noute na magestade,
Chorava por sua terra
Longos prantos de saudade.

Diz-lhe que o triste poeta
Cantava cantos de dor,
Que sua lyra gemendo
Dizia:—Brazil e amor!—

Abril—1856.

*

A ROZA

Como ostentas seducção!
Oh! como és linda e formosa,
Como és bella e caprichosa
Minha florinha mimosa
Em tão virginal botão!
Sobre as agoas da corrente
Que murmura mansamente,
Como te inclinas contente
Ao sopro da viração!
O teu perfume tão brando
Os ares embalsamando,
De gosos me embriagando
Como falla ao coração!
Oh! como fallas de amor
Mimosa, purpurea flor!
Mas eu não te colho não!...
Quando te vir outra vez,
Amanhã mesmo talvez,
Já não inspiras paixão,
Já estarás desbotada,
Palida, murcha, coitada,
Com tua fronte inclinada,
Com tuas folhas no chão!...
E eu direi: ella vivia...
Longa vida promettia
Essa rainha d'um dia
Depois veiu o furacão
E ai! deixou-a cahida,
De suas galas despida,
Sem brilho, sem côr, sem vida!...
Uma rosa, uma illusão!

Abril, 2 1856.

OS MEUS SONHOS

—

I

Como era bello esse tempo
De tão doces illusões,
De tardes bellas, amenas,
De noites sempre serenas,
De estrellas vivas e puras;
Quadra de riso e de flores
Em que eu sonhava venturas,
Em que eu cuidava de amores!

Ah! minha infancia saudosa,
Que me mostravas á mente
N'esse viver innocente,
Tão verdejante e florida
A longa estrada da vida
Que é toda, toda escabrosa!
E eu, inexperta creança,
Que tinha fé no porvir
Por ver o mar em bonança
E minha mãe a sorrir!...
E julguei que era verdade!
E acreditava nos sonhos
Feiticeiros e risonhos!

Illusões da mocidade
Cheias de terna magia,
Nascem doiradas e bellas
Como o fulgor das estrellas...
E morrem no mesmo dia!

II

Sonhei que o mundo era um prado
Lindo, lindo, matisado
Das flores do meu jardim;
Sonhei a vida uma estrada
De gosos entrelaçada,
De gosos que não tem fim.

Esses sonhos de magia
Creei-os na phantasia
Á meiga luz do luar.
E quando conta segredos
Na rama dos arvoredos
A brisa que beija o mar.

Sonhei-os assim brilhantes
N'aquelles doces instantes
De silencio e de oração;
Quando as estrellas seduzem,
E quando os labios traduzem
Ás vozes do coração.

Sobre o peito reclinada
Eu tinha a fronte inspirada
D'uma formosa mulher,
E fraco um raio da lua
Beijando-lhe a face nua
Dava-lhe brilho e poder.

De certo a lua serena
Um rosto como o de Helena
Nunca, nunca illuminou;
E nunca ouvirei na vida
Voz mais terna e mais sentida
Dizer-me:—sou tua, sou!

N'uma noite mui fagueira,
Com visão prasenteira,
Por entre beijos de amor
Eu vi surgir uma estrella
Linda, linda, muito bella,
Com doce e meio fulgor.

Na perdida phantasia,
De luz, de amor, d'alegria
Abrilhantei o porvir,
E segui qual mariposa
Aquella chamma formosa
Que eu via ao longe luzir!

. . . .

III

Mentira, tudo mentira!
Os meus sonhos... illusões!
As cordas da minha lyra
Já não soletram canções,
A mente já não délira,
E se louco n'um momento
Revolvo no pensamento
Esse passado de amores...
Se triste o peito suspira...
Eu ouço um ecco da terra
Bradar-me com voz que aterra:
—Mentira, tudo mentira!

Foram sonhos. Eram lindos,
Eram lindos... mas passaram!
E d'esses sonhos já findos
Só lembranças me ficaram.
Só lembranças bem saudosas
D'essas noites tão formosas
Em que os sonhos despontaram,
Só lembranças d'esses sonhos,
D'esses sonhos que passaram!

Hoje vivo, se é que é vida
Andar co'a fronte pendida
Calado e triste a scismar,
E n'essa immensa tristeza,
N'essas horas d'incerteza
Em que adormece o luar,
Em que toda a natureza
É silencio, amor e paz;
Eu sinto a alma saudosa
Perguntar com voz queixosa:
—Lindos sonhos, onde estaes?!

Então um ecco medonho
Responde por cada sonho
C'um gemido... e nada mais!

A minha sina cumpriu-se,
A sina que Deus me deu!
O ecco responde triste:
A linda estrella—sumiu-se!
A tua Helena—morreu;

A VIDA

—

Nunca vistes uma rosa
Primeiro abrindo mimosa
O seu botão purpurino,
Mostrando depois vaidosa
Aos vivos raios do sol
Do rocio matutino
Essas gottas tão brilhantes
Que semelham diamantes?

Não vistes depois a rosa
Toda garrida e louçã,
De Abril em fresca manhã
Pompeando lindas cores,
Pelo zephiro embalada,
Sobre a lympha debruçada,
Formosa fallando amores?

Não vistes depois á tarde
E quando o sol já não arde,
Como a flor está tão triste
Co'a bella fronte pendente
E como a tepida aragem
Que sussurra na folhagem
A vem beijar docemente?

E depois, no outro dia,
Essa flor que se sorria
Cheia de graça e de vida,
Não a vistes vós pendida
C'o viva cor já perdida,
E que a brisa caprichosa
Dessa tão palida rosa
Uma a uma as folhas todas
As arrancava sorrindo,
E no regato sonoro
Assim as ia lançando.
E que essas folhas boiando,
Com a corrente fugindo,
Lá ao longe se perdiam?...

Olhae, assim é a vida!
Na infancia somos felizes,
Temos da rosa os matizes
Quando se abre em botão;
E as puras gotas de orvalho
Que a rosa no seio tem,
Não sabeis vós que ellas são
Os prantos de nossa mãe
Que caem silenciosos,
Eloquentes, amorosos,
Quando no berço deitados,
Com nossos olhos cerrados,
Ella nos vem contemplar
Como um anjo que o bom Deus
Enviasse lá dos ceus
Para o nosso somno velar?...

A nossa infancia querida
—A primavera da vida,
Quando alegres e contentes,
Descuidosos, innocentes,
Nós saltamos as correntes,
Nós trepamos as colinas,
Nós corremos pelo prado
Colhendo as frescas boninas
Que vegetam no vallado,
Comparae a vós á rosa
Corada e bella a florir
Quando as auras vespertinas
D'affagos a vem cobrir.

Esse sol que anima a flor
De tarde no valle ameno
Por entre os chupos annosos,
É esse brilho sereno
Cheio de mago fulgor
Dos olhos negros formosos
Da virgem de nossos sonhos,
Quando seus labios risonhos
Nos dizem fallas d'amor.

E as folhas que a rosa deixa
Do seu seio desprendidas,
São as nossas illusões
Que pouco a pouco perdidas,
Vão uma a uma caindo
E na corrente dos annos
Coitadas, vão-se sumindo!

Assim como a linda rosa
Murcha e cae no seu rosal
Não resistindo—mimosa
Ao sopro do vendaval,
A vida tambem se extingue
Quando estala o coração
Pela perda d'uns amores...
—A derradeira illusão!...

O CASTIGO

(A JULIA)

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
Só p'ra mim!
Ora diz-me: esses queixumes,
Esses injustos ciumes
Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
D'um olhar?!

Por ventura te esqueceste
Quando, d'amo me perdeste
N'um sorrir?...
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
Sem me ouvir!...

E depois se eu te repito
Que n'esse instante maldito,
—Sem querer—
Arrastado por magia
Mil torrentes de harmonia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, mui puros,
    Como os teus;
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gozos infindos,
    Só dos céus!

Quando os vi fulgindo tanto,
Senti no peito um encanto
    Que não sei;
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo—sem vontade—
    Que eu pequei.

D'aquelle olhar namorado
Um momento embriagado
    No fulgor,
Esqueci tua belleza.
Eu confesso: foi fraqueza,
    Não—amor.

Mas hoje minha querida,
Eu dera até esta vida
    P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas
Que as tuas faces mimosas
    Vem molhar.

Sabe ainda ser clemente,
Perdôa um erro innocente
    Minha flor;
Por menor que seja o crime,
O—perdão—sempre é sublime
    Meu amor.

Mas se queres com maldade
Castigar quem—sem vontade—
Só peccou;
Olha linda, eu não me queixo,
A teus pés cair me deixo...
Aqui'stou.

Mas se me déste formosa,
De amor na taça mimosa
Doce mel,
Ai deixa que peça agora
Esse castigo d'outrora
O infiel!

Prende-me... n'esses teus braços
Em meigos, ternos abraços
Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije esse captivo
Essa mão.

Mata-me, sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
Sem ter dó;
Que eu prometto anjo querido,
Não desprender um gemido...
Nem um só!...

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

—

Bem vindo sejas, poeta,
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são demais:
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois c'os terrores da praça,
Andava a gente a fugir;
Agora calmando o medo,
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda
Tamar foi o mais feliz:
Os outros trazem cebolas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe *gargalhadas*,
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
D'esses eternos *Maneis*:
Os barões andão ás duzias,
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel:
Ou quer na prosa ou no verso,
Dá-lhes bem severo ensino,
Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,
As letras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambulhões,
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da téla
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,
E os louros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:

Se és portuguez lá na Europa,
Aqui, vivendo comnosco
Debaixo do colmo tosco
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são demais.
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Rio de Janeiro.

PRANTO DE VIRGEM

—

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras d'infantil desgosto
Tornão mais bello o cristalino pranto.

Oh! n'essa idade de paixão lasciva,
Como o prazer é o chorar preciso,
Mas breve passa, qual a chuva estiva,
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora;
Semelha a rosa pudibunda e bella,
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noute o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gotta, transparente e pura,
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas—venturoso amante!
Cioso aspira o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, beberei teu pranto!

(Rio de Janeiro)

LEMBRAS-TE

—

Diz-me Julia, não te lembras
Da nossa aurora de amor,
D'aquelle beijo primeiro
Dado com tanto temor;
Palavras apaixonadas
De beijos entrecortadas;
E tuas faces coradas
De virgindade e pudor?

Como era bello esse tempo
Em que tudo nos sorria!
Os campos tinham mais vida,
As tardes mais poesia,
As noites eram formosas,
As brisas voluptuosas,
O jardim tinha mais rosas,
O bosque mais harmonia!

Os dias eram mais curtos,
As horas... essas fugiam,
Os regatos murmuravam,
As fontes já não gemiam:
O porvir era brilhante,
De sonhos, embriagante,
E lá na praia distante
As mesmas ondas dormiam!

Era vida, mocidade,
Era amor, era ternura,
Em cada hora—uma esperança,
Cada dia—uma ventura,
Cada rosa—uma illusão;
Nos labios—uma canção,
Aqui no peito—um volcão,
Em ti, Julia,—a formosura!

Mas diz-me, tu não te lembras
D'aquella tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa;
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céo era d'anil?...

N'um jardim todo florido
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados?
Como eu sorvia anhelante,
Quasi louco, delirante
O sorrir interessante
De teus labios tão corados?

Os teus olhos eram—chammas,
A tua bocca—um portento,
As tuas faces—mimosas,
Tua expressão—sentimento:
Eu olhava extasiado,
Eu soffria calado
Esse sintir abrazado,
Esse amor que era—tormento!

Os olhos então fallavam
Uma sublime lingoagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem,
Embalando docemente
Ora as agoas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus labios aos teus
Que abrasavam de calor.
Como coraste de pejo
Ao matar esse desejo...
Como foi longo esse beijo,
Primeiro beijo de amor!...

. . . .
. . . .

Diz-me, Julia, não te lembras
D'aquella tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil?...
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céo era d'anil?...

Março — 1856.

DESEJOS

—

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as magoas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que caissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'arpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção,
Thesouros de seios virgens,
Dois pomos de tentação;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um volcão:
Por ella tudo daria...
—A vida. o ceo, a razão!

HONTEM Á NOITE

—

Hontem—sósinhos—eu e tu, sentados,
Nos contemplamos, quando a noite veio:
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te affagava o seio,
Que palpitava como—ao longe—o mar,
E lá no céo esses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!

Co'a mão nas minhas, no silencio augusto,
Tu me fallavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim!
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,
Eu disse aos astros:—dai o céo a ella!
Disse a teus olhos:—dai amor p'ra mim!

1859.

LEMBRANÇA

—

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma lembrança,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome,
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.
E se nas ondas da vida
Minha barca fôr perdida
E meu corpo espedaçado,
Ao lêr o canto sentido
Do pobre nauta perdido,
Teus labios dirão:—Coitado!...

MEU LIVRO NEGRO *

A GONÇALVES BRAGA

I

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado perdão;
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,
Á velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão!

Obrigado! obrigado! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam:—«Inda é longe,
Muito longe o porvir?»

Obrigado! obrigado! tu respondes,
E queres que eu descubra no horisonte
O que é nuvem talvez!
Obrigado, cantor! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
P'ra cobrir-me a nudez!

* Esta poesia é em resposta á do sr. Gonçalves Braga, inserta a pag. LXVIII d'este livro.

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convido
        Á porta do meu lar;
Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do—Livro Negro—
        Tu pódes caminhar.

II

Escuta:—Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto—primaveras,
        Aos goivos—um jardim!
—Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
        O tronco d'um jasmim!

É verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
        De vago e de ideal!
Eram centelhas! mas dormindo ás soltas,
Eu deixei consumir-se o fogo santo
        —Estupida vestal!

Agora em vão procuro aquelles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo
        Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não póde sonhar! Meu Deus, é tarde!
        A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céo estrellas vivas,
Nem lyrios as manhãs,
Eu por cada illusão vivi dez annos!
O fructo da illusão nasceu precoce...
Sou moço e tenho cãs!

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nus ao céo se elevam
Na supplica de dó!
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verde no monte e na collina...
Mas ai! no inverno eu só!

Na testa trago a ruga prematura,
E do labio na prega desdenhosa
Não ha odio, mas fel!
—Ruinas d'um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
—Mais longe um capitel!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala—amores,
Perfumes—o jardim!

Cuspiram-me na fronte e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
Ás garras da oppressão;
E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flores,
Extinguiu-se o volcão!

Por cada canto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos—o escarneo que apunhala,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga,
Mas a raça dos vis campeia impune
Porque eu sei perdoar!

Obrigado! obrigado! É doce ao menos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal!
A lagrima a cair se muda em riso,
E póde a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival!

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
—Na fronte a inspiração, nas mãos a lyra
E no teu peito o ardor!
Adeus! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco luctador!

Pódes ir; eu te abraço e te abençôo!
Volta e traze comtigo as verdes palmas
Que o futuro te der;
Adeus! eu não te sigo... eu não perjuro...,
A gloria é uma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher!

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, á luz do sol!
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama—a valla,
Por mortalha—o lençol!

Não quero a gloria, não! a gloria mente,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
E sangra o coração!...
Não quero a gloria:—eu peço ao céo socego,
Um bocado de amor, flores no campo,
E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,
Sósinho e bem feliz!
Por noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
Que a lyra nunca diz!

Ha tristeza no choro das cascatas,
Ha mysterios nas vozes das florestas,
Ha silphos pelos céos!
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,
E baixo adora a Deos!

Da mulher adorada a fronte santa
Sentira no sagrado dos colloquios
Como é fundo o sentir!
Do seu amor — que é perola sem preço —
Eu farei meu presente e meu passado,
Meu sonho e meu porvir!

A vida no deserto é lago placido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!
— Eu lá serei feliz; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração resada á noite
Pela quadra infantil;
Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo; sei que o amor é santo
E sei que a gloria é vil!

. . . .

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas!
Ai! é tarde, cantar! não posso... é tarde,
Não me embala a illusão!
Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo p'ra dizer-te d'alma:
«Oh! obrigado, irmão!»

III

Eu da porta da tenda te abençôo!
Pódes ir, bom romeiro do progresso...
Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
—Oh! o amor da mulher por quem se chora
Vale mais que o porvir!

1859.

A J...

—

Minh'alma dorme, indolente
A tudo que é grande e bello,
Ai! não sei que pesadelo
Assim me pousou na mente!
Debalde agora procuro
Os sonhos do meu futuro
De amor e glorias tão cheios,
Na quadra dos devaneios
E das longas illusões!

Mas é docil a teus dedos
O teu piano, palpita,
Se derramas teus segredos
N'essa harmonia infinita,
N'essa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma—desperta.

D'esse fatal pesadelo
Sacode o manto de gelo,
Banha-se em novo fulgor,
Ama a luz que o sol exhala,
E em cada nota que falla
Soletra um hymno de amor!

Mas se tambem indolente
O teu piano se cala,
Minh'alma é só languidez.
—Como a creança dormente,
Que os olhos subito abrira,
Queixosa e triste suspira,
E—sem ti—dorme outra vez!

1859.

NO ALBUM DE NICOLAU VICENTE PEREIRA

(INEDITA)

Tudo muda com os annos:
A dor—em doce saudade,
Na velhice—a mocidade,
A crença—nos desenganos!
Tudo se gasta e se afeia,
—Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a areia
Quando cresce e corre a vaga.
Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas,
Gravadas fundas em si!
Essas duram; mas que vale
Um nome desconhecido,
Se ha de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui.

1860.

FIM

CAMÕES E O JÁO

—

PROLOGO

A 13 de Novembro de 1853, encostado pensativo ao mastro de ré do vapor «Olinda», transpunha a barra do Rio de Janeiro em demanda das costas de Portugal. Com que dor tinha os olhos fitos n'aquellas paizagens soberbas que pareciam apagar-se pela distancia! Quando deixei de ver as vagas enroladas baterem nos rochedos; quando as montanhas que se desenhavam ao longe, sumiram-se no horisonte, o pranto correu-me pelas faces, como nunca havia corrido. Eu chorava deveras como hoje suspiro saudoso, porque era a patria que eu deixava; a terra onde nasci; porque lá ficava meu pai e minha mãi, meus irmãos, tudo que de mais caro tinha no mundo!

Ai! é triste e solemne esse momento cruel. Vagando na amplidão dos mares, alongando saudoso a vista e os olhos só vêem o azul do céo confundir-se ao longe com o azul das vagas! Os joelhos tremulos, dobram-se; os labios ardentes de desespero murmuram meu Deos! minha patria! minha mãi! o pranto corre livre e o peito arqueja e cança.

E todas as noites quando pelo postigo do meu beliche via o firmamento salpicado d'estrellas, soltava um suspiro. Quando no outro dia contemplava o sol no occaso, dourando com seus raios moribundos as nuvens acastelladas no poente, suspirava tambem! Quizera ver esse mesmo céo estrellado nas lindas noites da minha terra, quando os raios da lua brincam com as flores do prado e adormecem nas agoas quietas do rio. Quizera ver o astro do dia em vez de se mergulhar nas vagas, esconder-se por traz das collinas, reflectindo seus pallidos e ultimos fulgores na cupula elevada do campanario da aldeia. Quizera ver tudo isso... e a patria já estava tão longe!...

Depois, mais alguns dias de balancear monotono sobre as

*

agoas, e pizei terra extranha. Era este Portugal velho e caduco que hoje dorme um somno longo á sombra dos louros que ganhou outr'ora; era este Portugal que ainda repercute o tinir das armaduras e das espadas de seus guerreiros extinctos; era este Portugal que ainda repete as doces harmonias exhaladas de tantas lyras sonoras; era este Portugal, patria de meus avós, mas não minha patria. Aqui falla-se a mesma lingoa que se falla no Brazil; aqui tambem ha sol, ha lua, ha aves, ha rios, ha flores, ha céo... mas o sol da minha terra é mais ardente, a lua mais suave, o canto das aves é mais terno, os rios são mais soberbos, as flores tem mais perfumes, o céo tem mais poesia.

Já dois annos se passaram longe da patria. Dois annos! Diria dois seculos. E durante este tempo tenho contado os dias e as horas pelas bagas do pranto que tenho chorado. Tenha embora Lisboa os seus mil e um attractivos, oh eu quero a minha terra; quero respirar o ar natal, o ar embalsamado d'aquellas campinas ridentes; quero aspirar o perfume que exhalam aquelles bosques floridos. Nada ha que valha a terra natal. Tirai o indio do seu ninho e apresentai-o d'improviso em Paris: será por um momento fascinado diante d'essas ruas, d'essas praças, d'esses templos, d'esses marmores; mas depois fallam-lhe ao coração as lembranças da patria, e trocará de bom grado ruas, praças, templos, marmores, pelos campos da sua terra, pela sua choupana na encosta do monte, pelos murmurios das florestas, pelo correr dos seus rios. Arrancai a planta dos climas tropicaes e plantai-a na Europa: ella tentará reverdecer, mas cedo pende e murcha, porque lhe falta o ar natal, o ar que lhe dá vida e vigor. Como o indio, prefiro a Portugal e ao mundo inteiro, o meu Brazil, rico, magestoso, poetico, sublime. Como a planta dos tropicos, os climas da Europa infezam-me a existencia, que sinto fugir no meio dos tormentos da saudade.

Feliz aquelle que nunca se separou da patria! Feliz aquelle que morre debaixo do mesmo céo que o vio nascer! Feliz aquelle que póde receber todos os dias a benção e os affagos maternos! Mil vezes feliz, porque não sente esta dor que me arranca do peito as lagrimas ardentes que me escaldam as faces. Mas eu conservo ainda a esperança, esse anjo lindo que nos sorri de longe. E quem deixará de ter esperanças? Só o desgraçado, que, crestada a fronte pelo halito maldicto das tempestades da vida, solta em um dia de desespero a blasfemia atroz: não creio em Deus!... Só esse.

Eu, não. Estou na idade das illusões; e arde-me no peito o fogo dos meus dezesete annos: creio em Deus do fundo da minh'alma, como o justo crê na recompensa divina. Sim, um dia verei a minha patria, os meus unicos amores; um dia entre prantos e soluços abraçarei minha mãi; um dia... á sombra triste da funerea cruz descançarei na mesma terra que me vio nascer. Deus é justo. O dia em que devo sentir uma nova vida, chegará. Esperemos.

No dia 18 de Janeiro representou-se no theatro de D. Fernando a scena dramatica «Camões e o Jáo» primeira composição minha, ao menos a primeira que passou da pasta dos meus acanhados ensaios ao dominio da critica. Ninguem é mais do que eu, conscio dos innumeros defeitos que tem. Bem se vê que essas notas são tiradas pelas mãos tremulas d'um novato, na mais humilde e desconhecida lyra. No entanto foi recebida no meio de bravos e applausos.

Mas esses applausos e esses bravos, comprehendi-os bem. Não eram a corôa de louros que me lançaram, coroando o merito da peça. Não. Eram as vozes d'um povo amigo e hospitaleiro, que bradavam —«ávante!» ao joven que na carreira das letras encetava o seu primeiro passo.

Obrigado, mil vezes obrigado. Dissestes: ávante? Bem; eu tentarei proseguir o trilho. Maldicto o que espesinha sem piedade a flor que tenta desabroxar! Aos dois actores que a desempenharam tão bem, renovo os meus agradecimentos. São o sr. Braz Martins e o sr. Santos.

O sr. Braz Martins tem a sua reputação feita como escriptor e como actor: não carece dos meus elogios. Só lhe podem negar o merito litterario e artistico, almas baixas movidas por paixões mesquinhas. Demais, digo-o aqui com franqueza, cabe-lhe dupla gloria: foi elle quem me deu o pensamento da scena dramatica. O sr. Santos é um joven de bastante merito, para quem o futuro sorri auspicioso. Um dia, n'essa carreira d'espinhos, ha de ter a fronte coroada de flores.

Agora, offereço esta minha producção a duas pessoas, ambas no Brazil. É ao meu antigo lente e amigo o ill.^{mo} sr. Christovão Vieira de Freitas, e ao meu amigo e collega Christovão Corrêa de Castro, que segue o curso de direito na academia de S. Paulo.

Ao primeiro, peço que quando ler o «Camões e o Jáo» vá riscando e emendando com o lapis os muitos versos duros que lhe ferirem os ouvidos. As suas emendas são regras para mim.

Ao segundo, que foi meu companheiro d'estudos durante quatro annos no Instituto «Freese,» rogo de me recommendar a todos os collegas d'esse tempo tão feliz. Quando nos separámos em Nova Friburgo, de certo não foi para sempre. Ainda um dia hei de ouvir o canto melodioso e terno do Sabiá; ainda um dia nos veremos.

Lisboa, 27 de Março de 1856.

CASIMIRO ABREU.

CAMÕES E O JÁO

A SCENA REPRESENTA UMA CASA POBRE; AO FUNDO UMA PORTA, DO LADO DIREITO UMA JANELLA E UM BRAZEIRO: EM DISTANCIA, DO LADO ESQUERDO, UMA CAMA ORDINARIA E UMA CADEIRA; JUNTO AO BRAZEIRO UMA BANCA PEJADA DE MANUSCRIPTOS.

(*São dez horas da manhã*).

Ao levantar do panno ouve-se o ribombar longiquo do canhão. O poeta, deitado, recolhe attento aquelles sons que pouco a pouco se esvaecem; depois assenta-se.

—

SCENA UNICA

CAMÕES E DEPOIS ANTONIO.

CAMÕES

Que sons são estes que do Tejo a brisa
Trazer me vem no susurrar macio?
Julguei ouvir o rufo dos tambores,
Ou o estridor pelos eccos repetido
De bronzeas bôcas a rugir nas vagas.
(*Erguendo-se*)
Ribombo do canhão! signal de gloria
Para as sempre fortes vencedoras Quinas
Impavidas hasteadas nas muralhas
Das fortalezas indicas vaidosas,
E tremulando na soidão dos mares
Que ao jugo luzitano a cerviz curvam!

Trombeta do combate! quando soas,
Bater tu fazes com dobrada força,
Com fogo ethereo coração ardente
Que em peito portuguez livre palpita.
(Com enthusiasmo)
Meu Portugal tão bello e tão valente!
Torrão formoso, terra de magia,
Ricos sonhos do poeta, meus amores,
Sim, meus amores, que os que tive outr'ora...
Calla-te coração... já não existem!
(Caminhando com custo para a janella)
De primavera que formoso dia!
Que azul de céu tão puro e tão sereno!
Como corre o meu Tejo socegado!
Meu patrio Tejo, que cantei saudoso
No exilio amargo tantos annos... tantos!
(Commovido)
Oh quantas vezes de Macáu na gruta
Por ti, por Portugal eu soluçava!
(Retirando-se da janella)
Para que me hei de recordar do exilio?
(Assentando-se na cadeira)
Passado é já. Vejamos o futuro.
(Curva a fronte)

ANTONIO

(Entrando e aproximando-se de manso—á parte)
Como está pensativo! sempre triste!

CAMÕES

Quem entra do mendigo na choupana?
(Reparando)
É jáo, meu pobre, meu sincero amigo.

ANTONIO

(A' parte)
Chamar-me amigo! a mim, ao proprio escravo!
Escravo... que os grilhões contente beija!

CAMÕES

Meu Antonio para mim não trazes nada?

ANTONIO

Fui buscar pão... nem um seitil me deram!

CAMÕES

Resignação e fé, que Deus é justo.

ANTONIO

Resignação, dizeis! Mas ah! que tendes?
Tão palido vos vejo e tão mudado!
Depois que vos deixei soffrestes muito?

CAMÕES

Meu amigo, socega; nada tenho.

ANTONIO

(*A' parte*)
E tornou-me a chamar o seu amigo!
Igual affecto, quem pagal-o póde?

CAMÕES

Dizes que tenho a palidez no rosto?
Não repares; a côr fugiu ha muito.
Eu soffro, sim, mas quasi que o não sinto.
É a vida a soltar o arranco extremo
Já prestes a findar, como no templo
Á mingoa d'oleo, ao despontar da aurora
A lampada que ardeu durante a noute
Palida brilha, bruxulêa... e morre!

ANTONIO

Por Deus vos peço, não falleis em morte.

CAMÕES

Se eu a sinto chegar a passos largos!
Muito não tardará que o corpo inerte
Vá sobre a terra descançar para sempre.
Uma existencia cheia de desgostos,
As mais douradas illusões desfeitas,
Findos os sonhos, a esperança extincta...
Oh de que vale o prolongar-se a vida?
Sim, brevemente cerrarei os olhos,
Morrerei pobre, velho, despresado...
Com um amigo só, que és tu, Antonio.

ANTONIO

(*Cahindo-lhe aos pés*)
Oh meu senhor!

CAMÕES

Terei um peito ao menos
Onde então possa reclinar a fronte,
Uma lagrima derramar saudosa,
E dizer expirando o nome d'ella!
(*Erguendo com doçura a cabeça do jáo*)
Antonio, diz-me cá; tu nunca amastes?

ANTONIO

(*Erguendo-se*)
Se tenho um coração!... Eu amo muito
A terra onde nasci, a minha Java:
A meus pais eu amei como bom filho
E a vós, ó meu senhor, hei de amar sempre.

CAMÕES

Na tua vida uma mulher não houve
Que igual affecto te inspirasse ainda?
Por quem sentisses attracção immensa?
Em que louco pensasseis, sempre, sempre,
Mesmo dormindo, em sonhos bem fagueiros?
Uma mulher, emfim, por quem no peito
Forte paixão te ardesse ou um desejo?
Uma mulher, um anjo, cujo nome
O tivesseis nos labios e na mente;
Escripto o visseis na corrente branda
Que sobre seixos se deslisa quieta,
N'um céo d'anil, na flor do prado, em tudo?
Que t'o dissesse a brisa perfumada
Lasciva perpassando pelas flores,
O murmurar da fonte cristalina,
No firmamento o scintillar dos lumes,
Que o mundo inteiro te fallasse d'ella?
Um anjo, a quem no delirar ardente
Aos pés prostrado — amor! — dissesses terno?

ANTONIO

Sim, sim; uma mulher eu amei muito.
Era tão bella! A mesma cor que tenho,
Ella tinha tambem: era de Java.
A infancia ambos passamos sempre juntos
Brincando alegres pelos campos lindos.

Passaram-se os folguedos, e sósinhos
Á fresca sombra dos gentis palmares
Que enfeitam a minha ilha tão formosa,
Mil fallas de ternura lhe fallava,
Mil esp'ranças risonhas eu nutria.
Era muito feliz o pobre escravo!
Depois... tão moça ainda ella finou-se!
O que eu chorei! E a dor pungente e amarga
Até á morte sentirei n'esta alma
Que outro amor como aquelle tão sincero...
Oh senhor! o pobre já o não terá nunca.

CAMÕES

Pois escuta: eu amava com excesso
Na terra uma mulher muito formosa
Que a sorte cega colocou mui alta.
Mas o pobre Camões não tinha um nome,
Não podia offrecer-lhe a mão d'esposo!
Ai loucos! por ventura um sentimento
Quereis moldal-o a conveniencias futeis?
Quem é que ao coração jámais deu regras?
Sem demora parti, buscando a gloria.
Longos annos vaguei saudoso e errante,
Ora embalado pelas bravas ondas
Do oceano em furia grande, ouvindo os uivos
Da procella a bramir forte e medonha;
Ora chorando os prantos do proscripto
Nos ermos montes de longiquas plagas.
Que saudades que eu tinha d'esta terra,
D'estas veigas risonhas, d'estas fontes,
D'estas flores mimosas, d'estes ares!
Nunca n'aquellas regiões tristonhas
O riso de prazer me veio aos labios.
Em vão eu quiz beber uma harmonia,
Uma inspiração celeste, radiante!
Lá não trinava o rouxinol gorgeios
Na balseira virente em noite bella,
Quando a lua prateada se retrata
Sobre as agoas do lago socegado;
Lá não ouvia a gemebunda rôlla
Gemer saudosa... que entristece tanto!
Lá não sentia a vespertina aragem
Vir bem de manso bafejar-me a lyra,

Que nunca mais soltára hymno festivo!
Tudo alli respirava só tristeza!
E durante esses annos tão compridos,
Esses annos d'ausencia e de tormentos,
A imagem de Natercia eu via sempre.
Uma vez que tranquillo adormecera,
De subito me ergui todo convulso...
Sonho horrivel me havia despertado.
Sonhei-a fria, já sem vida... morta!
Aquelle corpo airoso, inanimado!
Aquelles lindos olhos já sem brilho!
Os labios purpurinos já cerrados,
Mas que no entr'abrir final, balbuciaram
Camões! Camões! ainda com ternura!
Vacilante os cabellos apartava
Com a tremula mão da fronte em gêlo...
Visão não era; realidade pura!
Era morta a mulher que eu tanto amava,
Morta .. na flor da vida!... ella era um anjo!
Desde esse dia então morri p'r'o mundo.
As lagrimas de dor verti as todas,
Depois... não chorei mais, soffria mudo.
De rojo junto á cruz, contricto orava,
Orava toda a noute só por ella.
A Deus pedia o termo de meus dias,
Que entre os anjos no céo vel-a queria.
Já que na terra os homens, sem piedade,
Me haviam d ella separado sempre.
Mas o Eterno não quiz. Curvei a fronte.
Quereis que esgote o calix da amargura?
Submisso e prompto está o servo humilde.
(*Apontando para a banca*)
Olha, Antonio. dá-me aquelles versos.
(*Recebendo-os*)
Sim, são estes que fallam de Natercia
Com todo o fogo d'um amor eterno.
Eis o signal das lagrimas cahidas
Sobre o papel quando tracei as linhas.
Lagrimas quentes, lagrimas de sangue,
Arrancadas por uma dor immensa.
(*Beijando-os*)
Oh quero lêl-os, lêl-os novamente.
Foi este canto luctuoso e triste

Ultimo harpejo que soltei gemendo.
Ai! quando d'esse dia me recordo,
Involuntario o pranto se desprende.
É uma corda que se vai da lyra,
Mais uma fibra que do peito estalla,
Mais um gemido que rebenta d'alma,
—Derradeiro estertor do agonizante—
Um gemido que diz: além a—campa!
(*Assenta-se e lê*:)
Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'este mundo descontente;
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
. . . .

ANTONIO

(*A' parte*)

Alli n'aquelle leito tão mesquinho
Repousa o maior vate d'este mundo!
P'r'o sepulchro inclinada a fronte nobre
Quasi a sumir-se como o sol no occaso,
Um ai não solta nem um só que seja!
Callado soffre, soffre, e não murmura!
Só eu é que conheço o que padece:
Com fome ha tantas horas e não tenho
Em casa, nada que lhe dê agora!
Se podesse passar sem mim ao lado...
Se podesse! inda sou rapaz, sou forte,
De noute e dia trabalhava sempre
E do trabalho o lucro era para elle,
Era só p'ra Camões. Mas eu não posso,
Não posso abandonal-o um só momento.
Tão fraco; até lhe custa a dar um passo
Eu vou de porta em porta, a mão estendo,
Peço pão, não p'ra mim, mas p'r'o poeta...
E só parece que a rochedos fallo,
Ninguem attende á supplica do pobre!
De dor eu choro quando peço esmolla
E vejo que m'a negam tão sem alma.
Filhos de Portugal! ó portuguezes!
Viveis entregues aos festins maldictos
Sem vos lembrar que na miseria triste

Enfermo geme, moribundo quasi,
Um portuguez tambem, um vate illustre?
Ah! sois malvados corações de pedra!
Sim, sois malvados! O perdão do poeta,
De certo o tendes, porque é bom. perdôa;
Mas dos sec'los futuros, com justiça,
Anathema tereis e fulminante,
Da infamia o ferrete desprezivel
E a voz de Deus vos bradará severa:
«Assassinos, assassinaste o vate!»
(*Ouvem-se salvas repetidas, ao longe*)

CAMÕES

Antonio?

ANTONIO

Senhor!

CAMÕES

Saberás dizer-me
Por que em signal festivo o canhão trôa?

ANTONIO

É a saudação banal das fortalezas
Ao rei, á esquadra, que transpõem a barra,
E que entregues aos ventos inconstantes
Destemidos se vão plantar ousados
O estandarte da Cruz em terras d'Africa.

CAMÕES

(*Erguendo-se, agitado*)

Sim, elles vão... mas é buscar a morte,
Quem antevera que d'um povo a ruina
Pelo seu proprio rei cavada fosse?
Ó campas nobres, já no pó envoltas,
De Nuno, d'Albuquerque e de Pacheco:
Descerrai-vos, surgi! que esses gigantes,
Patriotas bravos, semi-deuses luzos,
Erguendo-se do somno eterno um pouco,

Depressa venham sustentar a patria
Que ameaça cahir, cahir p'ra sempre!
(*Caminhando para a janella e fallando para fóra*)
D. Sebastião, monarcha temerario,
Parai! parai! que não ireis mancebo,
Sepultar nas arêas africanas
De tantos sec'los, n'um só dia a obra.
Se não ouvis meu brado, por ser fraco,
Oh! escutai, senhor, o pranto amargo
Do pai, da mãi, da esposa e do filhinho
Que vos pedem o filho, o pai, o esposo,
Que sem dó arrancaes dos lares patrios
P'ra sepulchro lhes dar em terra extranha,
Mas ah! sois surdo; vossas náos já partem,
O Tejo deixam... no horisonte somem-se...
Um dia dareis conta d'essas victimas.
(*Retirando-se da janella e como que subitamente inspirado*)
Que luz celeste me esclarece agora?
Que sombras estas que vagueam tristes,
Que se deslisam silenciosas, quietas,
Fantasmas negros na mudez da noute?!...
Que campo é esse que se alaga em sangue,
Theatro horrivel onde impera a morte?!...
Oh! d'Alcacer-Quivir plagas maldictas
Que presencêas n'um só dia a queda
Da nação entre todas a mais nobre!
Ah! vergonha p'r'as armas portuguezas!
No calor da peleja que se trava,
Parte-se a folha da ligeira espada
E o alfange como, anjo de exterminio.
Prostra exangues, sem dó, esses valentes
Que em cem batalhas não tremeram nunca!
Os soldados de Christo já recuam
Pelas imigas hostes esmagados,
O regio elmo pelo campo rolla...
Calcada está de Portugal a c'roa,
Nosso pendão cahiu... quebra-se o sceptro...
E D. Sebastião ouzado e joven
Eil-o que tomba do ginete altivo
Com vida ainda, p'ra não mais erguer-se!
Elle, nobre dos nobres lusitanos,
Ao lado do peão lá geme, espira!

—A morte nivelou o throno e a choça.—
Mas que ouço?! Estes canticos selvagens...
Este alarido e gritos de victoria...
De triumpho infeliz os solta um povo!
As mauras meias-luas lá tremulam
Dos christãos sobre as tendas tão vaidosas;
Lá resôa o clarim cantando um hymno
Que contentes os eccos o repetem
Pelo negror das trevas que caminham
A cubrir com o sudario da vergonha
A purpura real, d'um rei o corpo!
Ouve-se ainda um brado... extincto é tudo!
A gloria e o nome portuguez morreram!
E este tinir de ferros?! São algemas,
São grilhões que nos vem lançar Castella!!
Termos de supportar extranho jugo...
Soffrer da escravidão a morte lenta...
Um nobre portuguez respónde—nunca!

Antonio

(*A' parte*)

A febre do delirio que o devora!

Camões

Eu á patria sobreviver não quero.
Quem d'este Portugal cantou as glorias
Não póde a Portugal na mesma lyra
Desferir o canto funebre saudoso.
Se a patria é morta, heide morrer com ella.
Hei de sim, hei de sim, porque n'esta alma
Era o affecto maior que ora existia.
Oh! que a mesma mortalha nos envolva;
E o canto d'alma apaixonado e terno
Em que humilde exaltei a fama tua,
Que as chammas o consumam; que hoje mesmo,
De Luiz de Camões não tenha o mundo
Nem sequer uma trova de seus dias...
Bem poucos de prazer, de dor bastantes!
Queimem-se todos, queimem-se esses versos,
D'esta alma parte, que escrevi mil vezes
Com pranto amargo deslisado em bagas.

Eia! coragem!

(*Lança ao fogo alguns manuscriptos e vai buscar os Luziadas.*)

ANTONIO

Os Luziadas, nunca!
Por quem sois, suspendei! sou eu que o peço;
Que não se queima assim n'um só momento
D'um poeta immortal a rica c'rôa
E o mais nobre brasão d'um povo inteiro.
Oh! vou salval-os.

(*Corre para Camões*)

CAMÕES

(*Lançando-os ás chammas,*)
Jáo, nem mais um passo,

ANTONIO

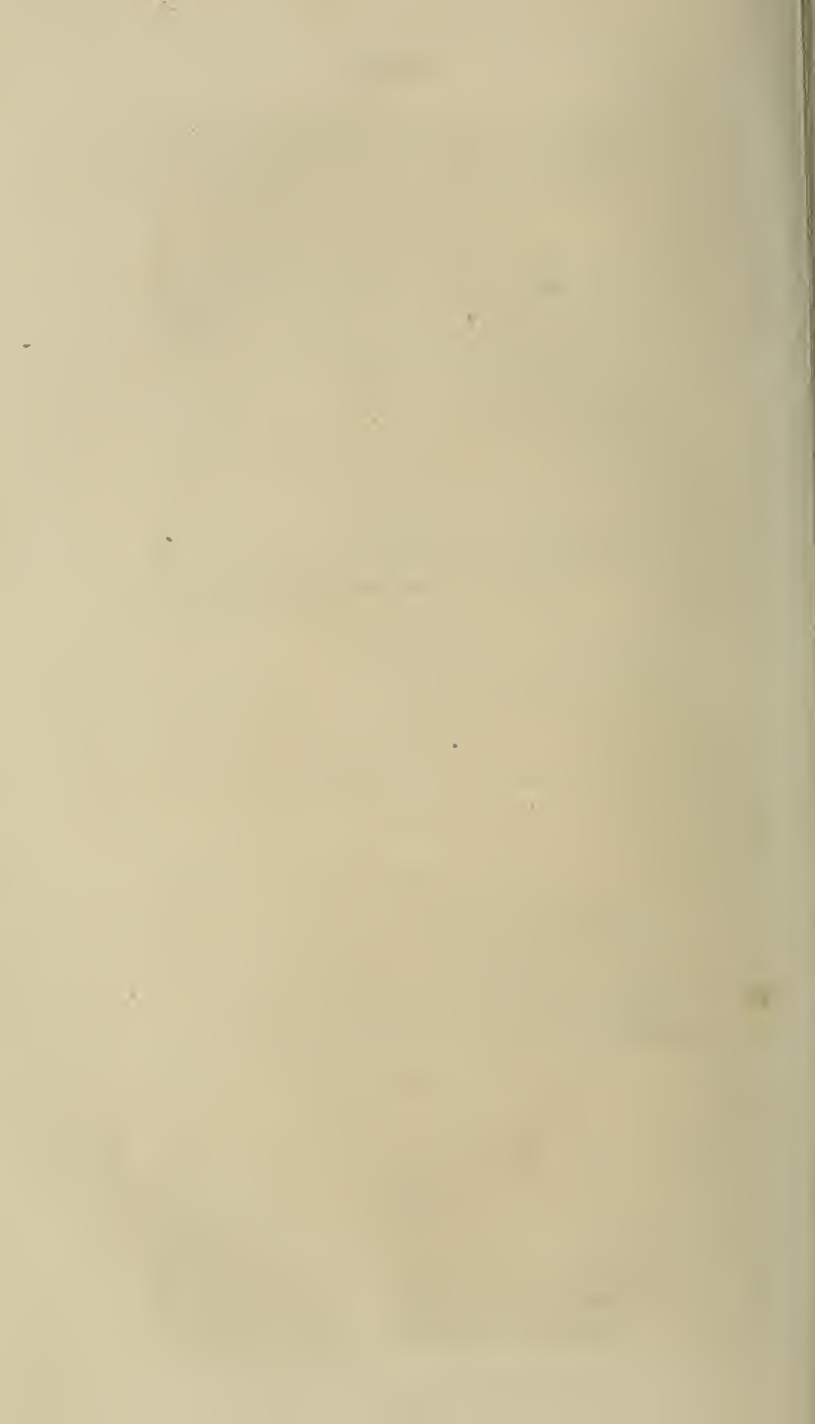
(*Tirando-os.*)
Eil-o, o laurel d'um vate!

CAMÕES

Que fizeste?!...

ANTONIO

(*Erguendo o poema.*)
Se é verdade que tua patria é morta,
Este poema lembrará ao mundo
Que houve outr'ora um Portugal gigante
E—Camões—fôra seu cantor sublime.

FIM

A VIRGEM LOURA

(PAGINAS DO CORAÇÃO)

I

Como é poetica e bella a quadra da infancia!

N'essa primavera da vida, como na primavera do anno, tudo que nos cerca são flôres e perfumes, e tudo que vêmos falla e nos sorri.

Os campos viçosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduzem, o gorgeio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céo, bramindo na voz do trovão, nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

Como é poetica e bella a quadra da infancia! E que saudade, que funda saudade não temos d'esse tempo, quando a nossa alma cheia de decepções e despoetisada pelas miserias da vida se recorda melancholica do passado!

Pelo menos a mim aconteceu-me isso; toda a vez que me lembro dos meus bellos dias de creança, estremeço e sinto que uma lagrima se desfia silenciosa pela face. E gosto d'esta lagrima; quando se chora é porque o coração está vivo,

é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensivel que o lodo do mundo não pôde manchar.

Por isso eu gosto de chorar, e apraz-me, ás vezes, quando estou sósinho, mergulhar o pensamento n'esse passado que já vai tão longe, e pelo poder da imaginação vejo, sinto e goso tudo que vi, senti e gosei n'essa idade de risos e de amores.

Minha querida infancia!

II

Nasci em... não, não digo o nome do logar onde eu nasci. Para que?... Hoje, na casa em que vi a luz, moram estranhos, e estranhos não sabem nem podem comprehender o encanto que eu achava n'essa pequena casa, para mim mais bella que todos os palacios do mundo.

Moram estranhos, e quem sabe? talvez que suas mãos profanas fossem derribar a figueira velha que me vio nascer, e arrancar as roseiras que eu mesmo plantára no canto do jardim!

Oh! se eu entrasse agora n'essa casa, estou certo que ao transpôr a porta cahiria de joelhos, e que a minha alma; trasbordando de saudade, havia de romper em um d'esses choros prolongados e sentidos que revelam uma dôr profunda. Algumas das recordações vagas que conservo se avivariam então, sanctas reminiscencias do lar me cercariam, e com o rosto escondido nas mãos, suffocado em pranto, julgaria ouvir o ecco de vozes já extinctas e soar de novo a meus ouvidos o canto melancholico com que minha mãe acalentava a irmã pequenina!

Não quero entrar n'essa casa; far-me-ia mal...

III

Nasci no campo, e ao desprender-me das faxas infantis, ao saltar do berço, vi quasi ao mesmo tempo o céo e o mar, os campos e as mattas. Não foi na cidade, onde se morre abafado, não; foi ao ar livre, e infante ainda, senti a brisa da praia brincar com meus cabellos e o vento da montanha trazer-me de longe o perfume das florestas.

Que deliciosa vida aquella! Como eu corria por aquelles prados! Que colheita que fazia de flores! Que destemido caçador de borboletas!

Ah! meus oito annos! Quem me dera tornar a tel-os!... Mas... nada, não queria, não; aos oito annos ia eu para a escola, e confesso francamente que a palmatoria não me deixou grandes saudades.

IV

Mas o que me acontecia quando eu era pequeno, aquillo vos quero contar, é uma cousa que de certo tem acontecido a todas as creanças e em que bem poucas terão feito reparo.

Era uma mulher d'uma belleza extrema e de uma graça encantadora que, sempre coroada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se a nossos folguedos e partilhar nossas alegrias e pesares. Era uma virgem; dizia o a pureza de seus bellos olhos e a suavidade da falla.

Apesar de tantos annos, vou tentar pintal-a como a vi na infancia. Se o retrato sahir imperfeito e as côres esmorecidas, desculpem-me; a minha palheta não é variada, e ao tocar n'essas paginas do coração, a mão treme e o pincel ennodôa a téla.

V

Já lêstes aquelle lindo conto de fada que um espirituoso

folhetinista escreveu a proposito de Thalberg? Se o lêstes, quasi que conheceis a minha virgem, porque desconfio que ella e a fada eram amigas muito intimas.

— Era bella, já vos disse, e não acho com que a possa comparar.

— Uma vestal?

— Seria! mas seu rosto divinamente bello, nem sempre tinha essa suavidade angelica das vestaes antigas, e seus olhos, segundo ella me disse depois, se umas vezes morriam de voluptuosidade; outras faiscavam de colêra.

N'aquelle tempo eu vi-a sempre bondosa, terna e ingenua.

Quando ella sacudia aquella cabeça digna da estatuaria antiga, os seus cabellos, seus lindos cabellos louros, presos na fronte por uma grinalda, fugiam e fluctuavam livres em graciosos anneis.

Trajava roupas talares, tão alvas, e tão alvas, que todos nós temiamos manchal-as quando as tocavamos.

Era muito linda; mas o que eu sobretudo admirava, na minha ingenuidade infantil, era a pureza e o brilho de seus olhos azues, que reflectiam a côr do céo. Como eram bellos! Nas horas de oração, de joelhos a nosso lado, ella erguia esses olhos para Deus e conservava-os assim longo tempo como n'um extasi; então eu via que suspensa de suas palpebras, tremia e brilhava uma lagrima como o cristal no lampadario do templo. E choravamos tambem, e uniamos nossas vozes frescas á sua voz melodiosa, que entoava o cantico da infancia, sublime de simplicidade.

A minha virgem vivia sempre cantando; mas fazia-o com tal suavidade, com tal sentimento, que nós, suspensos e immoveis, ficavamos presos a esse doce gorgeio, que nos despertava sensações desconhecidas.

VI

—Mas, perguntará o leitor, quem era essa virgem? D'onde tinha vindo?

—Adivinhem. Veio do céo, e quando Deus concluiu o mundo, ella achou-se de pé no meio da creação esplendida, apparecendo em toda a parte e a todo o momento: de manhã ao despontar da aurora, de tarde ao declinar do dia e de noite ao clarão da lua.

Filha do céo, foi formada d'um sorriso do Eterno, brincou com as azas dos cherubins, e no Eden debruçou-se sobre o hombro de Eva, quando a natureza pasmava diante da mais perfeita obra do Creador.

O seu nome, quando eu era pequeno não o sabia; chamava-a unicamente—a Virgem Loura.

VII

Era muito nossa amiga, nunca nos abandonava, e era bello vêr um grupo de creanças, frescas e alegres como um dia de maio, cobrindo de beijos e caricias essa —Virgem Loura—a quem todos chamavam sua irmã.

Se a tarde era linda, se as aguas quietas do rio reflectiam toda a pureza d'este céo brazileiro, se a brisa ciciava na folhagem da mangueira, então corriamos todos para o campo e iamos folgar á beira do riacho. Ahi cada qual colhia flôres; um trazia rosas, outro açucenas, outro boas-noites; e rosas, açucenas, boas-noites, violetas, e todas as flôres da campina, formavam ramos gigantes e formosas grinaldas com que coroavamos a —Virgem Loura.

Cercada de tanto perfume, coberta de tantas flôres, parecia um verdadeiro jardim! As folhas de rosas escondidas nas suas tranças douradas cahidas no collo, no regaço, por toda

a parte, diminuiam-lhe a alvura das vestes e a pallidez encantadora do rosto. Mas se lhe davamos flôres, ella pagava-nos com beijos.

Outras vezes iamos á praia apanhar conchas, gritavamos com o mar, e o gigante encolerisado bramia e recuava; depois, tranquilla, a onda vinha lamber a areia e fugia murmurando uma queixa.

Se batia o sino —Ave-Marias—ella orava comnosco, e não sei, parecia-me que a oração assim tinha mais valor e que a Virgem Mãe sorria-se satisfeita ás preces da infancia.

Muitas vezes acordando de noite achei a —Virgem Loura— á minha cabeceira; anjo da guarda, velava o meu somno de innocencia e velava tambem o das outras creanças, porque ella reproduzia-se e apparecia em mais d'um logar ao mesmo tempo.

Tudo isso fez com que eu lhe consagrasse uma amizade terna, sancta e profunda, que nada pôde apagar; mas, creio que aos meus companheiros não aconteceu o mesmo. Muitos d'elles, envolvidos no turbilhão do mundo, esqueceram em breve essas scenas e esses amores candidos que matizam o alvorecer da vida.

VIII

Passou-se a idade infantil, entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento expandia-se livre a todos os affectos nobres e sanctos como a flor da solidão aos raios do sol nascente.

Amei.

E quem deixa de amar aos quinze annos? Quem, se n'essa idade a nossa alma se apaixona tão facilmente? Se não fôr a uma mulher, hade ser ás flores, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

Oh! aos quinze annos o coração pede amor como a terra sequiosa pede as chuvas do céo, e como a flôr pendida uma gotta de orvalho. Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios que escaldam desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sêde que os abraza.

Aos quinze annos amei.

Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti; amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

N'essa época de felicidade intima, em que meu coração novel lia pela vez primeira as paginas d'um livro que nunca havia aberto; n'essa época em que a minha alma cheia de enthusiasmo nadava em ondas de harmonia; n'essa época a—Virgem Loura—esteve constantemente a meu lado.

Horas longas e longas, no silencio augusto da noite, inclinada sobre meu hombro, ella murmurava queixumes de amor, e minha mão corria sobre o papel procurando reproduzir o que me fervia na mente.

IX

Fui feliz! muito feliz!

Ás vezes enebriada de tanta ventura, entumecida de tanto gôso, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

Houve então alguem que me chamou poeta.

X

Mas depois... a—Virgem Loura,—voluvel e caprichosa como todas as mulheres, abandonou-me.

Foi n'um dia... lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira d'um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades n'um unico pensamento, o—dinheiro, e que se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia.

Fatal dia! negra hora.

Desde então fugiu-me a—Virgem Loura—e debalde a tenho procurado ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flôres do prado, em tudo; nunca mais a vi!

Hoje a minha alma, arida e triste de tanto sonho dourado e de tanta illusão brilhante, só tem lagrimas para chorar esses bellos dias em que *ella* me dizia os seus segredos divinos.

Ai de mim! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gêlo:—*Nunca mais has de encontral-a.*

—

—Mas quem era a—Virgem Loura?

—A de olhos azues?

—Sim.

—Aquella que eu amava?

—Sim.

—Pois não adivinharam?!... Era a—poesia.

FIM

CAMILLA

MEMORIAS D'UMA VIAGEM

—

Decididamente estamos na epocha dos romances. Está provado que não se póde passar sem elles; todos são necessarios, porque todos são uteis. Uns, deleitam pela suavidade do estillo; outros, são excellentes narcoticos.

Este pertence aos ultimos, e se eu não estivesse convencido de quanta utilidade pode elle ser a um desgraçado que não durma ha tres dias, de certo não o escreveria.

É verdade que incommodo horrivelmente os pacificos cidadãos acostumados ás bellezas de Musset ou de Vigny, de Balzac ou Dumas, mas tenham paciencia: é preciso provar de tudo. Unicamente para não se assustarem dir-lhes-hei que são apenas cinco ou seis capitulos.

Dado este cavaco, que fica servindo de prologo, eu principio.

I

Era uma noite de...

Ah! é verdade: ia-me esquecendo de lhes dizer que este capitulo passa-se em Lisboa. Eu torno a principiar.

Era uma noite de fevereiro de 1856; noite tempestuosa, fria, aborrecida.

Fechado no meu quarto sósinho, ao lado a penna e o tinteiro, debruçado sobre um livro eu estudava.

O relogio acabára de bater pausadamente onze horas. Fechei o livro, encostei a cabeça a uma das mãos e comecei a pensar.

A chuva fustigava fortemente os vidros, o vento zunia pelas frestas da janella, e aquella monotonia e aborrecimento d'uma noite chuvosa foi-me pouco a pouco intorpecendo o espirito até que caí n'uma especie de tristeza, direi melhor d'indolencia, que me é frequente e que mesmo não sei definir.

Em que pensava eu?

No Brazil, em minha mãe, na minha infancia.

É muito triste estar-se longe da patria, é. Sempre esse mesmo pensamento na mente, sempre essa mesma saudade no coração!

Abri maquinalmente a minha pasta e comecei a folhear distrahido os pobres manuscriptos que a enchiam. Aqui era uma copla apaixonada, além um suspiro de proscripto, um canto de saudade! No mesmo caderno de papel, d'um lado as primeiras scenas d'uma comedia, do outro o esboço d'um romance, intertenimento das minhas horas vagas.

Mocidade! mocidade! Quadra de sonhos, de esperanças, d'illusões!

E qual é o rapaz que á noite no meio d'um silencio augusto, não pensa, não fantasia e não entrega ao papel as primeiras notas tremulas de sua lyra, as primeiras creações defeituosas de sua imaginação ardente?

Nenhum.

E o proscripto?

Oh! esse medita e chora, e na oração da noite que rebenta fervorosa d'alma, pede a Deus que o leve a ver outra vez o ceo sempre poetico da patria, os campos sempre formosos da terra que o viu nascer.

De repente entre os meus papeis deparei com um numero já antigo do *Braz Tisana*. Sorri-me como outro qualquer teria feito. Era a jovialidade que me vinha visitar, era o estyllo estouvado, cheio de espirito e malicia do chistoso companheiro da Gertrudes que vinha arrancar-me das sorumbaticas reflexões em que eu estava atolado.

Depois de ler a carta do boticario que aponta sem dó os ridiculos d'esta sociedade enfatuada, continuei a remecher na pasta, que—sem ser preciso abrir parenthesis—era um bazar em miniatura, uma verdadeira torre de Babel de confusão.

Cousa estranha! Dou com outro numero do *Braz Tisana*!

Este não trazia correspondencia, mas em paga apresentava o começo d'um lindo capitulo do romance de Arnaldo Gama—*O Genio do mal*.

Li o folhetim com avidez e daria tudo para ler a continuação. Desde que este romance se começou a publicar no *Braz Tisana*, seguiu-o sempre com o vivo interesse que sabe despertar o seu talentoso auctor, e ora pensando no corpo airoso e flexivel de Maria a namorada de Filippe, ora sonhando com essa Mathilde endiabrada, ardente e caprichosa, comecei a sentir uma vontade extraordinaria de ver a cidade do Porto onde se desenrolam as scenas d'esse drama immenso.

Ora já vêem que a leitura do folhetim tinha mudado completamente o curso das minhas idéas. Comecei pois a fantasiar o Porto.

Vi a cidade invicta recostada soberba nas suas collinas, e

o Douro que lhe banha os caes, estorcendo-se por entre margens pittorescas, lançar-se no oceano depois de espumar raivoso nos rochedos da Foz. Subi, no pensamento a rua de Santo Antonio e entranhei-me no amago da cidade. Passei pelo decantado sitio das Fontainhas, sentei-me no jardim de S. Lasaro, vi a Praça Nova, entrei no Guichard, orei em Santo Ildefonso, debrucei-me na ponte pensil... e finalmente depois de muito cançado instalei-me na Aguia de Ouro!

E o vapor saia no dia seguinte! E se eu fosse de passagem n'elle, como saudaria com alvoroço essas muralhas venerandas que supportaram o terrivel ribombo dos canhões d'um cerco violento! Como eu diria com enthusiasmo, de pé na popa do vapor: salve Porto! realisou-se emfim o meu sonho porque te vejo ainda melhor do que te fantasiara!...

Estava com estes pensamentos quando o relogio batia onze e meia.

Maldito relogio, vieste desfazer o meu poetico castello!

Onze e meia! murmurei eu, são horas de me deitar. Fechei a pasta, guardei os livros, despi-me e... com o maior socego do mundo enfronhei-me em valle de lençoes.

A chuva continuava a cair, alguns relampagos de vez em quando allumiavam o espaço, e um silencio immenso só quebrado pela queda da agoa, envolvia o meu quarto.

Como é bello estar na cama bem agasalhado n'uma noute de chuva! Dorme-se que é um regalo!

Foi por isso que não conversei muito tempo com o travesseiro. Dous minutos depois, se não estava morto, tambem não dava muitos signaes de vida. Podia chover, trovejar, tocarem musica ou dançarem, para mim era o mesmo. Dormia a bom dormir!

II

Era uma bella manhã. O rio estava formoso, o sol brilhava vivido, e o *Duque do Porto*, coroado por um pennacho de fumo, prompto a sair, balançava-se nas aguas do Tejo.

Um bote impellido por dois remos afastava-me do caes das columnas, aproando direito ao vapor. Eu tambem ia para o Porto; ia ver a perola do Minho que se debruça graciosa sobre a corrente ligeira do Douro.

E o vapor cortava rapido a veia do rio e deixava apoz si Lisboa, Belem, Paço d'Arcos, e passando entre o Bugio e S. Julião barra fóra, affrontava destemido os vagalhões do oceano oscillando de popa á proa.

Gosto muito de estar embarcado: satisfaz-me o contemplar o occeano em toda a sua vastidão e isolamento; acho poesia immensa no ceo profundo d'uma noite de Maio, quando as estrellas espalham seus reflexos tremulos sobre as aguas agitadas: é-me grato ao ouvido o canto monotono do marujo repassado de saudade... mas todas as vezes que me embarco — enjôo.

Ora, não sei se sabem, o enjôo é a molestia mais estupida do mundo; torna o homem n'um estado quasi bruto, enfraquece ao mesmo tempo o corpo e o espirito.

Apenas tinha o vapor transposto a barra, já quasi todos os passageiros se haviam recolhido a seus beliches. Eu, a muito custo, resistia ainda. Sentado n'um banco, com os olhos fitos nas vagas que espumavam ao longe, não sei verdadeiramente dizer em que pensava n'aquelle momento — se é que realmente eu pensava!

A meu lado estava um sugeito a quem nem sequer me dei ao incommodo de analysar as feições.

— O sr. vae para o Porto, não? disse-me elle.

Levantei a cabeça e olhei para o homem admirado. A per-

gunta era tola. Para onde diabo havia eu ir senão para o Porto! Só se me levasse a breca, porque n'esse caso ia para o outro mundo.

O meu amigo parecia esperar a resposta.

Respondi-lhe affirmativamente inclinando a cabeça.

—É a primeira vez que lá vae? continuou elle.

O mesmo signal com a cabeça.

—Pois o sr. nunca foi ao Porto?!..

Signal negativo da minha parte.

—Pois olhe, admira.

Eu fiquei immovel.

—O Porto é uma bonita cidade.

Encolhi os hombros.

—Tem boas ruas, soberbos edificios, muito commercio, excellente vinho, grandes cebolas, raparigas lindissimas, etc. etc. etc. e o homem continuou, n'um tom de declamação theatral, a tecer o elogio do Porto. Logo vi pelas primeiras palavras, que estava a contas com um minhoto, era preciso ser um santo para encarar a sangue frio a terrivel maçada que me ameaçava.

—Meu caro Senhor—disse-lhe eu erguendo-me e cambaleando já meio atrapalhado com os balanços do vapor,— —queira desculpar-me, porém não me sinto bom, preciso estar deitado... e se me dá licença...

—Ah! ah! disse elle, rindo-se com um modo aparvalhado, já está enjoado hein? é falta de costume. Olhe—continuou elle em quanto eu descia a escada da camara—a gente estar deitada é ainda peior; coma bem, beba melhor, passeie e o enjôo vae-se.

—Obrigado, respondi eu cortezmente; e cá comigo accrescentei—forte bruto!

Quanto tempo estive deitado, não sei; ergui-me só quando ouvi alguns passageiros exclamarem: avista-se o Porto!

Avista-se o Porto! repeti eu; então quero cumprir a promessa que fiz em Lisboa, quero de pé, sobre a popa do vapor, saudar a cidade invicta.

E nós avançavamos sempre, e eu dizia: eis o celebre Cabedello, eis o castello da Foz, ali é o pharol de N. S.ª da Luz; e quando entrei a barra accrescentei tambem: aqui, d'encontro a estes rochedos, tem naufragado muitos navios, tem perecido muitas pessoas! E a lembrança do vapor *Porto* cruzou-se-me no pensamento, e inclinei-me insensivelmente sobre o abysmo para recolher um gemido, um ai pungente de agonia d'alguma victima, ou para descobrir as formas graciosas d'essa donzella pallida que as ondas engoliram.

A cidade do Porto é linda. Que magestade e que poesia não tem o Douro rolando impetuoso! E a torre dos Clerigos, erguendo-se colosso por sobre tudo que a cerca!... E ao fundo d'esse painel soberbo a serra do Pilar com todas as suas recordações gloriosas!...

E eu, de braços cruzados, contemplava mudo o theatro d'uma lucta gigante, fratricida sim, mas em que a liberdade havia campeado; contemplava a cidade que recebera em seu seio o vencido de Novara, cuja morte inspirara ao grande lyrico portuguez um dos trechos mais sublimes da poesia moderna.

Quem ha ahi que não saiba de cór o — *Ave Cesar* — e que em frente do Porto não saude com enthusiasmo

Esse berço de muralhas
Que fez livre Portugal?!
. . . .

Uma hora depois desembarcava, e olhava para tudo com attenção, porque tudo para mim era novo. Eu que tinha

quasi a certeza de não encontrar ali pessoa alguma conhecida, de repente, ao dobrar uma esquina, dou cara a cara com um antigo condiscipulo meu.

—Ernesto!

—Casimiro!

Dissemos ao mesmo tempo um e outro, e ambos nos abraçámos.

—Já cá estás ha muito? perguntou-me elle.

—Agora mesmo desembarco; e tu?

—Ha mais d'um mez.

—Em que hospedaria?

Na Aguia de Oiro.

—Na Aguia de Oiro?!

—Sim, na Aguia de Oiro. Porque diabo te espantas?

—Com a fortuna! É justamente para onde vou, e encontro-te logo por companheiro! Na verdade, se tudo aqui me correr assim, sou feliz, não ha duvida.

—Vens tratar d'algum negocio?

—Não, vim passear; vim ver uma cidade que ainda não tinha visto.

—Então deixa estar, heide mostrar-te o Porto por dentro e por fóra. Enfia o braço; vamos á Aguia de Oiro.

—Pois vamos.

—E a tua bagagem?

—Já lá vae adiante.

—Bom.

E depois de caminharmos um pedaço, olhando um para o outro, exclamámos ao mesmo tempo:

—Ora que ratice!... Encontramo-nos sem esperar, no fim de tanto tempo de separação!

E ambos soltámos uma gargalhada de rapaz estouvado.

III

É rara a hospedaria de romance que não se chame Aguia de Oiro, Leão de Oiro, Urso Branco, Urso Vermelho, ou outra coisa similhante; no entanto affirmo que aquella em que me installei não é invenção minha, porque lá existe com effeito no Porto a hospedaria da Aguia de Oiro.

Foi pois para ella que caminhámos, Ernesto e eu, conversando alegremente, e no fim d'um quarto de hora estavamos a contas com o estalajadeiro que a pedido meu, alojou-me no mesmo quarto que Ernesto occupava.

Sem saber porque, ia fazendo o mesmo que o meu amigo fazia com toda a negligencia; mudava de toilete.

—Não sei se sabes que me caso hoje, disse-me elle com a maior seriedade, em quanto arranjava o laço da gravata diante d'um espelho.

—Dou-te os parabens, respondi eu rindo-me, porque tomava o negocio por brincadeira.

—Espero da tua amisade, continuou elle cada vez mais serio, que serás meu padrinho.

—Essa é boa! tornei-lhe eu, não sabendo se devia acreditar ou não: estou prompto. Mas dize-me, a noiva é moça ou velha?

—Vinte e seis annos.

—Bonita ou feia?

—Linda como os amores.

—E chama-se? * * *

—Camilla * * *

—Ora essa! disse eu, deixando caír insensivelmente uma bota que ia calçar.

—Tu conhece-la? perguntou-me Ernesto.

—De nome.... de nome; tenho ouvido fallar muitas vezes n'essa mulher...

—Romantica, não?

*

—Romantica, sim, romantica; e mau grado meu, soltei uma gargalhada forçada.

—Pois é verdade, caso-me com ella hoje.

—Por amor?

—Ora, filho, tornou-me Ernesto, deves saber que é palavra que não ha no meu diccionario. Ella casa-se comigo por capricho, por phantasia; e eu cedo a essa phantasia, a esse capricho, porque ambiciono ser rico, porque casando-me venho a ser possuidor da fortuna colossal de Camilla. No entanto, accrescentou elle pensativo. ha uma coisa que me intimida. Esta mulher tem querido esposar tres rapazes e todos tres morreram horas antes da festa nupcial; da quarta vez dizem que morre ella, mas pode muito bem succeder o contrario, e se a cubiça me impelle a dar este passo, a razão faz-me recuar aterrado.

Ernesto estava pallido quando acabou de fallar e tinha-se deixado cair sobre uma cadeira, brincando com a corrente do relojio.

Eu, encostado á commoda, immovel como uma estatua, sentia que não estava no meu estado natural. Tinha visto em Lisboa Camilla, e a sua imagem tinha-me ficado gravada em fogo na mente. Não podia ficar impassivel vendo-a lançar-se nos braços d'outro homem: não podia a sangue frio ver desvanecer-se o mais bello sonho da minha vida.

E se a Camilla de Ernesto não fosse a mesma? Era quasi impossivel; mas emfim sempre era uma esperança.

Perguntei-lhe pois se tinha o seu retrato.

—Olha, disse-me elle apontando para a commoda, abre essa segunda gaveta de cima; hade ahi estar.

Abri a gaveta, e peguei n'um retrato cravado no meio d'uma rica moldura. As mãos tremiam-me e o coração batia fortemente. Olhei.... e apesar de não ser da moda, estive quasi a soltar um grito de raiva. O retrato era de Camilla.

—Meu querido Ernesto, disse-lhe eu, se te casares estimarei que sejas feliz; mas não posso ser teu padrinho, peço-te que me dispenses.

—Então porque?

—Ora, Ernesto, se tu amasses uma mulher de certo não irias assistir ao seu casamento com outro.

Ernesto levantou-se e travou-me da mão.

—Amas Camilla!? perguntou-me elle.

—Amo-a, sim.

—E ella?

—Não sei; ou para melhor dizer: nem me conhece, porque lhe fallei unicamente uma vez.

—Oh! Oh! fez Ernesto estalando um phosphoro e mordendo com todo o vagar um charuto de pataco, temos paixão romantica?! Estou com vontade de saber essa historia.

—Pois eu t'a conto. É simples como o são todas as historias de amor. Camilla esteve em Lisboa, vi-a como todo o mundo a viu; mas o que talvez ninguem fez, fiz eu: amei-a: Crusei um segundo os meus olhos com os d'ella, e aquelle olhar terno e languido fez-me mal. Desde a primeira vez que a vi pensei só n'ella, segui-a por toda a parte porque tinha necessidade de a ver, era um iman que me attrahia.

Escuta, Ernesto, era uma paixão louca, uma effervescencia dos sentidos, um desvario da razão. Teria dado metade da minha vida por um beijo d'aquella mulher; teria até dado a minha alma para rolar-me como um sibarita no divan em que ella tivesse estado reclinada, para aspirar os perfumes embriagantes que a cercavam.

Uma noite fui a S. Carlos, ella lá estava n'um camarote, bella, deslumbrante de joias e belleza, seductora! Representava-se o *Trovador*. No intervallo do 2.º acto fui apresentado por um amigo meu e ella recebeu-me com um sorriso.

A nossa conversação foi pouco a pouco caindo no amor. Eu

estava extatico quando ella fallava; cada palavra d'aquella mulher, coada por entre dois labios extremamente voluptuosos, vibrava-me ao mesmo tempo no ouvido e no coração.

—O senhor já amou? perguntou-me ella.

—Amo, minha senhora; respondi-lhe eu.

—E o que daria a essa mulher que ama?

—Todos os meus pensamentos por um beijo seu.

—Oh! disse Camilla, como duvidando.

—Toda a minha vida por uma hora da sua, accrescentei olhando-a fixamente.

Ella guardou silencio.

—A salvação da minha alma, se na hora derradeira ella jurasse que me tinha amor.

Camilla sorriu-se e respondeu-me: é muito. Depois, erguendo os olhos, disse em voz muito baixa:

—Eu se amasse um homem, dava-lhe..... o meu amor.

E correu a platéa inteira com o seu oculo de marfim.

Desde essa noite, Ernesto, nunca mais a vi!

Mal tinha acabado estas palavras quando uma carruagem parou á porta do Hotel.

—Vem a proposito, disse Ernesto depois de ter chegado á janella.

—O que? A carruagem?

—Sim; é o trem de Camilla que vem buscar-me.

—Deixas-me já?

—Pelo contrario, levo-te comigo.

—Estás doido!...

—O que! Pois recusas acompanhar-me?

—A casa d'ella, recuso.

—Mas é que nós não vamos agora lá.

—Então acompanho-te.

Descemos a escada, e dois minutos depois rodava a carruagem ao largo trote de dois magnificos cavallos.

FIM DE TODAS AS OBRAS DE CASIMIRO D'ABREU.

ADVERTENCIA DO EDITOR

Quando em 1864 fiz em Lisboa a primeira edição das=*Primaveras*=de Casimiro d'Abreu, já tinha em minha mão os juizos criticos que n'esta apresento, collegidos de differentes jornaes portuguezes e brazileiros; mas, respeitador da propriedade alheia, limitei-me tamsómente em dar ao prelo o que tratei com o author em vista do nosso contracto.

Aconteceu, porém, que nos fins de 1866. querendo eu fazer nova edição das=*Primaveras*=constou-me que no Porto se estava fazendo uma outra, violando os direitos da minha propriedade. Assim foi. E vendo eu n'esta edição os juizos criticos acima apontados=apesar da minha já estar principiada=não pude deixar de adornal-a com tão bellos trechos de litteratura brazileira: juntei-lhe novas poesias e um romance *A Virgem loura*, tudo publicado em differentes jornaes brazileiros; bem como o=*Camões e o Jáo*=scena dramatica, e um romance em prosa intitulado=*Camilla*=publicado na ILLUSTRAÇÃO LUZO-BRAZILEIRA, o qual o author deixou por concluir.

Sendo esta minha edição a mais completa das obras de Casimiro d'Abreu, não pude fugir ao prazer de lhe juntar todos os juizos criticos de insignes escriptores brazileiros, que tão honrosos são para o poeta. Se a tanto me atrevi foi por os ter visto n'essa edição do Porto com a qual desejo competir no mercado. Comtudo, peço aqui desculpa aos seus authores a quem de bom grado offerecêra um exemplar d'esta minha nova edição se me fosse possivel saber as suas residencias.

INDICE

—

PRIMAVERAS

LIVRO I

BRAZIANAS

CANTICOS

LIVRO II

LIVRO III

LIVRO NEGRO

SUPPLEMENTO ÁS PRIMAVERAS

COLLIGIDAS DA ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA, E ALMANACH DE LEMBRANÇAS
DO PANORAMA, E DE OUTROS DIFFERENTES JORNAES BRAZILEIROS

PROSA

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol... 22:000
Encadernada... 27:000
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol, em papel... 11:600
Encadernados... 13:600
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S M. el-rei o sr D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras..... 200

M. M. B. DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol 4:320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol 2:880

LIMA LEITÃO

Natureza das Cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º........ 800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr................ 1:200

REBELLO DA SILVA

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr................ 960
A Mocidade de D. João v. c. d em 5 actos................ 480
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. 300

MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 360
Homem de Oiro, d em 3 actos, continuação dos Homens de Marmore, 1 vol. 8.º fr 300
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. 400
Pedro, d. em 5 actos, 2.ª ed 1 vol 8.º fr.........., ... 400
A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. 480
Canticos, 1 vol. 8.º fr........... 720
Alva Estrella, d em 5 actos.... 300

F SOARES FRANCO

Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões................. 1920

ANTONIO DE SERPA

Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr................ 400
Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr.......... 320

F D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da Rainha D Maria II. completa 3 vol em folio ... 6:750
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo...... 300
Minhas Lembranças, poesias..... 500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol 8.º fr........ 720
Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr................ 400

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 4.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr.................. 600
Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.... 360
Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol 8.º fr.......... 400
O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol 8.º............ 160
A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol 8.º fr.......... 160

A CEZAR DE LACERDA

Um Risco, c em 2 actos 160
Scenas de familia, c. em 2 actos. 320
A Duplice existencia c. em 4 actos..................... 240
A Probidade c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed........ 300
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos 360